

MARISSA FARRAR

A person with long, dark hair in a single braid, seen from the back. The person is shirtless, and their hands are visible at the sides, holding onto something. The background is dark and moody.

DELIVERED DETAINED

the monster trilogy: book three

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

MARISSA FARRAR

DELIVERED
DELIVERED

the monster trilogy: book three

A.D.T

3 Anos de
Vício

Sinopse

Lily

Cativa nas mãos de um adversário perigoso, Lily é o pagamento por uma dívida que não era dela. Há mais vidas em risco do que apenas a dela, mas sua necessidade de ajudar os outros pode apenas colocar ela na posição que ela mais teme. Ela pode resistir aos encantos sedutores do inimigo de Monster, ou ela será vítima tanto dele quanto dos homens ao seu redor?

Monster

Lutando por sua vida, a única razão de Monster para viver é ter Lily de volta. Quando uma figura de seu passado entra novamente em sua vida, Monster tem que desvendar seu passado de seu presente para descobrir seu futuro.

Entregue.

Monster e Lily encontrarão o caminho de volta um para o outro, ou as forças internas e externas os manterão separados para sempre?

Lacamen

MARISSA FA

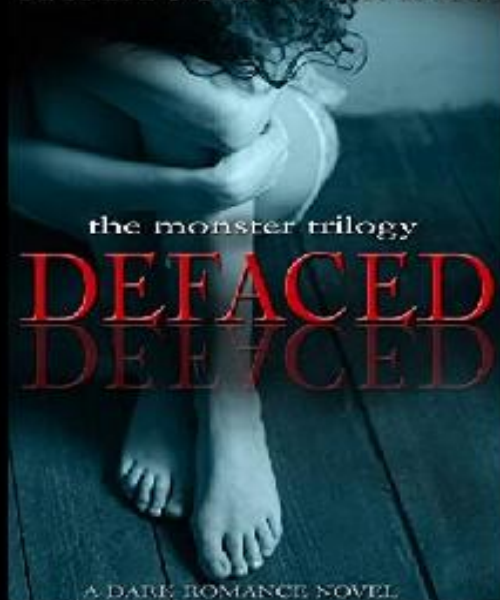
DELIVER
DETIAE

the monster trilogy: b

A Series

MARISSA FARRAR

MAR



MARISSA FARRAR

MAR





Um

Lily sabia com certeza absoluta que o homem que estava diante dela era aquele que queria possuir ela.

Monster rosnando um nome disse a ela sua identidade.

Rodriguez.

Um dos homens de Rodriguez segurou a garota que eles haviam resgatado do Mãos de Cigarro, Jess, por trás, a mão sobre sua boca para abafar seus gritos. Além de Rodriguez, três outros homens estavam de pé, encostados no Land Rover preto. Então ela percebeu o que ela não tinha antes, um segundo veículo idêntico estacionado mais adiante na estrada.

Ela olhou para trás com medo. —Monster?

Ele olhou para ela, segurando o ferimento à bala no ombro, que Cameron havia infligido, usando a arma dela, pouco antes de Sean Hamilton atirar em Cameron. O sangue continuou a fluir, saturando a camisa de Monster. Seu rosto estava pálido, a perda de sangue fazendo com que sua marca de nascença remanescente se destacasse fortemente contra sua pele.

—Sinto muito, Flor.

Ela nunca o tinha visto assim antes. Ele parecia enfraquecido pela perda de sangue, mas mais do que isso, ele parecia assustado.

Ela nunca o tinha visto assustado antes.

—O que? — Ela disse, olhando para ele em desespero. —Não...

Ele estava desistindo dela. Ela podia ver em seus olhos. Até ele sabia que era uma causa perdida. Eles perderam todos do seu lado, e se Monster não conseguisse ajuda logo, ele morreria.

Atrás deles, na pista de pouso, o avião que Monster ordenou que fosse incendiado continuou a queimar com um rugido constante, intercalado com estalos e explosões mais altas. Ela podia sentir o calor aquecendo suas costas e tudo ao seu redor. O fedor de combustível queimado, borracha e plástico encheu o ar, e uma espessa coluna de fumaça preta percorreu o céu azul brilhante.

Incendiar o avião tinha sido inútil, ela percebeu.

Considerando o número de mortos desde então, não havia motivo para queimar o avião para esconder os corpos dos traficantes. Agora eles estavam cercados por homens mortos, Cameron, Mason e Evans. Sean estava morto também? Ela arriscou um olhar. O outro homem estava caído no chão, o sangue ensopando sua camisa. Ela não achava que ele estava morto ainda, mas provavelmente não duraria muito mais tempo.

A polícia estaria aqui em breve. Não havia como a explosão do avião passar despercebida. A explosão teria sido vista diretamente da base do Corpo de Fuzileiros Navais, e a fumaça seria vista de ainda mais longe. Nos dias de hoje, alguém teria instantaneamente pensado em terrorismo e relatado isso.

Lily só esperava que Rodriguez e seus homens não tivessem pensado na possível chegada dos policiais. Se a polícia chegasse aqui, ela poderia ter alguma chance de ser resgatada, e Monster ganharia atenção médica. Mesmo se ele acabasse atrás das grades, pelo menos ele estaria vivo.

—O que você quer que façamos, chefe? — Um dos homens perguntou a Rodriguez.

—Agarre a mulher. Ela é minha agora.

O pânico deu um soco no peito de Lily, e ela girou nos calcanhares

para correr. Naquele momento, ela não estava pensando sobre o fato de que ela deixaria Monster e Jess com os capangas do outro homem, ou que ela estaria voltando para o campo de aviação, que estava atualmente em chamas. Seu instinto de corrida acelerou e seu único pensamento era fugir.

Ela se lançou para a porta do hangar, mas algo grande e duro a atingiu por trás, jogando ela no chão. Seu queixo bateu contra o cascalho, os dentes batendo juntos tão alto que ela se preocupou que pudesse ter quebrado um par.

Lily gemeu, a dor nadando em cada músculo e junta. Um corpo rígido pressionado contra ela, algo empurrando contra seu traseiro.

—Eu a peguei, chefe, — uma voz masculina grunhiu bem ao lado de sua orelha. Ela sentiu o empurrão contra sua bunda novamente, e sua alma encolheu quando percebeu que ele estava esfregando sua virilha contra ela.

—Saia de cima dela, Marco, — chamou Rodriguez. —Eu já disse que ela é minha agora. Você pode ficar com ela quando eu terminar com ela.

O homem, Marco, se inclinou e falou baixo em seu ouvido. — Pena. Encontro você mais tarde.

Lily deixou escapar um soluço e se viu sendo puxada pela parte de trás da camisa, o decote estrangulando sua garganta. Ele a girou e empurrou ela de volta para os veículos. Jess estava olhando para ela com medo e tristeza em seus olhos, lágrimas brilhando em suas profundezas azuis, e a vergonha tomou conta de Lily. Ela tentou fugir e deixar Jess aos capangas daquele homem, quando ela prometeu à menina que iria manter ela segura.

Fracamente, ao longe, veio o uivo ondulante das sirenes.

Todas as cabeças se viraram na direção do som.

—Maldição, — Rodriguez amaldiçoou.

—Vamos sair daqui chefe, — disse o homem que a segurava.

Ele deu um aceno de cabeça. —Leve as meninas para o veículo.

—E eles? — Marco perguntou, sacudindo a cabeça em direção a Monster e Sean.

—Não podemos deixar ele aqui, — disse Rodriguez, acenando com a cabeça para Monster. —Ele sabe demais para deixar ele para os policiais e, além disso, ainda precisamos dele para os negócios. Ele tem muitos contatos para vê-lo morto. Teremos que trazê-lo conosco até que possamos descobrir o que fazer com ele.

Uma pequena parte do coração de Lily se ergueu. O que quer que venha a acontecer com ela, eles não queriam matar Monster. Ele ainda pode sair dessa vivo.

—E o outro?

Rodriguez deu uma olhada em Sean e franziu o nariz. —Deixe. Ele está praticamente morto.

As lágrimas encheram os olhos de Lily quando ela olhou para o corpo caído de Sean. O outro homem nunca tinha sido sua pessoa favorita, especialmente depois que ele próprio a sequestrou, mas ela não queria ver mais ninguém morto.

A ideia de pessoas mortas a fez pensar em Cameron. Ela o imaginou nunca voltando para seu apartamento, do futuro que ele nunca teria agora, tudo por causa dela. Ela desejava mais do que qualquer coisa poder voltar no tempo e se afastar dele naquele dia, em vez de pedir sua ajuda. No fundo, ela sabia que tudo isso iria causar problemas.

Ultimamente, tudo em sua vida gerou problemas.

Marco deu outro empurrão por trás. Ela se retorceu em seu aperto, desejando que pudesse lutar contra ele, mas muitas armas ainda estavam apontadas para ela e Monster. Fazer qualquer coisa estúpida provavelmente acabaria com um ou ambos recebendo uma bala na

cabeça.

—Deixe ela em paz, — disse Monster. Parecia que ele tentou gritar a demanda e só conseguiu um grasnido. Ele estendeu a mão para ela, mas sua mão tremia. Ele não tinha chance contra três homens armados quando estava gravemente ferido. O coração de Lily se apertou de dor, ele ainda estava tentando lutar por ela, mesmo agora. Uma bola dolorida sufocou sua garganta e sua visão inundou com novas lágrimas. Mesmo quando tudo estava perdido. Ela entendeu agora os motivos pelos quais ele esteve tão determinado a fazer ela começar uma nova vida. Era disso que ele estava tentando proteger ela. Cada decisão que ela tomou foi errada? Ela deveria simplesmente ter ido quando ele mandou, em vez de fazê-los vir nesta missão maluca?

Parte dela sentia que deveria, mas, se tivesse, Monster ainda não teria tido problemas com este homem? Além disso, eles nunca teriam salvado as mulheres no contêiner de transporte, e Mãos de Cigarro e seu comparsa ainda estariam continuando seu comércio. Se ela tivesse partido, talvez algumas vidas tivessem sido salvas, mas na verdade ela estaria apenas salvando a si mesma.

—Amarre as duas meninas, — ordenou Rodriguez, —e jogue elas na traseira. — Ele acenou com a cabeça em direção a Monster. — Coloque ele no outro veículo.

Marco enfiou a mão no Range Rover e puxou a corda que eles devem ter trazido especialmente para a ocasião. Trabalhando rápida e habilmente, ele amarrou suas mãos atrás das costas, enquanto o outro homem trabalhava em Jess.

Lily olhou nos olhos de Jess. —Não se preocupe. Vai dar tudo certo.

As sirenes ficaram mais altas. Os policiais não podem estar longe.

Rodriguez riu de sua tentativa de acalmar a outra mulher. —Não, não vai. Nada vai ficar bem para nenhuma de vocês novamente.

Marco e o outro homem as empurraram na parte de trás do primeiro Range Rover, então elas ficaram deitadas de lado, cara a cara. A porta traseira se fechou, errando por pouco seus pés. Lily ergueu a cabeça, tentando ver o que estava acontecendo. Ela precisava desesperadamente saber o que aconteceria com Monster. Houve um movimento além da janela traseira e ela se esforçou mais para tentar ver. Os homens pegaram Monster e o empurraram em direção ao outro veículo. A cabeça de Monster pendeu, como se seu pescoço fosse incapaz de suportar o peso de seu crânio, e seus pés se arrastaram pelo chão. Ela desejou que ele lutasse contra eles, orando por um milagre, mas o que ele poderia fazer?

A porta do motorista abriu e fechou novamente, e o motor rugiu para a vida. Eles partiram, pneus cantando no asfalto. Lily e Jess foram jogadas de um lado para o outro enquanto o veículo fazia curvas muito rápido, em um esforço para sair da área antes que a polícia chegasse ao local.

Ao lado dela, Jess soluçou baixinho.

—Ei, — ela sussurrou para a garota. —Nós vamos dar um jeito nisso. Não desista.

A garota nem mesmo fez contato visual. —Eu sou tão estúpida, — ela chorou baixinho. —Por um momento, eu me permiti pensar que tudo ia ficar bem.

—Ainda pode ficar. Vamos encontrar uma maneira de sair dessa.

—Não, eu não posso lutar mais. Terminei. Eu só quero que tudo acabe.

—Não desista, — disse Lily, uma mistura igual de desespero e culpa crescendo dentro dela.

—Cale a boca, vocês duas, — Marco gritou. —Ou teremos que ir aí e calar sua boca.

Jess se encolheu em resposta, seus olhos bem fechados, seu corpo se curvando na posição fetal tanto quanto o espaço apertado permitia.

Lily gostaria de ter a arma de volta e as mãos desamarradas. Ela teria atirado em cada um dos homens sem hesitação. Sua raiva aumentou. Ela ergueu a cabeça ligeiramente para ver as costas novamente, esperando que os homens não notassem. Ela teve um vislumbre do outro veículo que o seguia. Eles haviam deixado o avião em chamas bem para trás, embora a fumaça negra que ele emitia tivesse se reunido em uma nuvem acima do campo de aviação.

O Range Rover continuou se afastando do local, levando-os para mais longe de qualquer chance de resgate.

De repente, Lily ouviu a sirene de um carro de polícia, ficando mais alta a cada segundo. O veículo provavelmente era um reserva extra, indo para o campo de aviação, mas parecia que iria ultrapassá-los. Os dois veículos grandes idênticos não eram exatamente imperceptíveis. Certamente a polícia perceberia que eles pareciam suspeitos e os pararia para verificar as coisas.

—Vá devagar, porra, — rosnou Rodriguez. —Encoste aqui. Vamos atirar nos filhos da puta se for preciso.

O coração de Lily se apertou de esperança. Isso poderia ser seu resgate? Ela arregalou os olhos para Jess, tentando fazer ela reconhecer o que estava acontecendo ao seu redor, mas a garota olhou para um ponto no chão do Range Rover, nem mesmo olhando para Lily.

Um pulso de luz azul e vermelha entrou no veículo. Marco começou a encostar, os dois homens na frente liberando as travas de suas pistolas. Lily se preparou para um tiroteio, mas a sirene e as luzes passaram direto por eles.

Os dois homens soltaram uma gargalhada e um grito. —Parece que é nosso dia de sorte.

Desta vez, Lily não conseguia nem olhar para Jess. Talvez a outra mulher estivesse certa. Talvez este fosse o fim e ela devesse desistir de todas as esperanças. Seus pensamentos foram para Monster, sozinho e ferido no outro veículo. O que ele estava pensando agora? Ele estava

com medo por si mesmo ou apenas por ela?

Ele morreria?

Lily não conseguia sequer contemplar o pensamento.

Na frente, um celular tocou. —Sim, — Rodriguez respondeu. Ele ouviu por um momento. —Leve ele para uma das casas seguras. As pessoas lá sabem manter a boca fechada. E certifique-se de que ele não faça nada estúpido. Deixe ele saber que, por tudo que ele fizer, tiraremos o dedo da mulher pela qual ele tanto corre risco.

Seu coração parou. Eles estavam falando sobre o Monster, ela tinha certeza disso. Bem naquele momento, ela não se importava com ela mesma, ela só queria que Monster aparecesse vivo.

Lily ergueu a cabeça o suficiente para ver o segundo veículo pegar a saída pela qual eles acabaram de passar. Ela mordeu o lábio inferior com força suficiente para sentir o gosto de sangue, contendo os soluços. O Range Rover levou Monster consigo, sozinho e ferido.

Ela o veria novamente?



Dois



Eu tive *muitas chances*.

Em algum momento sua sorte, tanto quanto Lily poderia chamar de suas experiências nas últimas semanas de sorte, acabaria e quando isso acontecesse, o resultado seria seu estupro, provavelmente por vários homens diferentes, e o subsequente assassinato.

Quanto tempo demoraria para chegar ao destino, onde quer que seja?

Elas passaram as próximas horas na parte de trás do Range Rover. Uma pedra pesada se instalou em seu estômago com a perda de Monster. Pelo menos quando ela soube que ele estava no veículo seguinte, ela ainda tinha algum tipo de conexão com ele, mas agora que ele se foi, a realidade do que estava acontecendo finalmente caiu.

Jess estava completamente fora de si. Ela encarou algo que Lily não pôde ver, como se estivesse dormindo com os olhos abertos. As lágrimas haviam terminado há muito tempo, mas Lily sentiu que preferia que a outra mulher chorasse. Pelo menos então ela estaria mostrando algum tipo de emoção, e não um distanciamento muito mais assustador.

Lily não planejava se isolar sozinha. Ela queria ficar alerta o suficiente para ser capaz de encontrar o caminho de volta de onde diabos elas estavam indo.

Lily ergueu a cabeça ligeiramente, olhando para a frente do veículo, observando as costas do cabelo igualmente escuro dos homens. Rodriguez e Marco permaneceram concentrados na estrada à

frente e não prestaram atenção às duas mulheres que sequestraram na traseira. Ela precisava saber para onde estavam indo, e até mesmo o vislumbre de uma placa ajudaria.

Com a respiração presa no peito, o coração batendo forte como as asas de um beija-flor, Lily se moveu o mais silenciosamente que pôde, arqueando as costas. O movimento foi estranho com as mãos amarradas atrás dela, mas ela estendeu o pescoço para ver pela janela novamente.

O cenário se estendia, plano e seco até onde a vista alcançava. Sujas empoeiradas de laranja e marrom, intercaladas por arbustos verdes baixos. O céu azul alcançou o horizonte antes de se confundir em um encontro de névoa branca, e tufos de nuvens cobriram o céu. Não havia nada por perto que lhe desse uma ideia de onde eles estavam ou para onde estavam indo.

Lily abaixou novamente, seu coração martelando.

O deserto? Porra. O deserto.

Na mente de Lily, havia apenas duas boas razões para ir para o deserto. Uma era jogar, o que ela duvidava estar na cabeça daqueles homens, e a segunda que era um bom lugar para se livrar de um ou dois corpos, se você quisesse que nunca fossem encontrados.

Ela não queria morrer, especialmente nas mãos daqueles homens. Ela precisava viver o suficiente para descobrir se Monster estava bem. Se ele estava seguro, talvez ela pudesse fazer as pazes com a ideia de sua própria mortalidade, mas até que soubesse que ele estava vivo e livre, ela lutaria até o último suspiro se fosse necessário.

Lily ficou onde estava, esperando que o veículo viajasse quilômetros suficientes para que o cenário mudasse um pouco, ou para que uma placa de estrada aparecesse, embora ela não tivesse muita esperança. Quando ela sentiu que o tempo havia passado, ela cautelosamente se levantou novamente. Parecia que eles ainda estavam na mesma estrada. Ela olhou ao redor. Droga, eles tinham acabado de passar por um prédio, caiado de branco com um letreiro

de néon preso ao telhado. Um pequeno estacionamento com alguns carros ficava na frente. Lily leu rapidamente a placa antes que eles estivessem muito longe para ser legível.

Café do Porter.

Ela deveria tentar abrir a traseira do veículo e se jogar para fora dele? Supondo que ela não quebrasse as pernas ou as costas ao pegar a estrada, ela poderia correr para o café e gritar por socorro.

Mas ela hesitou e não foi apenas a ideia de se jogar de um veículo em movimento, viajando a cerca de oitenta quilômetros por hora, que a deteve. Ela sabia que os homens estavam armados, então eles provavelmente atirariam nela ao invés de permitir que ela fosse buscar ajuda. Mas também, se ela tentasse correr, ela estaria deixando Jess para trás. O estado em que a garota estava não dava a Lily qualquer esperança de convencer ela a aderir ao plano maluco e, de qualquer maneira, se ela tentasse dizer algo em voz alta, os homens a ouviriam.

Quanto mais ela pensava nisso, mais longe o café se tornava, agora um mero ponto branco à distância. Essa oportunidade foi perdida para ela, e agora que a opção se foi, ela não pode deixar de se chutar. E se fosse sua única chance?

—Ei! — O grito veio da frente e ela imediatamente se encolheu, esperando que o grito não fosse sobre ela, mas então ela ouviu Marco dizer. —A pequena prostituta de Merrick está espiando pela janela.

Seu coração afundou. Ela havia sido pega. Todos os músculos ficaram tensos enquanto ela esperava que os freios do Range Rover parassem e abrissem a traseira e aplicassem algum tipo de punição, mas nada aconteceu.

Rodriguez tamborilou os dedos no volante. —Não há muito para ver de qualquer maneira.

—Sim, mas ela precisa aprender a se comportar. — Marco parecia desapontado. —Ela deveria ouvir algumas dicas da outra. Não ouvimos um pio dela desde que a pegamos. Acho que a cadela de Merrick vai lhe dar problemas se você não arrancar isso dela logo,

chefe.

—Isso não será um problema. Gosto de quebrar os mais resistentes. — Suas palavras foram frias e enviaram gelo em suas veias.

—Tudo bem, — disse Marco, mas ela podia ouvir a petulância em sua voz. —Você é o chefe.

—Estamos quase lá, — respondeu ele. —Podemos lidar com ela então.

Quase lá? Quase onde? Pelo que ela poderia dizer, eles estavam no meio do nada.

Lily permaneceu imóvel na parte de trás do SUV, não querendo arriscar uma surra de Marco, que parecia mais do que feliz em fazer o trabalho para Rodriguez. Ela tentou fazer contato visual com Jess, mas a outra mulher ainda estava confusa, nem mesmo parecia ciente do que estava acontecendo ao seu redor. Lily desejou que houvesse algo que ela pudesse fazer para tirar ela de seu estupor. Ela entendeu que isso provavelmente era um mecanismo de enfrentamento, especialmente depois do que Jess passou nas mãos de Mãos de Cigarro, e então a assistiu explodir seus miolos. Sua mente deve ter levado ela a algum lugar onde pudesse estar em paz. Talvez a garota tenha tido a ideia certa, se imaginar em uma praia nas Maldivas certamente era preferível à sua situação atual, mas Lily não conseguiu. Ela precisava ficar alerta e focada se alguma vez fosse tirá-las dessa situação.

O veículo continuou na mesma estrada por mais quinze minutos e então fez uma curva acentuada para a esquerda. Imediatamente, ela soube que o terreno em que estavam havia mudado. O passeio antes suave agora as fazia tremer e sacudir ao redor da parte de trás do veículo, e poeira vermelha explodiu das rodas e se assentou nas janelas. Que eles estivessem se afastando da estrada principal não era um bom presságio. Ela manteve em sua mente o café que vira e a distância aproximada que estavam dele agora, dezesseis quilômetros

ou mais? Ela não tinha certeza. Se viajassem muito mais longe, ela não conseguiria voltar a pé e precisaria pensar em uma oportunidade de roubar um veículo. Isso tornava a possibilidade de fuga ainda mais complicada, e as coisas já eram complicadas o suficiente.

Rodriguez continuou dirigindo por mais dez minutos ou mais, os solavancos do passeio não diminuíram em nada. A certeza de Lily de que elas estavam sendo levadas para o deserto para serem estupradas e enterradas em uma cova rasa se aprofundou. De jeito nenhum essa estrada, se é que ela poderia ser chamada de estrada, levava a outra cidade. Ela lutaria com toda a força que lhe restava, ela chutaria e morderia, e se eles desatassem suas mãos, ela arrancaria seus olhos também. Mesmo se eles a matassem, ela estava determinada a causar-lhes algum tipo de dor antes que o fizessem.

O Range Rover parou com um solavanco e ela ouviu o bipe de algum tipo de aparelho eletrônico e, em seguida, um zumbido baixo.

Que diabo é isso?

—Bem-vindas à sua nova casa, senhoras, — Rodriguez chamou por cima do ombro.

Casa? Pelo menos significava que elas não seriam enterradas no deserto. Ainda não, de qualquer maneira.

O veículo começou a se mover novamente e Lily arriscou levantar a cabeça o suficiente para espiar pela janela. Eles passaram por um conjunto de portões de metal maciço e sólido que ainda estava rolando para trás mesmo enquanto eles dirigiam. *Isso é o que é o zumbido*, ela percebeu. Portões elétricos. Além dos portões, havia paredes altas de pedra, da mesma cor da areia do deserto. Os portões também foram pintados da mesma cor laranja. Se a propriedade fosse vista à distância, ela se misturaria ao plano de fundo. Talvez fosse exatamente esse o ponto, Rodriguez não queria que ninguém visse o lugar, da estrada ou do céu. Ela apostaria qualquer dinheiro que o telhado do prédio era da mesma cor novamente.

Lily tentou chamar a atenção de Jess novamente. —Nós estamos

aqui, — ela sussurrou. —Eles vão nos tirar do veículo agora.

Ela não respondeu, mas quando Jess piscou, uma lágrima escorregou por sua bochecha. Lily desejou que suas mãos não estivessem amarradas. Mesmo que ela normalmente odiasse tocar nas pessoas, naquele momento tudo o que ela queria fazer era estender a mão e puxar a outra mulher para um abraço.



Monster

(Dias Atuais)



Ele havia perdido muito sangue. Talvez demais.

Monster pensou que ainda estava no veículo dirigido por um dos homens de Rodriguez, mas não tinha certeza. Ele não sabia se era o mesmo Range Rover em que ele foi colocado pela primeira vez, ou se ele foi movido enquanto estava inconsciente. Ele também não tinha ideia de quanto tempo estava nele, ou para onde estavam indo.

Seu controle sobre o mundo exterior estava vindo para ele aos trancos e barrancos. Ele sentia como se estivesse sonhando, ou com febre, e não tinha certeza de quais partes do que ouvia e via eram reais e quais eram fruto de um sonho. Em um ponto, o rosto de Lily apareceu acima dele, e ela sorriu para ele, os dedos pousando levemente em sua bochecha. Ele estendeu a mão para ela, puro alívio o inundando. Ela conseguiu fugir de Rodriguez e encontrar ele, mas então seus olhos se fecharam e ela desapareceu de vista. Quando ele os abriu novamente, uma quantidade indeterminável de tempo depois, ela havia sumido. Com uma certeza de esmagar o coração, ele sabia que ela nunca tinha estado lá em primeiro lugar.

Seu ombro latejava e queimava, uma onda pulsante que envolvia todo o seu corpo. A bala ainda deve estar alojada dentro de seu corpo em algum lugar, e pelo calor que se espalhou pela área, ele presumiu que acabaria infectado, se ele não morresse de perda de sangue primeiro. Antes, ele nunca havia percebido que era possível ter uma parte do corpo extremamente quente, enquanto o resto parecia gelado.

Ele não podia se dar ao luxo de morrer, nem que fosse pelo bem

de Lily. Se ele morresse, ninguém jamais a salvaria de Rodriguez. Que ela já estava nas mãos do outro homem o matou por dentro. O pensamento de Rodriguez tocando ela, dele arrancando suas roupas e forçando seu pau dentro dela enquanto ela gritava e lutava contra ele, causou um incêndio dentro de Monster que o fez esquecer seu ombro igualmente em chamas. Ele se torturou pensando na boca do outro homem em sua pele, sua língua deixando rastros de saliva por ela. Rodriguez iria descer sobre ela e prová-la? Ele adoraria comê-la tanto quanto Monster? Então o pior pensamento de todos ocorreu a ele, aquele que atormentava e torturava seu cérebro esgotado...

Lily gostaria disso?

Ele não podia pensar assim. Só porque Rodriguez tinha a aparência de um príncipe árabe e era rico e poderoso, sem mencionar que tinha o tipo de carisma que faria qualquer um fazer o que ele pedisse, não significava que Lily se apaixonaria por ele. Ele a tomou como refém, afinal.

Aquela voz veio de novo...

Assim como você fez, e ela se apaixonou por você.

E se, por algum milagre, ele conseguisse sobreviver a isso e fosse reclamar sua Flor, apenas para ela dizer que não queria ir embora?

Mais uma vez, ele forçou o pensamento fora de sua cabeça.

Lily era inteligente, ela veria através dos caminhos sedutores de Rodriguez e ela era uma lutadora. Ela não iria simplesmente ceder a ele, embora ao mesmo tempo isso o preocupasse. Ele não queria que ela acabasse ferida ou morta por lutar. Não, ele precisava ter um pouco de fé nela. Lily não era uma pequena fêmea indefesa, ela era inteligente e destemida. Ela provou isso para ele todos os dias que ele a conheceu.

O veículo parou. Mãos ásperas o puxaram, e ele gritou em agonia quando a dor tomou conta de seu corpo inteiro. Ele morreria, certamente ele morreria. Nenhuma pessoa poderia sobreviver a

tamanha dor. E ainda assim a dor gradualmente desapareceu para a pulsação intensa a que ele se acostumou, e Monster descobriu que ainda estava vivo.

—Você não vai morrer, — disse uma voz masculina. —Por mais que eu gostaria de te ver morto pelo que fez aos nossos primos, Rodriguez diz que você é muito importante. Aparentemente, precisamos de seus contatos, então é melhor você viver, porra, ou eu é que vou estar na merda.

—Onde estamos? — Ele conseguiu resmungar. Ele estava terrivelmente sedento. Sua língua grossa e seus dentes colados aos lábios.

—Uma casa segura. Vou te levar para dentro e alguém tratará seu ferimento.

O homem estendeu a mão para ele novamente. —Não! Não me toque! — A memória da dor ainda estava tão fresca, o terror de experimentar ela novamente o encheu.

O homem deu um suspiro exasperado. —Eu tenho que fazer. Não posso deixar você caído no chão.

—Por favor, me deixe. — *Me deixe morrer.*

Não, ele não quis dizer isso. Ele precisava viver.

Flor. Flor. Flor.

Ele trouxe à mente seu belo rosto, a sensação de sua pele macia contra seus lábios. A resolução se solidificou dentro dele e ele ergueu a mão. —Tudo bem, faça isso.

O homem agarrou sua mão e puxou ele de volta, colocando um ombro sob sua axila para lhe dar apoio. A dor explodiu através dele, fazendo com que cada músculo em seu corpo se transformasse em pedra e agonia tão brilhante que era como se ele experimentasse a dor em todos os sentidos, um flash branco brilhante de dor.

Lily. Lily. Lily.

Ele queria ser capaz de lutar contra o homem que o estava ajudando agora, sabendo que ele era um dos homens de Rodriguez e tinha participado ao tirar Lily dele, mas Monster sabia que ele tinha que ser inteligente. Rodriguez não o queria morto, na verdade, não era como se Rodriguez tivesse sido o único a atirar nele. Esse prazer foi obtido pelo homem com quem Lily estivera envolvida. Se ele fosse inteligente sobre tudo isso e se recuperasse o suficiente para ser capaz de pensar e agir com clareza novamente, ele poderia até mesmo fazer esse homem levá-lo para onde Rodriguez estivesse escondido. Ele só precisava torcer para que Lily estivesse no mesmo lugar, e ela ainda estivesse viva, e esperançosamente intocada, quando ele chegasse lá.

Monster não era um tolo. Ele sabia que a parte intocada seria improvável. Homens como Rodriguez, e inferno, até ele mesmo, tomavam mulheres quando queriam. Não era algo de que ele se orgulhava, mas ele nunca conheceu uma forma diferente. Elas eram um luxo, como um carro rápido ou um bom vinho, para ser apreciado.

Só depois que conheceu Lily, ele começou a pensar de forma diferente.

Monster levou um momento para tentar descobrir onde ele estava. Ele estava sendo ajudado a chegar na porta de uma pequena casa. As crianças estavam na rua, mas ninguém prestou atenção ao homem ferido e ao outro homem que o apoiava. Parecia o tipo de bairro onde as pessoas sabiam que deviam cuidar da própria vida.

Eles alcançaram a porta, que se abriu antes que qualquer um deles pudesse bater. Uma mulher estava parada na porta, uma loira mais ou menos da idade dele, olhando para eles com preocupação em seus olhos azuis.

Ele conhecia essa mulher!

Ver ela foi como um soco no peito, roubando o ar de seus pulmões que já lutavam. A memória se derramou sobre ele de uma jovem com cabelo loiro mel, tentando recolher cordeiro quente e arroz com as mãos nuas, enquanto apavorada que seria espancada por fazer uma

bagunça no tapete. Certamente essa não poderia ser a mesma garota. Muitos anos se passaram.

Mas se seu pai quisesse livrar sua casa da garota depois de talvez sentir uma conexão entre ela e Monster, não era inteiramente possível que ele a tivesse passado para a família de Rodriguez?

Sem saber de seu reconhecimento, a mulher correu para colocar o braço em volta de sua cintura e apoiar seu outro lado. —O que aconteceu? — Ela perguntou, enquanto os ajudava a entrar na casa.

—Ferimento por arma de fogo no ombro, — disse o outro homem. —Aconteceu algumas horas atrás. Acho que a bala ainda está lá.

—Leve ele para trás. Há uma maca em que ele pode se deitar. Vou pegar minha bolsa e já volto.

Essa mulher era uma médica? Ou uma enfermeira?

A ideia de que ela era a mesma garota que seu pai contratou era uma loucura, não era? Ele havia perdido muito sangue e estava perdendo a consciência. Provavelmente era seu cérebro delirante tentando alimentar ele com mentiras. Talvez a perda de Lily tenha lembrado a época em que ele sentiu que tinha perdido essa garota sem nome também, e ele conjurou uma imagem e a anexou ao rosto dessa estranha.

Ela não olhou para ele com qualquer reconhecimento, por que ela iria? Ele também era um estranho para ela.

O homem de Rodriguez ajudou Monster a atravessar a casa e entrar em uma grande cozinha com área de jantar nos fundos. Como ela disse, uma maca de hospital estava empurrada contra uma parede, e uma mesa de rodas com bandeja de prata ao lado dela. Trazer de volta pessoas com ferimentos que eles não podiam levar para o hospital era obviamente uma questão de rotina aqui.

—Você precisa ir para a cama, — disse o homem.

Ele estava tão fraco que parecia que mal conseguia levantar os próprios pés. —Eu não posso.

—Você vai ter que me ajudar. Eu não posso te levar lá sozinho. Você não é exatamente um cara leve.

Monster encontrou a parte de trás de suas coxas batendo contra a cama. Ele só precisava colocar sua bunda na cama e então se deitar. Se ele pudesse se deitar, ele poderia dormir. E agora, tudo o que ele queria fazer era dormir. Mesmo sabendo que havia coisas importantes a fazer, seu corpo era um peso morto. Ele nunca precisou descansar mais em sua vida.

Com um impulso, ele conseguiu subir na cama. Seu ombro explodiu de dor, e as bordas de sua visão começaram a escurecer. A sala parecia estar no fim de um túnel. Uma mão o ajudou a se recostar e, no momento em que ficou esticado, seus olhos se fecharam.

Ele precisava dormir. Ele só esperava que ninguém morresse enquanto ele morria.



Monster

(Vinte e três anos antes)



Um guincho chamou a atenção do menino.

Um guincho? Nada em seu quarto fazia barulho assim. Seus ouvidos se aguçaram ao erguer os olhos do livro que estava lendo, Robinson Crusoé, seus olhos se estreitaram ligeiramente enquanto ele se concentrava.

Lá estava ele de novo! Definitivamente um guincho, seguido por uma correria de pezinhos até sua cômoda. Vida selvagem não era algo que Monster via muito. Ele ousava torcer para que algo tivesse entrado em seu quarto? Apenas em raras ocasiões ele não fazia suas refeições no quarto, então, embora seu pai tivesse mulheres vindo e limpando o quarto completamente uma vez por semana enquanto Monster se exercitava, migalhas eram passíveis de serem perdidas. Onde havia comida derramada, havia ratos.

Monster ficou de joelhos e espiou por baixo da cômoda. Bem atrás, um pequeno camundongo marrom estava sentado em seus quartos traseiros, usando as patas dianteiras para limpar o rosto e as orelhas.

Um largo sorriso apareceu no rosto de Monster.

—Ei garotão, — ele disse suavemente. —Você é fofo, não é?

O rato parou de se limpar ao som de sua voz e olhou em sua direção, seus minúsculos olhos negros vivos e alertas com interesse.

—Bem, parece que você encontrou um pouco de comida, — Monster disse amigavelmente, notando o biscoito meio comido que deve ter caído em baixo da cômoda. —Se você vai ficar por um tempo, você vai precisar de algo para beber também.

Monster encontrou para o rato um dedal para por água e colocou atrás da cômoda, bem fora de vista. Ele rasgou uma folha de papel em pedaços, esperando que a criaturinha pudesse fazer uma cama com ela.

Quando a refeição seguinte de Monster chegou, ele largou um pouco da batata na manga de sua camisa e, mais tarde, depositou para o rato fazer uma refeição.

Os dias se passaram e ele se acostumou a ter aquela criaturinha por perto. Ele nunca teve um animal de estimação antes, o conceito de um nunca sequer lhe ocorreu, mas agora ele descobriu que gostava da companhia. Embora o rato nunca tenha chegado muito perto, Monster descobriu que era paciente e deitou no chão com o braço estendido, com os restos de comida que havia gurdado da refeição do dia entre as pontas dos dedos, o rato gradualmente começou a se aproximar. Seus bigodes estremeceram, o nariz se contraiu enquanto ele se aproximava cada vez mais. Quando finalmente o rato disparou para frente e arrancou a comida de seus dedos, Monster teve que parar de pular de alegria.

Alguns dias depois, seu pai sentou com ele em seu quarto, dando uma aula de história com ele. Seu pai apareceu com um humor mais caloroso do que o normal, até mesmo oferecendo a Monster uma sugestão de sorriso, e despenteando o cabelo do garoto quando ele acertava a pergunta.

Mas então, no meio de uma frase que seu pai estava lendo em um livro, ele de repente parou e franziu a testa.

Monster congelou, sabendo exatamente o que tinha ouvido.

Os olhos de seu pai se estreitaram. —Você ouviu isso?

—Ouvi o quê, pai? — Ele blefou.

O homem mais velho não respondeu, mas ficou sentado com a cabeça inclinada para o lado, como um animal, ouvindo.

Por favor, fique quieto, Monster desejou ao rato. Só mais um pouco.

Mas o guincho veio novamente.

Seu pai se levantou, caminhando para o outro lado da sala. —O que diabos é isso? — Ele se abaixou e pegou algo minúsculo do chão. —ECA. Excrementos de roedores. Como diabos isso entrou aqui?

Ele ficou de joelhos e verificou sob a cômoda. Os olhos de Monster se encheram de lágrimas, sabendo que seu animal de estimação estava prestes a ser descoberto. Ele estendeu a mão por baixo, mas em vez de sair com o rato, ele segurou alguns pedaços de pão e o dedal com água.

—O que é isso, Monster? Você tem alimentado algo aqui embaixo?

Não havia sentido em mentir. —Sim, Pai. Havia um ratinho. Achei que poderia estar com fome.

Ele caminhou pelo quarto e desferiu um golpe violento nos ouvidos de Monster, deixando um zumbido lateral. —Você não apenas mantém a presença de roedores em segredo, mas também os alimenta com a comida que eu dei a você? O quanto você quer me aborrecer, Monster? Se você tiver um rato, logo terá centenas. E eu não espero trabalhar duro para colocar comida na sua barriga, apenas para você dar aquela comida a um maldito roedor!

—Sinto muito pai, — disse a ele, se encolhendo. Ele estava preocupado com as repercussões do que havia feito, mas também com o rato. Onde ele estava agora? Ele deve estar em algum lugar do quarto. O cérebro de Monster zumbiu, tentando descobrir uma maneira de levar a pequena criatura para fora, com relativa segurança. Mas era impossível. Ele não conseguia ficar em segurança, muito menos um rato.

—Espere aqui, — seu pai disparou, como se Monster tivesse qualquer outra escolha, e saiu do quarto.

Rapidamente, com o coração batendo forte, ele correu ao redor do quarto, parando para deitar no chão e espiar por baixo dos móveis, tentando localizar seu amiguinho. *Onde está você? Onde está você?*

A porta do quarto se abriu e seu pai voltou com algo na mão. Ele o estendeu e o coração de Monster afundou.

Uma armadilha.

—Não, pai. Por favor, isso vai machucar ele.

—Machucar ele? É uma praga maldita, não é *ele*! — Ele empurrou a armadilha contra o peito de Monster. —Aqui, configure usando a comida que você tem dado a essa maldita coisa. Já é hora de você aprender o que deve acontecer com criaturinhas nojentas como aquela.

Segurando as lágrimas, sabendo que elas só deixariam seu pai mais irritado, Monster usou um pedaço da comida salva e colocou a armadilha sob a cômoda.

Ele queria mover a armadilha, disparar ela ele mesmo, mas de que adiantava? Seu pai iria vencer. Ele sempre fez.

Mesmo que Monster tenha dormido naquela noite com as mãos nos ouvidos, ele acordou com o estalo e o guincho agudo que cortou a calada da noite. Incapaz de olhar, ele se escondeu sob as cobertas e chorou até voltar a dormir.



Monster

(Dias atuais)



Monster acordou com o movimento das mãos em sua camisa.

Instantaneamente alerta, ele agarrou o braço da mão que o tocava. O pulso era estreito e delicado sob seus dedos. Sua visão turvou, a forma sobre ele estava turva, mas gradualmente tomou a forma de uma mulher. A loira que os encontrou na porta. Mais uma vez, ele sentiu o reconhecimento socá-lo no peito, o mesmo cabelo ondulado e cor de mel, os mesmos traços, a linha fina de seu nariz e queixo. A garota de sua infância teria mais ou menos sua idade agora, e essa parte também se encaixava.

Ele soltou seu pulso.

A outra mão dela deslizou sob o pescoço dele e ela o ergueu ligeiramente. Ela estendeu a mão para pegar um copo d'água do carrinho de prata e o colocou nos lábios dele. Ele engoliu em seco com gratidão. Monster parecia que estava seco de dentro para fora, como se seu sangue tivesse sido substituído por areia que ralava as suas veias, e sua garganta com papel.

Quando ele bebeu até se fartar, ela o abaixou suavemente e colocou o copo na bandeja.

Monster olhou para seu ombro. Sua camisa havia sido removida e ele agora estava sem camisa, com exceção da bandagem enrolada em seu ferimento. Ele ficou aliviado ao ver que o sangramento havia parado.

Ele apontou com o queixo para a bandagem. —Você fez isso?

Ela acenou com a cabeça. —Você estava inconsciente. Tirei a bala, parei o sangramento e dei pontos em você. Não leve um tiro de novo tão cedo. Você perdeu muito sangue e não tenho certeza se teria uma recuperação tão boa.

—Não estou planejando, mas não posso prometer nada.

Ela estava olhando para ele, seus olhos ligeiramente estreitados. —Isso vai parecer loucura, mas eu juro que conheço você de algum lugar.

Hesitante, ela estendeu a mão e tocou o lado de seu rosto. Ele se afastou. Ninguém, exceto Lily, o tocou com qualquer intimidade.

—Eu teria certeza, — disse ela, —mas isso é diferente.

Ele sabia que ela estava falando sobre sua marca de nascença.

—Eu estou diferente, — ele disse, sua voz rouca.

—Então é você?

Ele assentiu.

Ela apertou os lábios. —Você me ajudou uma vez, quando eu era criança. Você se meteu em problemas por mim, então eu não pagaria.

—Sim, eu me lembro.

—Eu nunca esqueci isso, — ela disse suavemente. —Seu pai mandou eu e minha mãe embora depois. Acho que minha mãe pode ter se apaixonado por seu pai, por algum motivo maluco. Ela ficou com o coração partido quando tivemos que ir morar com a família Gonzalez, mas foi a melhor coisa que aconteceu para mim. Ele viu que eu tinha uma educação, me colocou para trabalhar como mais do que apenas uma empregada doméstica.

—Foi assim que você aprendeu a tratar ferimentos à bala?

—Sim.

—Boa coisa para mim, eu acho.

Ela sorriu. —Eu acho.

Monster se levantou com cuidado para poder ver o resto da sala. Eles estavam sozinhos.

—Onde está o homem que me trouxe aqui?

Seus olhos se moveram para cima. —Lá em cima, dormindo.
— Ela baixou a voz. —Se você está se sentindo forte o suficiente, talvez você deva ir.

Ele se sentou totalmente e estremeceu, ignorando a dor que percorreu seu corpo. Ele balançou as pernas para o lado da cama para que ficasse sentado ereto. Mesmo que ela tivesse trabalhado no ferimento à bala, a área ainda latejava, e o resto de seu corpo doía de onde ele havia sido jogado na explosão do avião.

—Eu não posso. Rodriguez tem algo meu. Esse homem é minha única conexão para recuperá-lo.

Sua cabeça se inclinou para um lado. —Mulher ou dinheiro?

—Desculpe?

—Essas são as únicas duas coisas pelas quais eu já testemunhei um homem arriscando sua vida.

—Eu não vou arriscar minha vida. Rodriguez não me quer morto. Ele provou isso.

—Você não respondeu minha pergunta.

—Uma mulher, — ele confessou, embora por algum motivo se sentisse estranho admitir isso na frente dela. Parte de seu cérebro ainda estava tentando alinhar essa mulher, que devia ter mais ou menos sua idade, no início dos trinta, com a jovem por quem ele se apaixonou tanto anos atrás. Ele era uma criança, mas isso não significava que sentia suas emoções menos profundamente. Houve um período de vários meses em que ela foi a única coisa ocupando seus

pensamentos. Ele ficou obcecado por ela, beijos inocentes e ideias românticas fantásticas sobre eles fugindo juntos. Ele não sabia que seu pai a tinha mandado embora, mas estava feliz. Embora ele nunca quisesse admitir para si mesmo, ou pensar sobre as coisas muito profundamente, parte dele sempre se preocupou que seu pai soubesse o que tinha acontecido e a tivesse matado por isso.

—Eu nem sei o seu nome, — disse ele.

—Sophia, — disse ela com um sorriso.

—É bom saber, depois de todos esses anos.

Seus lábios se torceram, seu olhar se desviando, antes que se fixasse nele. —Eu sei como seu pai costumava te chamar naquela época.

—Monster, — ele confirmou, suas bochechas aquecendo. —Ele costumava me chamar de seu pequeno monstro.

—Eu lembro. Suponho que você não atende por isso agora.

Ele balançou sua cabeça. —Só com uma pessoa. Outros me chamam de Merrick agora.

Ela sorriu. —Merrick. Combina muito melhor com você.

Ele não tinha tanta certeza.

—Então, — ela disse, seus olhos azuis estreitando levemente em contemplação, —o que aconteceu com a marca de nascença? Espero que não se importe que eu pergunte. Quer dizer, ainda está lá, é claro, mas em comparação com o que parecia quando você era criança...

Inconscientemente, ele ergueu a mão para aquele lado do rosto. —É uma coisa recente, — disse ele. —Meu pai nunca fez nada. A mulher que procuro é quem me ajudou.

—Onde está seu pai agora?

—Morto.

—Bom. — Ela pareceu perceber o que havia dito e segurou a boca com a mão. —Eu sinto muito. Eu não quis dizer isso.

—Sim. Sim, você quis. E tudo bem. Eu me sinto da mesma forma. — Ele pensou em todos os sonhos e memórias de sua infância que estavam voltando para ele como se alguém estivesse alimentando seu cérebro. Ele havia deixado de fora muito do que experimentou nas mãos de seu pai, como se estivesse se protegendo, mas por alguma razão agora ele estava começando a se lembrar mais e mais. Parte dele estava nervoso com o que ele se lembraria em seguida.

Ela hesitou, os dentes cravando no lábio inferior enquanto pensava. —Essa mulher que o Rodriguez tem... ela é a mesma que ajudou seu rosto?

Ele assentiu. —Sim ela é.

—Essa é a única razão pela qual você a quer de volta?

—O que você quer dizer?

—Suponho que estou perguntando o que acontecerá com ela se você a encontrar. Você está querendo machucar ela de alguma forma?

A pergunta dela o surpreendeu, fazendo-o sentar mais reto, apesar das dores que mantinham seu corpo como refém. —Não. Por que você perguntaria isso?

—Não sei. Eu acho que a maçã tende a não cair longe da árvore.

Ela tinha visto isso nele, sua capacidade de frieza de coração, mesmo nos poucos minutos que ela tinha falado com ele? Ou talvez ela tivesse visto isso nele quando criança, e preocupada que ele crescesse e se tornasse o nome que seu pai o chamava. Mas ela também viu nele uma habilidade de auto-sacrifício, e ele esperava que ela se lembrasse disso agora.

—Eu a amo, — disse ele. —Estou apaixonado por ela. Prefiro morrer eu mesmo do que deixar que qualquer coisa aconteça com ela, e é por isso que preciso recuperar ela de Rodriguez. Só de pensar no

que ele pode estar fazendo com ela faz meu sangue ferver. — Mesmo enquanto falava, sua raiva se agitou dentro dele e ele tentou se levantar da cama, para ficar de pé.

Sophia colocou a mão contra o peito dele, empurrando ele suavemente de volta para baixo. O toque de seus dedos contra sua pele fez seu coração bater mais forte. —Você não vai a lugar nenhum ainda, — ela disse a ele. —Eu removi uma bala de você apenas algumas horas atrás. Se você sair correndo para tentar salvar esta mulher, você só vai arrebentar os pontos e sangrar até a morte no caminho.

Ele balançou a cabeça e ela tirou a mão. —Está exagerando.

—Não, eu não estou.

—Eu não posso esperar, Sophia. Quero dizer. Prefiro morrer tentando do que nem tentar.

—Não estou pedindo para você nem tentar. Espere vinte e quatro horas.

Seus lábios se estreitaram. —Não vai acontecer.

—Doze, então.

Lentamente, ele continuou a sacudir a cabeça.

Ela soltou um suspiro de frustração e colocou as mãos nos quadris. —Certo, então explique uma coisa. Como você vai encontrar Rodriguez e essa mulher?

—Estou pensando em espancar o cara lá em cima até a morte, roubar sua arma e forçar ele a me levar até lá.

—Você acha que pode bater em um homem até a morte, quando você mesmo está inconsciente nas últimas horas?

—Estou pensando em tentar.

Ela balançou a cabeça. —Você vai perder.

—Talvez.

Ela hesitou e disse. —E se fizermos um acordo?

Seu interesse foi despertado. —Que tipo de acordo?

—Você se dá doze horas para descansar e se curar, e eu mesma vou te levar para a casa de Rodriguez.

Seus olhos se estreitaram. —Você sabe para onde ele a levou.

—Eu tenho uma ideia muito boa. É o mesmo lugar que ele leva todas as novas garotas que planeja... quebrar.

Monster estremeceu com a palavra. Talvez ele e Rodriguez não fossem tão diferentes. Ele próprio tinha estado nesse caminho com Flor não muito tempo atrás. Não tinha sido a maneira que ele a fez tratar seu rosto sem se preocupar com ela queimar seus olhos com o laser? Ele a manteve sem luz natural, contato humano e apenas as refeições mais básicas por dias, a fim de quebrar sua vontade. No final, ele aprendeu que nenhuma dessas coisas funcionou. Ele nunca a quebrou. Lily o ajudou porque ela era assim. Ela se importava com os outros, mesmo que esses outros não merecessem necessariamente sua ajuda.

—Por que você faria isso por mim? — Ele perguntou.

Ela deu um pequeno sorriso. —Você me ajudou também, há muito tempo. Acho que devo pagar essa dívida.

—Isso pode te causar problemas.

—Sim, possivelmente. — Seu olhar permaneceu inabalável.

—Que razão você daria a Rodriguez para estar lá?

—Eu ainda não tenho certeza. Se você concordar com doze horas, tenho certeza que poderei pensar em algo nesse tempo.

Monster ergueu o olhar para o teto. —E quanto a ele?

—Ele está fora disso no momento. Ele bebeu meia garrafa de

conhaque enquanto você estava inconsciente. Não acho que ele aparecerá tão cedo, o que nos dá muito tempo para pensar sobre o que faremos quando ele vier.

Monster pensou nos homens de Rodriguez atirando em Mason, Evans e Sean. —Eu deveria subir lá e matar ele durante o sono. Ele é responsável pela morte de vários dos meus homens.

Ela arqueou uma sobrancelha loira. —E se ele acordar e te dar um soco no ombro, ou conseguir pegar sua arma e atirar em você de novo? Então, onde isso deixará sua garota? — A mão dela pressionou seu peito novamente, empurrando ele de volta para que ele se deitasse na cama médica. —Apenas descanse um pouco mais. Se permita curar e nós descobriremos os detalhes quando você acordar.

Monster odiava a ideia de deixar Flor por um momento a mais do que precisava, mas ela falava a verdade. Ele estava acordado há apenas alguns minutos, e o arrasto da exaustão puxava seus membros. Seus olhos estavam ásperos, suas pálpebras pesadas. Ele queria estar pronto para lutar por Lily, mas tinha que admitir que Sophia estava certa. Ele não seria bom para Flor assim. Ele acabaria fazendo com que a si mesmo e provavelmente ela e Sophia também fossem mortas. Ele precisava se lembrar que Lily era uma mulher inteligente. Ela o conquistou e, embora ele não pudesse sequer suportar explorar a ideia de que ela conquistaria o afeto de Rodriguez da mesma forma, ele tinha que ter fé que ela saberia que ele estava indo atrás dela, e que ela tentaria comprar ela mesma algum tempo.

—Certo, — ele cedeu, mesmo quando seus olhos se fecharam. — Doze horas, mas é isso. Então vamos encontrar Lily.



Três



Lily congelou quando a traseira do Land Rover se abriu com um baque.

Ela tentou chamar a atenção de Jess, mas a outra garota ainda estava olhando para um ponto na parte inferior do SUV, agindo como se nada disso estivesse acontecendo. Por alguma razão, parecia de vital importância se conectar com Jess, as duas nunca sairiam dessa com vida se ela não o fizesse.

Mãos agarraram suas panturrilhas e a puxaram para fora do veículo, de modo que ela bateu no chão com um baque de quebrar os ossos. Um corpo caiu ao lado dela, Jess mal deu um gemido quando bateu no cascalho.

—Desamarre elas, — disse Rodriguez.

Lily tentou esconder sua surpresa enquanto mãos trabalhavam na corda em volta de seus pulsos, libertando seus pobres braços tensos. Ela gemeu quando levou as mãos à frente do corpo, girando os ombros e massageando os músculos doloridos ao redor dos pulsos. Ela permaneceu em silêncio enquanto o homem trabalhava em Jess, desamarrando ela também.

As duas mulheres se esforçaram para se sentar no chão, mas permaneceram curvadas e desconfiadas do que aconteceria a seguir. Lily notou que Jess, pelo menos, tinha começado a olhar ao redor com cautela, e ela ficou aliviada que a garota tinha perdido o olhar distante em seus olhos, por enquanto.

—Levantem-se, — Rodriguez disse a elas, gesticulando com os

dedos.

Lily e Jess trocaram um olhar.

—Está tudo bem, você está livre para se mover agora.

Lentamente, Lily se levantou. —Por que você nos desamarrou?

—Porque não há necessidade de te manter amarrada enquanto estiver aqui. Não vou prometer que nunca irei restringir vocês, especialmente se vocês me desagradarem, mas se vocês se comportarem, vou permitir a vocês uma pequena quantidade de liberdade, pelo menos.

—Por que você faria isso? — Perguntou Lily.

—Porque não há nenhum lugar para onde você possa ir. Você pode pensar que pode escapar, mas com esse calor, você simplesmente morrerá de exaustão e desidratação antes de chegar a qualquer sinal de civilização. Não imagine por um momento que você pode encontrar alguém tolo o suficiente para salvá-la. Esta propriedade é minha por centenas de hectares, e há sinais de alerta de que qualquer pessoa que pisar em uma propriedade privada será processada. Você pode se arriscar com o calor e as cobras, se quiser, ou pode ficar aqui e me acompanhar como achar melhor.

Lily apertou os lábios. —Estou lutando muito para ver a diferença entre você e as cobras.

Sua mão disparou e a pegou pelo queixo, angulando seu rosto para que ela olhasse diretamente para ele. Ao lado dela, Jess choramingou. Um lado de seus lábios se curvou em um sorriso e ele se inclinou para mais perto. —Você está certa, mocinha, e pretendo que você e minha cobra se conheçam muito em breve.

—Porco, — ela retrucou.

Ele soltou sua mandíbula e deu um tapa forte na lateral de seu rosto. Sua cabeça balançou em seu pescoço, o calor fresco e a dor floresceram na forma de impressões digitais onde ele a atingiu.

—Você vai ter que começar a aprender boas maneiras, — disse ele.

Lily mordeu o lábio, segurando a réplica sobre como ele deveria ser aquele que precisava aprender boas maneiras, considerando que ele andava batendo em mulheres, mas ela conseguiu se conter.

—Você vai me estuprar? — Ela disse, em vez disso, querendo saber exatamente o que a estava aguardado. Onde antes ela teria evitado a ideia, provavelmente fazendo muito como Jess estava fazendo agora, e fingindo que nada estava acontecendo, agora ela sentia que poderia ser mais forte se soubesse o que estava por vir.

Ele a fixou com aqueles olhos negros. —Eu só posso estuprar você se você não quiser que eu toque em você. Mas se você está me implorando para empurrar meu pau dentro de você, acho que não poderíamos chamar isso de estupro, certo?

Ela estremeceu. —Você é louco. Isso nunca vai acontecer. Eu não gosto de ninguém me tocando.

—Exceto nosso amigo, Merrick, isso é certo? É isso que te tornava tão especial para ele, porque você disse que ele era o único que poderia te molhar? Isso o fez pensar que ele era único? Porque eu prometo a você, Lily Drayton, você estará encharcada quando eu terminar com você.

A menção do outro nome de Monster fez suas entranhas ecoarem com vazio. —Vais se foder!

Ele riu. —Tenho certeza que você vai.

Rodriguez acenou com a cabeça para Marco, que se abaixou e agarrou Jess pelo braço, colocando ela de pé. Jess deu um soluço, o cabelo caindo em mechas sobre o rosto. O coração de Lily doeu pela outra mulher. Ela gostaria de poder fazer ou dizer algo que tornasse as coisas melhores de novo, mas ela prometeu sua liberdade uma vez, e a promessa não foi cumprida. Suas palavras eram inúteis.

—Siga-me, — disse Rodriguez. —Eu vou te mostrar seus quartos.

—Quartos? Não podemos ficar juntas?

—Você pode querer sua privacidade.

Para sua surpresa, Jess falou. —Não, por favor, nos deixe compartilhar. Eu não quero ficar sozinha.

—Oh, não se preocupe, querida. Você não vai ficar sozinha por muito tempo. — Ele deu um suspiro exasperado. —Tudo bem, você pode compartilhar no momento, embora possa acabar se arrependendo.

Lily se perguntou o que ele quis dizer com isso.

—Agora venha comigo. — Ele as conduziu em direção à casa, uma propriedade grande, mas de construção simples, de um único andar, que era um quadrado básico com tudo pintado ou pintado com o mesmo tom de areia. Ela presumiu que a decoração foi feita para proteção, uma forma de garantir que outras pessoas não descobrissem acidentalmente sobre a propriedade. À medida que se aproximavam, ela podia ouvir o zumbido característico de um grande gerador, que deve ter sido posicionado ao redor da casa, e de um lado havia alguns painéis solares. Eles estavam fora da grade aqui. Ela se perguntou se eles conseguiam alguma cobertura de celular ou acesso à internet.

Rodriguez avançou, não parecendo se preocupar com a possibilidade de ela atacar ele a qualquer momento ou tentar fugir. O que ele disse sobre eles estarem a quilômetros de qualquer lugar provavelmente era verdade, mas ela também se lembrou do café pelo qual passaram. Sim, provavelmente ficava a quilômetros e quilômetros daqui, mas onde havia comida, havia pessoas. Lily não planejava fazer nada estúpido, mas ela não iria apenas se deitar e deixar esse homem fazer o que quisesse com ela.

Ele abriu a porta da frente da casa para revelar um interior com muito mais elegância do que o exterior. Tudo era branco, o chão era de mármore branco, as paredes pintadas de branco, com arcos que levavam a outras partes da casa. Lustres de cristal pendurados no teto e tapetes de pele branca cobriam o chão. Os únicos itens quebrando o

branco eram o enorme espelho dourado no final do hall de entrada e uma cômoda dourada. Vários cômodos davam para o hall de entrada e, nos fundos, o espaço dividido em dois corredores que ela presumia levar às duas alas da casa.

—Você tem a ala esquerda, — ele disse enquanto as guiava. —Se você quer ser tratada aqui, precisa se comportar corretamente. Espero que minhas mulheres sejam elegantes, corteses e bem arrumadas o tempo todo. Você encontrará roupas adequadas para vestir em seus quartos. Não espero que você trabalhe em qualquer tipo de trabalho pesado, já tenho meus cozinheiros e minha faxineira. Seu papel enquanto estiver aqui será agradar aos homens. Você falará gentilmente com eles, servirá comida e vinho e ficará linda. Você fará o que eles pedirem, como eles acharem adequado, sem reclamações. Está entendido?

Lily abriu a boca para dizer a ele exatamente o que achava das ideias dele e, em seguida, fechou imediatamente. Discutir com ele não iria levar ela a lugar nenhum. Ela precisava ser inteligente, não de língua afiada e impetuosa.

—Vou interpretar o seu silêncio como compreensão, — disse ele, conduzindo elas pelo corredor. Ele parou em frente a uma das portas, também pintada de branco, assim como o resto do corredor. —Este é o seu quarto, Lily. O quarto da outra garota é o próximo.

Lily estendeu a mão e agarrou a mão de Jess. —Tudo bem. Nós vamos compartilhar.

—Os dois quartos estão conectados a um banheiro contíguo, então se você decidir ir para sua própria cama, não estará completamente sozinha. Mas se um dos meus homens vier atrás de você, espera-se que você esteja em seu próprio quarto. — Ele se virou para ela com um sorriso que fez seu sangue gelar. —Não se preocupe, Lily. A única pessoa que virá para você, serei eu.



Quatro



Rodriguez abriu a porta de um dos quartos e deu um passo para trás. —Por favor, sintam-se em casa, senhoras. O jantar será servido em uma hora, e vocês farão o serviço. Espero que vocês duas estejam lavadas e vestidas adequadamente. A porta adjacente leva ao banheiro, e uma segunda porta leva ao próximo quarto. Vocês podem se mover entre os três cômodos como quiser. Estarei de volta para buscá-las em uma hora.

E com isso, ele saiu do quarto.

Lily ouviu o clique de uma fechadura. O que quer que ele tenha dito sobre elas não escaparem devido ao deserto e às cobras, ele ainda fez o esforço de trancá-las em seus quartos. Essa pequena ação deu a Lily uma centelha de esperança. Se não havia maneira de escapar, por que se preocupar em trancá-las?

Ela também tinha esperança de que Monster ainda estivesse vivo.

Se Monster sobrevivesse ao ferimento à bala, o que ela orou a Deus que fizesse, ele saberia onde ir procurá-la? Ele ao menos tentaria? Ela não conseguia acreditar que ele simplesmente a abandonaria agora que Rodriguez a tinha. Monster estava tão desesperado para ver que ela estava segura. Mas as coisas eram diferentes agora que ela estava aqui? Monster pode se preocupar se tentar resgatá-la novamente iniciará uma guerra. Ela queria acreditar que ele a amava o suficiente para tentar recuperar ela, mas não tinha a intenção de depender exclusivamente de Monster cavalcando para resgatá-la. Ela precisava ser seu próprio cavaleiro maldito e salvar a si mesma e a Jess também.

Soluços silenciosos chamaram sua atenção, e ela se virou para ver Jess agachada no chão, com as mãos cobrindo o rosto.

Lily foi até ela, sua palma encontrando as costas da garota. —Ei, vai ficar tudo bem.

Ela balançou a cabeça. —Não, não vai. Eu não posso fazer isso de novo. Eu preferia que eles apenas me matassem.

Os olhos de Lily se encheram de lágrimas. —Por favor, não diga isso. Temos que ser fortes, juntas.

—Eu estou tentando, mas tudo que eu fico pensando é como foi com aqueles outros dois homens, como eles se forçaram... — Sua voz embargou.

Lily não precisava que ela terminasse o que estava dizendo. Ela sabia exatamente como a história terminava.

—Me escute. Farei tudo ao meu alcance para impedir que isso aconteça com você novamente. O que eles fizeram nem mesmo é sobre você. É sobre sua própria necessidade doentia de se sentir poderoso perto das mulheres. Se eles fossem homens de verdade, não precisariam sair por aí se forçando às mulheres. Você é a inocente em tudo isso.

Ela finalmente olhou para cima, fixando Lily com olhos azuis injetados de sangue. —Você também. Você também é inocente nisso.

Lily não tinha tanta certeza. Não foi ela quem trouxe Rodriguez para a vida de Jess? Se ela tivesse feito o que Monster pediu, e deixado a cidade, Jess não estaria nesta posição agora.

Mas Jess estaria a caminho de ser vendida para outra pessoa, ela se lembrou, e a outra mulher não estaria livre.

Ela esperava, pelo menos, que aquelas outras mulheres estivessem seguras. Talvez ela não fosse capaz de salvar a todas, nem a ela mesma, mas essas poucas poderiam ter uma vida feliz.

Jess começou a chorar de novo. —O que você acha que eles vão

fazer conosco? — Ela perguntou entre lágrimas.

—Eu acho que eles continuarão a fazer tudo o que puderem para se sentirem como homens poderosos e presunçosos, quando na verdade eles não são melhores do que valentões crescidos. Precisamos apenas concordar com eles por enquanto, até que possamos descobrir uma maneira de sair dessa. — Ela pegou a mão de Jess e baixou a voz para um sussurro. —Eu vou matar se eu precisar. Se surgir a oportunidade, desta vez nem hesitarei.

Jess apertou os lábios e acenou com a cabeça. —Matar ou morrer?

—Às vezes é isso que se resume.

Jess estremeceu. —Eu me sinto tão suja, por dentro e por fora. Você acha que estaria tudo bem se eu tomasse banho?

—Eu acho que é isso que eles querem, mas é claro. Faça o que for preciso para se sentir melhor, certo? Vou dar uma olhada em que tipo de roupas eles nos forneceram.

O tema da decoração em branco acompanhou os quartos e o banheiro. O banheiro em mármore branco, roupa de cama branca, tapetes e paredes brancas. Era como viver no meio de uma tempestade de neve.

Lily fechou a porta do banheiro para dar privacidade a Jess e, em segundos, ouviu o barulho do chuveiro. Ela estava preocupada com o estado de espírito da outra mulher e esperava não fazer nada estúpido. Talvez ela devesse ter verificado para ver se havia algo pontiagudo no banheiro, mas então ela percebeu que Rodriguez e seus homens provavelmente já teriam se certificado disso. Eles teriam ficado mais preocupados se elas usassem algo afiado como arma contra eles do que contra si mesmas.

Lily cruzou o quarto até o grande, sem surpresa branco, armário no canto. Ela abriu a porta e examinou a seleção de roupas com um suspiro. Era exatamente como ela esperava. Cada item foi projetado para destacar, revelar e acentuar sua figura. Os vestidos eram todos de

um material colante e elástico, alguns longos, outros curtos, mas todos com decotes profundos e alças minúsculas, se é que tinham alças. Ela achou que deveria estar feliz por eles serem pelo menos em várias cores. Se todos fossem de branco, ela teria gritado.

Fechando a porta novamente, ela foi até a cômoda e abriu a gaveta de cima. Ela estendeu a mão e ergueu um punhado de calcinhas rendadas e minúsculas. Essas roupas estavam aqui puramente para o benefício dos homens, em vez de fornecer qualquer tipo de calor ou conforto ao usuário.

Lily considerou a possibilidade de se recusar a usar as roupas, mas o fedor da morte de atirar em Mãos de Cigarro ainda se agarrava à sua camisa e jeans, e ela estava manchada de sangue, embora ela não pudesse nem ter certeza de a quem pertencia. Embora odiasse a ideia de se vestir para agradar a Rodriguez, ela também não suportava a ideia de viver e dormir com roupas cobertas com o sangue de outra pessoa.

Com um suspiro, ela enfiou a mão na gaveta e encontrou a calcinha que mais a cobriria, e selecionou um sutiã preto que ela esperava que servisse. Não era uma escolha, mas ela não poderia sequer ter a certeza de que tamanho ela estaria usando. Embora ela sempre tivesse sido voluptuosa nessa área, ela tinha perdido muito peso ultimamente, ela tinha certeza que parte dele tinha saído de seu peito. Movendo para o armário, ela vasculhou os vários vestidos. Ela queria encontrar o vestido mais simples que escondesse mais pele, mas nenhum deles funcionaria. No final, ela escolheu um longo vestido prateado de um ombro só. O corpo tinha espartilho, com uma fenda na saia que chegava até a coxa.

Do banheiro, o barulho do chuveiro cessou repentinamente.

Lily esperou por um momento, dando à outra mulher tempo suficiente para sair e se enrolar em uma toalha, e então foi até a porta fechada e bateu levemente com os nós dos dedos.

—Você está bem?

Nenhuma resposta veio, então ela abriu a porta. Jess estava parada na frente do espelho, uma área na condensação vaporosa foi removida para que ela pudesse ver seu reflexo. Lágrimas escorreram por seu rosto agora limpo, mas ela não tirou os olhos de si mesma quando Lily entrou.

—Você está bem? — Lily perguntou novamente.

Ela apertou os lábios e balançou a cabeça. —Eu quase não me reconheço mais. Eu não me pareço com a mesma garota que foi levada.

Lily hesitou, se perguntando se deveria questionar, mas então imaginou que falar sobre as coisas faria as duas se sentirem melhor. — Há quanto tempo você foi levada?

Ela encolheu os ombros. —Não tenho certeza. Algumas semanas, talvez. Talvez um pouco mais.

Jess foi sequestrada depois que Lily foi enviada para Monster. Talvez, se os cronogramas fossem diferentes, elas poderiam até mesmo ter acabado no contêiner juntas.

—Eles me levaram também, — Lily disse a ela. —Eles me mantiveram no mesmo lugar em que você estava antes de te encontrar no avião.

Ela tirou os olhos do espelho e olhou para Lily. —Como você escapou?

—Eu não fugi, realmente não. Fui mandada embora pelo homem que me comprou. Ele me fez voltar para a América, mas eu queria ficar com ele.

A sobrancelha de Jess franziu, seus olhos se estreitando. —Você queria ficar com um homem que comprou você?

Lily assentiu. —Ele era diferente. Não no começo, no começo eu pensei que seria usada para a mesma coisa que todos esses homens tentam usar as mulheres, mas então descobri que ele precisava das

minhas habilidades para outra coisa.

—É o mesmo homem que estava com você no avião? Aquele que foi baleado?

A dor perfurou seu coração ao pensar na dor de Monster. —Sim, é o mesmo homem. Ele tem seus defeitos, todos nós temos, mas ele não é de todo ruim. Os homens que trabalhavam para ele também tentavam ajudar. Eles libertaram as outras meninas do contêiner. —Lily suspirou. —Acho que o que estou tentando dizer é que nem todos os homens são maus e não podemos perder as esperanças.

Jess estremeceu. —Vai demorar muito até que eu possa confiar em alguém novamente. —Ela deu uma pequena risada. —Se algum dia sairmos deste lugar.

—Vamos, — disse Lily, percebendo os arrepios na pele da outra mulher. —Vamos encontrar algo para você vestir.

Ela guiou Jess para o outro quarto adjacente. Estava decorado de forma quase idêntica ao quarto em que ela acabara de entrar, com exceção de algumas fotos diferentes penduradas na parede.

—Deve haver roupas íntimas na gaveta, — disse ela, apontando para a cômoda com a cabeça e depois foi ao guarda-roupa procurar algo para Jess vestir. Abrindo as portas, ela notou que os vestidos eram todos de um estilo semelhante aos de seu guarda-roupa, todos glamorosos e bonitos.

A voz de Jess veio de trás dela. —Aquele.

Lily se virou para ver Jess parada em um conjunto de lingerie preta, os braços em volta do corpo para se cobrir o melhor que pudesse.

Lily olhou para onde Jess assentiu. Era um vestido preto, com uma saia na altura do joelho que tinha várias camadas de babados por baixo para dar o estilo de um vestido dos anos cinquenta. Lily pegou e entregou a Jess.

A outra mulher se vestiu e passou um pente pelo cabelo loiro,

ainda úmido do banho.

—Você está linda, — disse Lily com um sorriso triste, e imediatamente se chutou. Talvez fosse a coisa completamente errada a se dizer. Afinal, elas não queriam ser bonitas aqui. Elas não queriam receber mais atenção do que já tinham. —Você vai ficar bem enquanto eu tomo um banho e me visto também? — Ela perguntou.

Jess se virou para ela e deu o primeiro sorriso que ela viu desde que elas foram levadas. —Claro. Temos que estar apresentáveis para nosso mestre.

Lily queria dar uma réplica, dizer a Jess Rodriguez não era o mestre delas e nunca seria, mas de que adiantava? Em vez disso, ela levou seu vestido e a calcinha que escolheu para o banheiro.

O vestido de Rodriguez. A lingerie de Rodriguez.

Talvez ela não tivesse discutido com Jess porque a garota estava certa.

No momento, pelo menos, Rodriguez era seu mestre.



Cinco



Uma batida veio na porta do quarto e Lily e Jess se viraram, seus olhos se encontrando com o medo refletido.

A fechadura destrancou e a porta se abriu. Rodriguez estava do outro lado. Só a visão dele fez todos os músculos do corpo de Lily ficarem tensos. Ela queria ficar com raiva dele, morder, arranhar e chutar, mas sabia que isso não a levaria a lugar nenhum. Se Rodriguez estivesse aqui para tirar elas do quarto, ela manteria os olhos abertos e tentaria localizar um telefone ou computador, se elas conseguissem fazer uma conexão. Ela não acreditava que eles estavam aqui no meio do nada, sem nenhuma maneira de contatar as pessoas. Foi diferente quando Monster a levou e ela estava procurando por ajuda porque ela nem sabia em que país estava. Eles estavam na América agora, e ela sabia o número para ligar para os serviços de emergência tão bem quanto qualquer pessoa. Ela poderia até dar a eles uma ideia de sua localização. Ela só precisava de um telefone.

—Estou feliz em ver que vocês estão vestidas, — ele disse com um sorriso suave. —Espero que você esteja pronta para o jantar. — O estômago de Lily gorgolejou em resposta. Ela odiava seu corpo por traí-la. Deve ter sido alto o suficiente para ouvir, porque Rodriguez ergueu as sobrancelhas. —Oh, o jantar não é para você. Se você me agradar, vou permitir que você coma assim que os homens terminarem. Mas até então, você estará nos servindo.

—Vai se foder! — Ela cuspiu.

Ele a ignorou. —E você está deslumbrante, a propósito. Fico feliz em ver você fazer um esforço.

Lily cerrou os punhos. —Mal podíamos ficar com nossas roupas

sujas, e você não nos deu muita opção quando se tratava de escolher algo para vestir.

—É como deveria ser. As mulheres devem ser belas criaturas para serem admiradas e para nos dar prazer. Se você aprender a controlar essa sua boca, todos nós nos daremos muito bem.

Lily resistiu ao desejo de rosnar para ele. Ele estava vivendo na idade das trevas.

Ela olhou para seus pés ainda descalços. —Você não está esquecendo parte de nossas roupas?

Ele seguiu sua linha de visão e arqueou uma sobrancelha escura. —Você não acha que eu daria a você saltos altos para usar, acha? A coisa perfeita para usar como arma? Não, você pode ficar descalça. Isso ajudará a impedir você de fugir para qualquer lugar também.

Mais uma vez essa ideia de que pode haver algum lugar para onde ele teme que elas possam fugir. Ele disse que nunca conseguiriam, mas estava preocupado que simplesmente ter sapatos lhes daria uma vantagem.

Rodriguez deu um passo de lado para a porta e gesticulou para o corredor. —Agora, você vem comigo. — Era uma demanda, não um pedido.

Lily trocou outro olhar com Jess. Elas não tinham muita escolha no assunto, então Lily saiu do quarto, Jess em seus calcanhares. Rodriguez deixou a porta aberta e caminhou pelo corredor à frente, fazendo elas correrem atrás dele. Eles se encontraram de volta ao saguão de entrada, quatro portas que davam para o espaço.

Rodriguez as conduziu por um à direita e entrou na cozinha.

A cozinha era tão luxuosa quanto o resto da casa, com linhas limpas e, embora três pessoas estivessem se ocupando preparando uma refeição, quase nenhuma desordem nas superfícies de trabalho. Lily estava começando a achar que Rodriguez tinha algum

tipo de obsessão por sujeira, tudo estava imaculado, embora a casa inteira fosse branca. Sua equipe deve trabalhar duro para manter as coisas assim. O cheiro de comida cozinhando, algum tipo de carne grelhada, fez seu estômago se apertar de fome. Além de um curto período em que foi bem alimentada, essa sensação de vazio estava se tornando mais familiar para ela do que estar cheia. Ela achava que ser capaz de comer quando estava com fome era algo natural antes, mesmo a menor pontada de fome tinha resultado em um lanche, mas agora ela conhecia a fome como uma besta muito real. Algo que se cravou em sua garganta e a deixou nauseada e faminta, tudo ao mesmo tempo.

As três pessoas se ocupando na cozinha nem mesmo olharam para os recém-chegados. Duas mulheres e um homem de pequena estatura. Eles mantiveram suas cabeças baixas e continuaram com seu trabalho.

Eles são funcionários regulares? Ou são pessoas roubadas, como eu e Jess?

Ela tentou fazer contato visual com uma das jovens, que esfregava potes na pia, mas a garota de cabelos escuros permaneceu concentrada em sua tarefa. Lily não achava que essas pessoas estavam trabalhando para Rodriguez voluntariamente. Ela provavelmente nunca saberia suas origens, mas pela maneira controlada e intimidada como eles se comportavam, eles não pareciam empregados regulares.

Lily avaliou cada item em que seu olhar pousou para usar como uma arma. Eles estavam em uma cozinha, então deve haver facas. Ela olhou para onde os outros funcionários, ou escravos, estavam ocupados trabalhando, mas ela não viu nada. A preparação da comida já deve ter sido feita, mas talvez uma das gavetas contivesse uma ou duas facas. Por que nenhuma dessas pessoas tentou usar uma faca em Rodriguez ou em seus homens? Talvez um deles tivesse e eles tivessem visto as consequências. De que adiantavam as facas contra homens armados? Mesmo assim, ela não descartou completamente a ideia. Se chegasse o momento, ela planejava usá-la.

—Você recolherá as refeições do balcão assim que a campainha

tocar, — ele continuou. — Mantenha elas cobertas com as cloches até levá-las para a sala de jantar e, quando estiverem sobre a mesa, você pode remover as tampas. Você também vai servir o vinho e qualquer outra bebida que meus convidados precisarem enquanto estivermos comendo. Assim que terminarmos, você pode remover os pratos e trazer a sobremesa. — Ele deu um sorriso lento. — A menos que você prefira ser a sobremesa, é claro.

Lily estreitou os olhos. — Nós vamos passar, obrigada.

— Veremos sobre isso. Agora faça o possível para lembrar o que eu disse sobre ser vista e não ouvida. Quaisquer comentários espertos de vocês, serão punidas.

Lily apertou a mandíbula e olhou para o chão, lutando contra o desejo de replicar.

— Espero ver vocês duas na sala de jantar em breve, — disse Rodriguez, e as deixou sozinhas.

Ela olhou para Jess, considerando seu próximo movimento. Elas devem ir? Apenas correr para a porta da frente e rezar para que não estivesse trancada. Mas ela se lembrou dos portões elétricos, do muro que cercava a propriedade e dos quilômetros de deserto além. A porta estaria trancada e elas estavam descalças e sem alimento ou água. Elas não comiam há muito tempo e seus recursos físicos eram baixos. Mesmo se elas saíssem pela porta, o que era improvável, elas não iriam longe.

O estrondo de uma bandeja de prata no balcão exigiu sua atenção. Dois pratos cobertos com cloches de prata estavam na bandeja. O cheiro de carne grelhada lhe deu água na boca, e seus dedos coçaram para levantar a cúpula de prata e inspirar profundamente sobre as refeições que foram preparadas para os homens. Ela odiou Rodriguez ainda mais naquele momento, por ele poder jantar tão luxuosamente enquanto ela e Jess morriam de fome. Precisou de todas as suas forças para não pegar o que quer que estivesse sob as cloches com os dedos e rasgá-lo com os dentes, ou então levantar a bandeja inteira e jogá-la

na parede. Jess estava olhando para as bandejas e engoliu em seco. Lily sabia que estava passando pela mesma batalha interna para não cair na comida.

A garota que pousou a bandeja sibilou para ela. —Você deveria ir. Eles estarão esperando.

Lily ergueu o olhar e fixou nos olhos escuros da garota. A garota acenou com a cabeça, encorajadora ou impaciente, Lily não tinha certeza.

—Não sei para onde devemos ir, — ela percebeu de repente.

—Eles estão do outro lado do corredor, — disse a garota de olhos escuros. —Siga o barulho.

—Vamos, Jess, — disse Lily para a outra mulher. —Nós podemos fazer isso. Apenas aguente e sorria, certo?

Jess acenou com a cabeça.

Elas levantaram uma bandeja cada, o peso mais pesado do que Lily esperava. Ela esperava que Jess ficasse bem carregando o peso. A outra mulher estava mais fraca, não tendo nenhum tipo de trégua desde que fora tomada. Ela odiava pensar no que aconteceria se elas deixassem cair a comida.

Na frente, Lily caminhou cuidadosamente para o corredor e, seguindo o som de vozes, ela se dirigiu para a sala de jantar. Quando ela se aproximou, uma risada rouca ecoou, e seus ombros ficaram tensos, seu coração batendo forte. Ela precisava reprimir todos os seus instintos naturais de luta e fuga, e apenas fazer o que Rodriguez pedia até que ela surgisse com um plano.

A porta já estava aberta, então ela foi capaz de fazer uma entrada suave na sala.

Era decorado no mesmo estilo que o resto da casa, com tapetes brancos macios, lustres e uma grande mesa de mogno. Três outros homens, assim como Rodriguez, olharam para elas quando entraram,

as risadas morrendo. Eles estavam todos elegantemente vestidos em ternos e bem arrumados. Ela reconheceu um deles como sendo Marco.

—Senhoras, — disse Rodriguez, batendo palmas. —Estes são os cavalheiros que você vai servir hoje. Espero que você dê a eles tudo o que eles querem e, quando digo qualquer coisa, é exatamente o que quero dizer.

O sangue de Lily gelou. Ela caminhou até a outra extremidade da mesa e colocou a bandeja na mesa, permitindo que Jess ficasse mais perto da porta. Ela manteve os olhos baixos, focando apenas na comida, e não nos homens ao seu redor. Ela estava terrivelmente consciente da maneira como seu vestido se colava ao corpo, do brilho de seu decote exposto quando ela se curvou e da longa fenda mostrando sua coxa.

Ela tirou a cloche de um dos pratos e tentou não babar na comida. Bife de filé, o alho cremoso da batata assada, feijão verde fresco. A visão e o cheiro da comida a fizeram ter vontade de chorar, e a ideia de ter que ver esses idiotas comerem e se deliciarem, enquanto elas aguardavam, famintas, a fez querer matá-los. Ela nunca pensou que seria alguém que literalmente mataria por um bife, mas agora ela era.

Levantando os pratos das bandejas, ela serviu Rodriguez primeiro, colocando o prato na frente dele, antes de passar para o homem, que ela não conhecia, mais velho com quase 40 anos, pelo menos, com cabelo grisalho e servir ele também. Jess colocou os pratos na frente de Marco e de outro homem mais jovem.

—Bom, — Rodriguez disse, —e nós gostaríamos de um pouco mais de vinho. Vermelho, eu acho. Como o sangue em nossa carne.

Ela não disse nada, mas estendeu a mão para a garrafa no centro da mesa, odiando a forma como a ação a fez se curvar novamente, empurrando seu traseiro para os homens a cobiçarem, e seus seios quase caírem das taças do sutiã rendado. Ela nunca havia se sentido sob tal escrutínio antes, como se os homens pudessem ver através das roupas pegajosas que ela usava, direto para sua pele nua.

Lily encheu a taça de Rodriguez primeiro e depois foi até o homem mais velho do outro lado da mesa. Quando ela estendeu a mão para servir o vinho, uma grande mão fez contato com seu traseiro.

—Eu gosto da minha carne suculenta. — O homem mais velho riu. —E isso é uma bela traseira. — Ele deu um aperto no traseiro dela, e o vermelho turvou a visão de Lily.

Ela chicoteou em direção a ele, desalojando sua mão e brandindo a garrafa de vinho. —Coloque suas mãos em mim de novo, — ela rosnou, —e eu vou cortar a porra da sua garganta.

Ela nunca soube que tinha esse nível de raiva dentro dela, essa veemência.

As sobrancelhas do homem se ergueram em surpresa, mas em vez de se dirigir a ela diretamente, ele olhou para Rodriguez.

—Rodriguez, acho que você precisa levar seu pequeno bichinho nas mãos.

Rodriguez olhou para ela exasperado, suas narinas dilatadas. — Sim, é o que parece, não é? Uma ordem simples, era tudo que você tinha que seguir, e agora você decepcionou todo mundo.

Marco se afastou da mesa, tirando o paletó para colocá-lo nas costas da cadeira e puxando as mangas da camisa para cima. —Eu posso cuidar dela, chefe. Será um prazer.

Lily congelou, tentando imaginar seu próximo movimento. Ela deveria usar a garrafa ainda presa entre os dedos como uma arma? Ela deveria largar tudo e correr para a porta? Ela não queria piorar as coisas, se isso fosse possível.

Marco contornou a mesa, nem mesmo se preocupando em disfarçar o sorriso de prazer estampado em seu rosto, e a boca de Lily secou.

—Espere, — ordenou Rodriguez, de repente. —Ela não deve ser tocada. — Ele acenou com a cabeça na direção de onde Jess tinha se

encostado na parede oposta, segurando a bandeja agora vazia. Seus olhos estavam arregalados de medo, e mesmo à distância, Lily podia vê-la tremendo. —Em vez disso, castigue aquela.

—O que? — Lily gritou, a adrenalina explodindo dentro dela. — Não, espere! Eu não quis dizer isso.

Ele deu um sorriso lento. —Talvez você pense duas vezes antes de tratar um dos meus homens com tanto desrespeito novamente.

—Por favor, deixe ela em paz. Fui eu! Ela não fez nada.

Mas os homens já haviam voltado sua atenção para Jess. Se juntando a Marco, o homem mais velho empurrou a cadeira para trás e se dirigiu para a garota.

—Lilly? — Ela gritou.

Marco a agarrou e a bandeja caiu no chão.

Lily se lançou para frente, com a intenção de arrancar os olhos de Marco se isso o impedisse de machucar Jess, mas mãos fortes agarraram o topo de seus braços e a puxaram com força. Ela se encontrou presa contra o corpo de Rodriguez. Ela chutou para trás, na esperança de acertar a canela dele, e se contorceu e lutou, mas ele a segurou firme.

Ele falou baixo em seu ouvido. —Quanto mais você lutar comigo, pior será para ela.

Ela caiu mole. —Seu desgraçado de merda.

Ele a ignorou. —Traga a garota até a mesa e a dobre sobre ela. Acho que sua amiga aqui acabou de lhe ganhar uma surra.

—O que? Não!

Jess nem tentou lutar. Com a cabeça baixa, as lágrimas escorrendo pelo rosto, ela se permitiu ser empurrada para a mesa. Marco jogou para o lado talheres, pratos, utensílios e uma taça cheia de champanhe, então eles caíram no chão, fazendo Jess pular.

Lute de volta, Lily desejou. Talvez se Jess lutasse, os homens devolveriam o castigo a ela. Mas Jess não tinha forças. Lily não podia odiá-la por isso. Ela tinha passado por tanta coisa, e talvez ela fosse uma lutadora quando foi levada pela primeira vez, mas as últimas semanas tinham quebrado qualquer briga dela.

Marco empurrou as costas de Jess, batendo o rosto dela contra o mogno brilhante do tampo da mesa. Com uma risada, ele puxou o vestido dela por cima das costas e, em seguida, puxou para baixo a frágil calcinha que lhes foi fornecida.

—Não, pare com isso! — Lily gritou, incapaz de simplesmente desistir. —Não toque nela, porra.

Ele ergueu os olhos e sorriu, e então respirou nas palmas das mãos, como se as aquecesse, e as esfregou. —Vou aproveitar isso.

Marco ergueu a mão e deu um tapa forte em seu traseiro nu.

Todos os músculos do corpo de Lily ficaram tensos com o som do tapa estalando, e ela assobiou sobre os dentes, sentindo o golpe por si mesma. Embora ela não quisesse ter essa reação, seus músculos internos se contraíram e sua boceta latejou como se ela mesma tivesse recebido o tapa.

Jess não fez nenhum som.

O vermelho floresceu em sua pele pálida, ao mesmo tempo erótico e horrível de se ver.

Marco ergueu a mão e bateu nela novamente. O corpo de Jess empurrou sobre a mesa com o impacto, mas ela ainda não disse uma palavra.

O calor subiu ao rosto de Lily enquanto uma pressão familiar e um formigamento se condensava entre suas coxas. Ela mordeu o lábio, tentando se distrair da sensação. O que diabos havia de errado com ela? Ela não podia assistir Marco bater em Jess e deixá-la excitada. Estava errado de muitas maneiras.

Marco bateu em Jess de novo, e de novo, mas Jess continuou com o rosto pálido, mas em silêncio. Lágrimas escorreram por seu rosto.

—Você gosta, não é, vadia? — Ele rosnou. —Isso está deixando você molhada?

—Deixa ela em paz! — Lily gritou. —Leve-me em seu lugar. — Ela seria capaz de aguentar a surra melhor do que Jess, inferno, a maneira como sua cabeça e corpo pareciam estar funcionando ultimamente, ela poderia até mesmo gostar.

Rodriguez puxou seus braços para trás. —Você não pode se oferecer assim. Você pertence a mim.

—Vou transar com todos os homens desta casa se ele a tocar assim de novo, — ela cuspiu de volta. —Vou subir naquela mesa, abrir minhas pernas e convidar cada um deles para me foder.

O corpo de Rodriguez ficou tenso atrás dela e então amoleceu. — Isso é o suficiente, — ele gritou para Marco. —Deixe ela ir.

Lily exalou um suspiro de alívio. Sua boca estúpida a colocaria em sérios problemas um dia.

Jess se abaixou para puxar a calcinha de volta pelas pernas e puxou a saia de volta para cobrir seu traseiro. Todos os homens ficaram para trás, quando ela soltou um soluço e cobriu a boca com a mão. Com a cabeça baixa, ela saiu correndo da sala.

Rodriguez soltou os braços de Lily e ela se soltou.

—Eu quis dizer o que eu disse, — ele disse a ela. —Cada vez que você sai da linha, será a sua amiguinha que receberá a punição. Isso foi apenas uma amostra. Me ameace assim de novo e farei com que todos os homens que conheço a estuprem indefinidamente e forçarei você a observar cada momento. Você entende?

Seu interior se retorceu com um ódio nauseante. Ela não queria nada mais do que matar este homem das formas mais horríveis e violentas que ela poderia pensar. Ela acreditava que odiava Mãos de

Cigarro tanto quanto era possível odiar alguém, mas Rodriguez havia levado seu ódio a um nível totalmente novo. Monster estava certo quando disse que faria os irmãos Gonzalez-Larrinaga parecerem dois garotos de escola. Ela entendeu agora porque ele disse tal coisa.

Lily já tinha matado antes, e agora ela sabia que faria feliz a mesma coisa novamente.



Monster

(Quatorze anos antes)



Dias se passaram desde que ele viu a garota com o cabelo cor de mel e pele cremosa. Embora soubesse que deveria ficar aliviado com a falta de repercussões de reivindicar que a carne e o arroz derramados, e o tapete arruinado era sua culpa, ele não conseguia parar de se preocupar. Além de uma refeição perdida, ele não foi punido de forma alguma. A garota, entretanto, não havia retornado, e Monster se preocupava sem parar com sua segurança. Seu pai devia saber que ele estava escondendo algo. Por que outro motivo ele teria impedido a garota de trazer as refeições para ele? Ou será que seu pai percebeu a atração e o afeto que Monster experimentou pela garota, e ele queria acabar com isso antes que pudesse causar qualquer problema?

De qualquer maneira, Monster lutou para acreditar que seu pai havia acreditado em sua história sobre tropeçar no tapete e derramar comida sozinho. Ele não sabia como, mas seu pai sempre sabia a verdade sobre o que acontecia na vida de Monster. Era como se ele tivesse olhos nos cantos do quarto e orelhas pressionadas contra as paredes. Monster nunca escapou de nada, mas especialmente não algo tão grande como contar uma mentira direta para seu pai.

Pensar no que acontecera com a garota o perturbava. Cada vez que ele fechava os olhos, a imagem de seus profundos olhos azuis se encontrando completamente com os dele enchia sua mente. Ele se lembrou das lágrimas tremendo em suas profundezas, mas mais do que isso, ele se lembrou de como ela se concentrou apenas nele, e não na marca de nascença que escurecia um lado de seu rosto. Ele se pegou tocando os lábios com as pontas dos dedos, se lembrando de

como eles haviam roçado sua pele macia e imaginando que estava tocando seu braço novamente. Ele odiava que a última coisa que ele disse a ela foi dita com raiva.

—Vá, — ele rosnou. —Não me faça dizer isso de novo, ou serei aquele de quem você receberá a surra.

A memória daquelas palavras o feriu profundamente. Mais do que tudo, ele gostaria de poder voltar e manter sua boca fechada. Ela o odiaria agora? Ela estava com medo dele? Era esse o motivo de ela não ter retornado, ou seu pai era a causa raiz? Quando se deitava na cama à noite, o que mais o assombrava era a ideia de seu pai machucá-la. Ela estava deitada em algum lugar, espancada e quebrada, por causa da mentira que ele contou? Se eles tivessem sido honestos sobre o que aconteceu, ela teria recebido uma punição simples, mas ainda estaria visitando ele agora?

Ele tinha tantas perguntas que não conseguia fazer.

Mais dois dias se passaram, e o tapete que seu pai havia tirado para limpar foi trazido de volta para o quarto por um casal de empregados de seu pai. Ele queria perguntar a eles se a tinham visto, mas não conseguia tirar as palavras de sua língua. Eles não falaram, nem mesmo olharam para ele enquanto colocavam o tapete em sua posição original. Eles se viraram para sair e, ao fazer isso, seu pai entrou silenciosamente pela porta.

Monster inalou, sua respiração presa em seu peito. Ele conhecia seu pai bem o suficiente para ser capaz de ler ele instantaneamente, o menor sinal de linguagem corporal ou expressão facial, o tique em sua mandíbula, uma rigidez nos ombros, para alertá-lo quando o problema estava se formando. Monster sabia disso o tempo todo. Seu erro não ficaria impune.

—Eu sempre te ensinei a respeitar seus pertences e os dos outros, não é, Monster?

Ele costumava chamá-lo de 'meu pequeno monstro,' mas ele era muito grande para o nome agora.

Monster acenou com a cabeça. —Sim senhor.

—Quando falo dos nossos pertences, não me refiro apenas aos inanimados. Estou falando sobre os homens, mulheres e até meninas que trabalham para nós também.

—Sim senhor, — ele repetiu. —Eu entendo.

—Então, o que aconteceu entre você e a garota que estava trazendo sua comida?

Sua frequência cardíaca aumentou um grau, batendo forte em seu peito. —Nada senhor.

As sobrancelhas de seu pai se ergueram. —Nada? Você espera que eu acredite nisso? Você tem tido pensamentos impuros sobre aquela garota? Você tocou nela? Você pensou nela quando se tocou?

Suas bochechas queimaram de vergonha, o fogo rolando por seu pescoço e peito. —Não, pai, claro que não. — Era uma mentira, outra mentira. Tantas que seu pai certamente veria através de todas elas.

—Você esqueceu que eu também fui jovem? Eu sei como funciona a mente de um menino. Por que mais você levaria a culpa por algo que ela fez?

Ele sabia. Claro, ele sabia. Ele sempre soube.

—Sinto muito, pai. Eu me senti mal por ela.

—E você acha que sentir pena de alguma garota é uma desculpa para mentir para sua própria carne e sangue?

Ele balançou sua cabeça. —Não é uma desculpa. Eu só estava tentando explicar...

Seu pai cruzou o curto espaço entre eles e sua mão disparou e acertou a bochecha de Monster. Ele estava maior agora, e o tapa balançou sua cabeça, mas não o jogou no chão. Monster agarrou sua bochecha, agora queimando por um motivo diferente. A raiva cresceu dentro dele, mas ele não tinha sido criado para lutar. Seu pai estava

tentando ensiná-lo a se comportar para protegê-lo. Monster sabia que ele era diferente. Ele não tinha nenhuma experiência no mundo que o fizesse pensar que lutar era a coisa certa a fazer.

—Você ficou feliz por ficar sem uma refeição por outra pessoa. Vamos ver se você ainda está feliz depois de várias refeições. Talvez então você descubra de que lado você deveria estar.

Seu pai se virou e saiu do quarto, batendo a porta atrás de si e travando a fechadura. Monster foi para sua cama e afundou na beirada do colchão. Quantas refeições ele quis dizer? Já era hora do almoço e ele estava com fome, mas imaginou que não havia muita chance de aquela refeição chegar.

Sabendo que não adiantaria bater na porta e tentar fazer o pai mudar de ideia, ele suspirou e se jogou de bruços na cama. Ele pegou o livro que estava lendo, determinado a se perder na história e esquecer o estômago vazio por algumas horas.

A hora do jantar chegou e se foi e ninguém o perturbou.

Conforme as horas passavam, uma necessidade maior do que a fome começou a assumir, mas pelo menos essa era uma necessidade que ele poderia saciar. Monster desceu da cama e foi para o banheiro, com a intenção de abrir a torneira fria e beber até se fartar. Talvez a água também ajudasse a encher seu estômago vazio.

Ele abriu a torneira, mas nada aconteceu. Confuso, ele desligou e ligou novamente, mas ainda assim a pia permaneceu seca. Abaixando, ele olhou para cima na torneira, perguntando-se se havia algo preso lá que pudesse estar parando a água, mas nada era aparente.

Monstro engoliu em seco contra sua garganta seca e tentou não se concentrar na profunda preocupação que se contorcia em seu intestino. Seu pai não teria feito isso, faria? Ele tinha desligado a água?

Ele foi até o chuveiro e o ligou, rezando para que o chuveirinho borrifasse, mas, novamente, nada aconteceu. Ele torceu a torneira da

banheira e conteve um soluço. Seu pai deve ter desligado a água dessa ala da casa.

Tentando ignorar o aperto em sua garganta e a forma como sua língua grudou no céu da boca, Monster saiu do banheiro e voltou para sua cama. Ele se jogou de costas, o antebraço cobrindo os olhos. Seu pai não o deixaria por tempo suficiente para morrer de sede, mas o torturaria por tempo suficiente para garantir que a lição fosse aprendida e lembrada.

Sua fome havia diminuído em relação à sede.

Sem mais nada para fazer, ele se enrolou de lado e adormeceu. Seus sonhos eram assombrados por copos altos de água com gelo tilintando contra a lateral. Ele ergueu o copo e bebeu profundamente, saboreando cada gota, mas quando acordou foi com grande desapontamento e ao perceber que nada havia mudado.

Monster jogou as pernas para fora da cama e caminhou para o banheiro novamente. Ele experimentou todas as torneiras, mas não houve mudança. Sua bexiga estava cheia e pesada, e ele foi ao vaso para se aliviar. Puxando o assento, ele se libertou e então fez uma pausa. Ele estava olhando para a água limpa, a única fonte em sua vizinhança e ele não queria mijar nela.

Virando para o lado, ele segurou o pênis do lado da banheira e urinou na porcelana. A urina era de um amarelo escuro e o fedor o atingiu como amônia, fazendo ele virar o rosto. Ele gostaria de ter uma maneira de lavar a urina, mas não queria desperdiçar a água que tinha disponível. Pelo menos ele não precisava cagar, ele achava que havia algum benefício em não ter comido recentemente. Esvaziar os intestinos seria mais problemático do que urinar na banheira, mas, considerando que não comia ou bebia havia horas, ele duvidava que a situação fosse um problema tão cedo.

Ele olhou para a água, imóvel e límpida no fundo do vaso sanitário, e engoliu novamente. Não, ele não podia beber do banheiro. Ele simplesmente não conseguia. Seu pai o deixaria sair, ou

pelo menos mandaria um de seus servos empurrar uma bandeja nele logo. Ele apenas tinha que aguentar um pouco mais.

Colocando o assento de volta no lugar, para que a visão da água não o tentasse, ele saiu do banheiro e foi até a porta do quarto. Usando o punho, ele bateu na madeira.

—Ei! — Ele tentou gritar, embora sua voz saísse como um grasnido rouco. —Aprendi minha lição. Por favor, estou com muita sede. Não me dê comida, mas, por favor, me deixe beber um pouco.

Nenhuma resposta veio, nenhuma pista de que alguém estava lá fora, muito menos o tinha ouvido e reagido aos seus apelos.

Segurando as lágrimas, Monster voltou para sua cama. Os efeitos da desidratação estavam afetando seu corpo agora. Quanto tempo alguém poderia durar sem água? Cinco dias? Uma semana? Ele tinha lido que apenas uma desidratação leve pode causar fadiga e tontura. Ele não sabia quanto tempo fazia desde que ele bebeu pela última vez, talvez doze horas. Não demorou muito. Ele nem queria pensar em que tipo de estado ele estaria depois das outras doze.

Ele dormiu de novo, mas acordou com os lábios rachados e a boca seca como areia. Ele esfregou a língua áspera no céu da boca, tentando gerar um pouco de saliva, mas não havia nada. Quando ele piscou, até seus olhos pareciam secos, como se precisasse mais esforço para fazer suas pálpebras deslizarem de volta sobre seus globos oculares. Ele não tinha certeza de quanto tempo estava dormindo.

Ficando de pé, ele cambaleou de volta para a porta, com as pernas fracas sob ele, e bateu novamente.

—Pai, — ele murmurou. —Eu aprendi minha lição agora. Por favor, estou com tanta sede.

Quanto tempo passou agora? Um dia? Mesmo que alguém pudesse durar cinco dias sem água, ele não achava que os últimos dias seriam agradáveis. Ele nem precisou urinar de novo, então sabia que estava gravemente desidratado.

Incapaz de perder as esperanças, ele cambaleou em direção ao banheiro novamente para o caso de a água ter sido ligada novamente. Imaginou que ele tivesse sofrido todo esse tempo, apenas para seu pai lhe dizer que a água voltou horas atrás. Mas quando ele verificou, os canos ainda estavam secos.

Seus olhos foram atraídos para o vaso novamente e ele engoliu em seco. Ele não queria ir lá, imaginando todas as fezes microscópicas e germes na tigela. Ele poderia lutar, ele poderia. Ele voltaria para a cama e esperaria seu pai destrancar a porta. Não havia como ele se rebaixar bebendo em um vaso.

A inspiração surgiu de repente. A água não estava apenas retida na tigela. Havia mais água potável no tanque acima, pronta para a próxima descarga. Se ele pudesse chegar a essa água, ele seria capaz de beber até se fartar.

A adrenalina fez seu coração disparar enquanto ele corria para o tanque de porcelana. Parecia haver uma camada entre o tanque principal e a tampa, mas estava colada com algum tipo de adesivo. Monster correu suas unhas cegas entre a ranhura, mas ele não sentiu nenhuma ceder. Ele tencionou os braços e tentou arrancar a tampa, se esforçando com a pequena quantidade de força que lhe restava, mas ela não se mexeu.

—Foda-se, — ele amaldiçoou em voz baixa, ainda preocupado que seu pai pudesse ouvir o palavrão.

Não havia nenhuma maneira de ele ser capaz de levantar a tampa. A única outra opção era tentar quebrar.

Monster olhou ao redor em busca de algo que pudesse usar. Suas mãos não seriam suficientes, ele precisava de algo duro e pesado. Não havia nada no banheiro que fosse duro ou pesado o suficiente, então ele voltou para seu quarto e olhou ao redor, seu cérebro confuso tentando descobrir o que funcionaria. Seu olhar pousou em um conjunto de pesos no canto, que seu pai havia lhe dado e instruído a usar para mantê-lo fisicamente forte, apesar de sua falta de acesso ao

mundo exterior. Em particular, o círculo de metal de um dos halteres chamou sua atenção.

Isso funcionaria!

Monster cruzou o quarto e se abaixou para pegar o objeto. Era mais pesado do que ele se lembrava, embora seu estado físico atual não ajudasse. Determinado a ter acesso à água limpa, ele o levou ao banheiro e parou ao lado do vaso sanitário.

Segurando o peso com as duas mãos, ele o ergueu o mais alto que pôde e o baixou sobre a tampa de porcelana. Ele acertou, o impacto reverberando por suas mãos e braços, e ele quase deixou cair o peso, mas conseguiu se segurar. Ele olhou para a tampa branca, inspecionando o dano.

Uma rachadura se quebrou na parte superior da tampa e ele respirou fundo. Ele colocou o peso no chão e se endireitou. Com cuidado, ele estendeu a mão para o lado, na esperança de arrancar a tampa. Ele balançou a tampa e a rachadura se espalhou, descendo pela lateral do tanque.

—Não! Não se atreva, porra!

Mas um objeto inanimado nunca se importaria com suas maldições. Ele tentou levantar o pedaço da tampa que estava rachada, mas a rachadura na lateral era mais profunda. Era o caso de abrir a tampa e tomar um gole antes que tudo desmoronasse. Cheio de urgência, ele ergueu o pedaço de porcelana de cima, com a intenção de afundar as mãos no tanque e beber até se fartar, mas mesmo enquanto tentava levantar, descobriu que era mais pesado do que pensava. Em seu estado enfraquecido e desidratado, seu aperto escorregou e deixou cair, atingindo o topo do tanque.

A rachadura se abriu como uma boca aberta, e a lateral do tanque caiu, batendo no chão, errando por pouco os dedos dos pés de Monster. Ele saltou para longe no momento em que uma enxurrada de água, como uma onda, caiu do tanque no chão.

Não se permitindo pensar, caiu de joelhos e pressionou a boca contra os ladrilhos, mas a poça de água já havia se dispersado, deixando ele lambendo os ladrilhos molhados, todas as preocupações com os germes e a higiene há muito desaparecidas.

Ele queria chorar. Lambendo a água dos ladrilhos não matou sua sede. No mínimo, tinha piorado tudo.

Monster não se importava mais. Com os joelhos das calças molhados da água do tanque e agarrados à pele, ele rastejou até o vaso. Inclinando sobre a tigela, como se estivesse prestes a vomitar, ele enfiou a mão na água. A porcelana estava razoavelmente limpa, o cajado de seu pai nunca permitiria que o lugar ficasse sujo, mas quando ele levou a água à boca, ele teve que lutar contra a multidão de vozes em sua cabeça que lhe contavam sobre todas as partículas invisíveis de merda e mijo que ele estava prestes a ingerir. Ele fechou os olhos, bloqueando a visão, e sorveu a água. Tinha um leve gosto de limpador de banheiro, mas fora isso estava bom. Seus olhos se abriram e ele pegou mais com a palma da mão, e outro. Ele bebeu até que a água espirrou em seu estômago, mas ele se sentiu melhor quase imediatamente. A tontura desapareceu e as forças voltaram a seus membros.

Beber a água significava que sua fome voltava com uma demanda feroz, mas não havia nada que ele pudesse fazer nesse sentido. Ele só precisava esperar as coisas acontecerem agora. Ele não iria morrer, ele apenas iria sofrer um pouco mais até que seu pai decidisse que ele tinha aprendido a lição.

Não mais com sede, Monster voltou para sua cama.

Outras doze horas se passaram antes que seu pai o deixasse sair novamente, e a cada hora que ele esperava, o ódio de Monster pelo homem aumentava.



Seis



Lily foi levada de volta para seu quarto, Marco empurrando ela pelo corredor enquanto ela caminhava. Ela sabia que tinha irritado Rodriguez, mas naquele momento ela não se importou. Ela estava furiosa com o que havia acontecido com Jess, mas não havia nada que ela pudesse fazer a respeito. Rodriguez disse que qualquer coisa que ela fizesse para desagradar a ele, Jess seria punida. Naquela noite, tinha sido apenas uma surra, mas ela sabia que as coisas iriam piorar para as duas. Esses homens não ficariam felizes com uma punição leve. As coisas iriam aumentar rapidamente.

Marco a empurrou por trás novamente, fazendo ela tropeçar. — Estou andando muito bem, — ela retrucou por cima do ombro.

Ele deu um sorriso tenso que não alcançou seus olhos. — Cala a boca, vadia, ou você vai ficar muito pior do que um empurrãozinho para reclamar.

Lily olhou para frente, tentando ignorar o valentão atrás dela. Ela esperava que Jess tivesse corrido de volta para seus quartos. Ela presumiu que sim afinal, para onde mais ela teria ido? Se Rodriguez tivesse qualquer indício de que ela poderia ter tentado fugir, ela tinha certeza de que ele teria enviado um dos outros homens atrás dela.

Eles chegaram à porta do quarto. Marco passou por ela e abriu. Outro empurrão contra suas costas a fez voar para frente com o vestido caro. Ela ouviu um rasgo em algum lugar ao longo da costura ao cair. No momento em que ela bateu no chão, a porta bateu atrás dela e a fechadura se encaixou no lugar.

Lily permaneceu de joelhos por um minuto, se forçando a respirar

fundo para se controlar. O que ela realmente queria era ficar de pé e rasgar o quarto em pedaços, socar as paredes, gritar e chutar a porta, mas havia uma garota frágil no quarto ao lado dela, e Lily sabia que se ela se perdesse, Jess não teria nada em que se agarrar. Lily precisava ser a âncora para as duas. Se ela caísse, as duas estariam perdidas.

Piscando para conter as lágrimas de raiva, medo e frustração, Lily puxou o vestido rasgado até as coxas e trêmula se levantou. A raiva não a tinha deixado, longe disso, mas ela sentia que tinha controle sobre ela agora. Ficar furiosa com objetos inanimados não faria nenhum bem. Ela já estava fraca por falta de comida e tudo que ela tinha passado, a queda de adrenalina agora minando a energia furiosa que estava correndo por seu corpo apenas alguns momentos antes.

Ela olhou em direção ao banheiro. A porta que separava o quarto de Jess do outro lado das instalações estava fechada e ela não tinha ouvido nenhum som vindo de trás da porta fechada. Ela deve estar lá. Não havia nenhum outro lugar onde ela pudesse estar, mas por apenas uma fração de segundo o pânico cresceu dentro de Lily de que algo mais tinha acontecido com Jess.

Estimulada por seu alarme, ela correu pelo banheiro e empurrou a porta ao lado sem se preocupar em bater.

Ela exalou um suspiro de alívio. Jess estava enrolada de lado, de frente para a parede. Seu corpo tremia com lágrimas silenciosas, e ela não fez nada para reconhecer que Lily havia entrado.

Lily cruzou o quarto e se sentou na beira da cama, o colchão afundando sob seu peso. Ela ergueu a mão, querendo colocá-la no ombro da outra mulher como conforto, mas não foi capaz de fazer isso, então seus dedos pairaram no ar, em vez disso.

—Você está bem? — Ela perguntou no final.

O choro parou e o corpo de Jess ficou rígido.

Lily prendeu a respiração, esperando por uma nova manifestação de tristeza, mas em vez disso, Jess se sentou e a encarou.

—Não, não estou bem! Que pergunta estúpida do caralho. Você ficaria bem se tivesse sido exposta e espancada na frente de um grupo de homens estranhos?

Lily recuou e balançou a cabeça. —Não, claro que não.

—Bem, então, o que te faz pensar que eu vou estar?

—Nada. Foi uma coisa estúpida de se dizer. Eu só queria...

Me certificar de que você estava bem.

Ela não conseguia pensar em mais nada para dizer. Jess estava certa. Claro que ela não estava bem. Elas foram levadas e seriam usadas como escravas para entreter homens famintos por poder e abusadores. Nenhuma delas deve estar bem.

E ainda assim Lily se sentiu mais forte, muito mais forte do que ela esteve depois que Monster a levou. O medo já não a mantinha cativa. Ela sabia do que era capaz agora, e isso era muito mais do que ela jamais se deu crédito.

Alguém bateu na porta.

Lily franziu a testa. Quem se importaria em bater?

Ela trocou um olhar com Jess, levantou e atravessou o quarto. — Sim? — Ela gritou.

A fechadura se abriu e uma das mulheres que trabalhava na cozinha abriu a porta. Ela carregava uma bandeja com duas tigelas idênticas, copos plásticos com água e colheres. A mulher não fez contato visual com elas, mas inclinou um pouco, como se as servisse.

—O Mestre me disse para trazer suas refeições para vocês, — ela disse em uma voz baixa, com um sotaque carregado. —Devo levar a bandeja.

—Sim, é claro, — disse Lily, tentando dar um sorriso à outra mulher enquanto tirava as tigelas e os copos d'água da bandeja e os colocava na cômoda. —Obrigada.

Mas a mulher já havia saído do quarto e trancado a porta atrás dela.

Lily verificou a comida e franziu o nariz. —Não exatamente bife de filé, — ela disse em voz alta, mas não para ninguém em particular. A refeição parecia um mingau aguado. Ela ergueu uma das colheres de plástico e deu um gole, tentando não fazer uma careta. Sim, mingau aguado era exatamente o que a comida era. Sem açúcar ou creme para adicionar sabor. A refeição era a mais simples possível.

Mesmo assim, seu estômago roncou de fome. Contendo o próprio desejo de enfiar comida na boca, ela ergueu a outra tigela e a colher e as levou até Jess, que ainda estava sentada na cama.

—Aqui, — disse ela, colocando na mesa de cabeceira. — Coma. Isso vai fazer você se sentir mais forte.

Jess apertou os lábios e balançou a cabeça. —Eu não estou com fome.

—Não seja estúpida. Você precisa comer. — Ela baixou a voz. — Se surgir uma oportunidade de onde possamos sair daqui, como você se sentirá se estiver fraca demais para fugir?

—Não vamos sair daqui, — disse ela, decidida. —Eu gostaria que você parasse de dizer isso.

—Eu tenho alguém de fora. Ele estará procurando por mim, tenho certeza.

Mas ela tinha certeza? E se Monster decidisse que esse era um problema muito grande para se envolver? Embora ela não quisesse duvidar dele, ela não podia deixar de se preocupar. Ela esperava que Monster viesse por ela, mas ela não iria contar com ele. Ela precisaria salvar a si mesma e a Jess também, se as coisas chegassem a esse ponto.

—Ele pode estar morto, — Jess disse de repente.

A cabeça de Lily se virou. —O que?

—Ele foi baleado. Eu vi que ele estava ferido. Ele pode estar morto.

Uma onda de calor, seguida de frio, percorreu seu corpo. —Não, ele não está morto. Eu saberia de alguma forma. Eu sentiria dentro de mim. — Mas essas eram noções românticas e estúpidas. Como ela saberia que ele estava morto? A verdade não era simplesmente que ela estava mentindo para si mesma? —Basta comer a comida, — disse ela, voltando para onde havia deixado sua refeição.

Ela pegou a tigela e o copo e os levou de volta para o quarto. Ela não suportava estar no mesmo espaço que Jess agora por sugerir tal coisa. Embora ela quisesse ajudar a outra mulher, se sentia responsável por ela, por algum motivo, ela não podia permitir que Jess a derrubasse também. Ela já podia sentir a depressão arranhando seus membros e pesando em seu coração, como se fosse um ser vivo que literalmente quisesse arrastar ela para o chão.

Ela fechou a porta parcialmente atrás dela e pegou a tigela para sentar ao lado da cama. A comida não tinha gosto, mas era quente e farta. Ela comeu rapidamente e, em menos de um minuto, estava limpando a tigela.

A exaustão tomou conta dela, pesando em suas pálpebras. Ela não tinha dormido na noite anterior e precisava descansar.

Colocando a tigela ao lado da cama, ela se enrolou de lado, a mão sob a cabeça.

Em segundos, ela estava dormindo.



Monster

(Dias atuais)



Alguém estava sacudindo seu ombro.

Após o tremor, a dor se manifestou, latejando pela clavícula de Monster e descendo por seu braço. Ele se forçou a acordar e tentou se concentrar, embora as memórias que vinham ressurgindo de sua infância se agarrassem a seus pensamentos. Por que seu pai tinha sido tão insistente que o Monster deveria cuidar de sua 'propriedade' e tratá-la com respeito? Ele nunca tinha sido um homem que se importava em respeitar as mulheres antes, ou mesmo as pessoas em geral. A reação de seu pai tinha sido mais a ver com a mãe de Sophia do que qualquer outra coisa? Sophia havia dito que acreditava que sua mãe estava apaixonada pelo pai dele, então seria possível que seu pai pensasse em Sophia como uma filha, uma criança linda para substituir a horrível que ele havia trancado em um quarto? Foi por isso que ele enviou Sophia e sua mãe para pertencerem à família Gonzalez em vez de apenas expulsá-las, ou mandar matar elas? Afinal, ele sabia que seu pai era perfeitamente capaz de matar mulheres que ele não queria manter por perto. Não foi exatamente isso que ele fez com a mãe de Monster?

A voz de Sophia, sibilando para ele, tirou sua atenção do passado.
—Eu posso ouvir o movimento lá de cima.

Monster grunhiu e se sentou. —O que?

—Acho que nosso amigo lá em cima está acordado. O que nós vamos fazer?

Ele sacudiu as últimas teias de aranha residuais de sono e esfregou o rosto com a mão. —Há quanto tempo estou desmaiado?

—Cerca de oito horas. Seu ombro está parecendo melhor.

Ele assentiu. Ele se sentiu melhor, embora a culpa o enchesse com a ideia de que ele esteve dormindo todo esse tempo quando Lily esteve em perigo. Se algo terrível tivesse acontecido com ela naquele tempo, ele nunca se perdoaria. —Tem certeza de que sabe onde Rodriguez vai manter Lily? — Ele perguntou a Sophia.

Ela acenou com a cabeça. —É sempre o mesmo lugar para seus novos bichinhos, como ele gosta de chamá-las. É um lugar no deserto de onde ele sabe que não podem escapar.

Um rangido de tábuas do piso veio de cima, e os dois olharam para o teto.

Monster se levantou, testando seus membros. Ele precisava saber que estava estável o suficiente para ser capaz de lutar, se necessário.

—Aqui, — disse Sophia, empurrando um copo d'água na direção dele. A cor estava turva e ele franziu a testa em suspeita. —É apenas uma combinação de sais e vitaminas, para ajudar a reidratar você, e alguns analgésicos para o ombro. Vai ajudar, eu prometo.

Ele não tinha muita escolha a não ser confiar nela. Afinal, ela poderia tê-lo matado, ou simplesmente deixar ele morrer, a qualquer momento durante o dia anterior, mas não o fez. E parte dele ainda sentia que conhecia essa mulher. Mesmo que anos tenham se passado desde a última vez que se falaram, ela não se sentia uma estranha para ele.

Monster bebeu a mistura em alguns goles grandes e pousou o copo no balcão.

Mais movimento veio de cima.

Sophia pegou um molho de chaves, que ele presumiu que o homem de Rodriguez devia ter deixado, e então puxou uma jaqueta

leve com zíper das costas de uma das cadeiras da cozinha. —Aqui, coloque isso. Nós precisamos ir!

O assoalho rangeu novamente, e Monster pegou a jaqueta dela e cuidadosamente empurrou seu braço ferido em uma manga, puxando ela para cobrir a bandagem sobre o ombro. Ele a enganchou nas costas e deslizou o outro braço, antes de puxar os dois lados e fechar o zíper da jaqueta.

Ele sabia que Sophia queria ir, mas ele não estava prestes a fugir de um cara que provavelmente estava com uma forte ressaca. A ideia de deixar alguém para trás que iria imediatamente perseguir eles, ou então entrar em contato com Rodriguez e dizer-lhe que eles estavam indo, simplesmente não o agradava. Ele não era um covarde e não tinha medo da morte, nem a sua própria, nem a de outra pessoa em suas mãos.

Passos soaram pesados nos degraus da escada, e Monster sabia que precisava tomar uma decisão. Ele não tinha muito tempo. Seu olhar foi para a bancada, onde um bloco de facas estava.

—Não podemos deixar ele aqui, — disse ele. —Ele vai informar Rodriguez.

—Não, ele não vai. Ele é apenas um dos macacos de Rodriguez. Ele mal tem cérebro para pensar por si mesmo.

—Os macacos podem ser treinados. Eu não gosto de deixar pontas soltas.

Ela pegou sua mão para puxar ele em direção à porta da frente, mas ele se soltou e foi para o balcão.

Seus olhos se voltaram para a escada, largos e desesperados. Ela abriu a boca como se fosse gritar um aviso, mas depois fechou novamente. Um fio de confusão o percorreu. Por que ela queria proteger este homem?

—Vamos sair por trás, — ela sibilou. —Ele não vai nos ver então.

Monster acenou com a cabeça, mas não se moveu. Ele não podia simplesmente sair e deixar esse cara caçá-los. As pontas soltas não estavam funcionando tão bem para ele no momento.

Ele apontou com o queixo em direção à porta. —Vai! Estou bem atrás de você.

—Não, o que você está fazendo?

—Apenas vá!

Os passos alcançaram o fim da escada. Eles eram lentos e preguiçosos, provavelmente o resultado da meia garrafa de bebida que ele consumiu antes de cair. Monster não estava totalmente em forma, mas ele usaria a ressaca do outro homem a seu favor.

Se movendo o mais rápido que pôde, ele pegou uma faca do bloco, uma lâmina fina e afiada usada para filetar peixes, e deu um passo para trás da porta. Os passos haviam chegado ao fim da escada agora. Monster prendeu a respiração, se perguntando se o homem seguiria para a porta da frente, o que poderia significar um desastre se ele tivesse que perseguir ele em uma rua pública com uma faca na mão, mas então os passos se voltaram em direção à cozinha.

—O que você está fazendo? — Sophia sussurrou, seus olhos azuis arregalados.

Ele não falou, mas apontou o queixo em direção à porta dos fundos novamente.

Ela olhou entre a porta do corredor e a saída dos fundos, parecendo dividida entre as duas, mas então fez um pequeno som, algo entre um suspiro e um soluço e se virou para a porta dos fundos. Ela se abaixou e pegou sua bolsa, que havia sido deixada no chão ali perto.

Quando ela destrancou e abriu a porta, a voz do homem soou tão perto. —Sofia? É você?

A porta interna se abriu e o homem entrou. Sua atenção foi

atraída pela porta traseira aberta, da qual Sophia tinha acabado de fugir, e ele não percebeu Monster nas sombras.

Monster deu um passo atrás dele e o pegou por trás pelo queixo. Se movendo rapidamente, para que o outro homem mal tivesse chance de gritar, ele puxou a cabeça do homem para trás, expondo sua garganta, e deslizou o fio afiado da faca por sua pele.

O homem deu um grito gorgolejante e ergueu as mãos para agarrar a garganta. Uma camada de sangue caiu em cascata pela frente de seu corpo, e Monster deu um passo para trás para evitar o dilúvio. As mãos do homem tremeram no ferimento em sua garganta, e ele conseguiu se virar para ver Monster de pé atrás dele, antes que suas pernas cedessem e ele desabasse no chão. O sangue deixou seu corpo em jorros pulsantes, espalhando pelo linóleo e criando uma poça abaixo dele. Monster ficou parado e esperou que a luz saísse de seus olhos e os jatos diminuíssem para um gotejamento, significando que o coração estava parando.

Monster desejou sentir algo, algum tipo de remorso ou até mesmo nojo pelo homem morto na sua frente. Mas ele não sentiu nada. Talvez o treinamento de seu pai tenha funcionado, afinal. Ele era a criatura fria e sem coração que seu pai sempre quis que ele fosse. Tudo o que ele conseguia pensar era no fato de que este homem tinha desempenhado um papel em Rodriguez tirando Lily dele, e só por isso, Monster estava feliz por estar morto.

Ele tinha sangue nas mãos de uma forma bastante literal.

Embora ele não quisesse esperar, ele deu um passo em direção à pia. Ele abriu a torneira e enxaguou qualquer vestígio de sangue de suas mãos e sob as unhas, e então limpou qualquer impressão digital do cabo da faca. Seu DNA provavelmente estava espalhado por todo este lugar devido ao tratamento do ferimento à bala, mas ele não podia fazer nada a respeito agora. Ele também preferia não deixar corpos espalhados, mas considerando o que eles haviam deixado no campo de aviação particular, ele adivinhou que o navio já havia partido.

Dando um amplo espaço ao corpo, puramente para não sujar os sapatos de sangue, em vez de ficar enjoado, ele caminhou até a porta de onde Sophia havia saído. Ele saiu para um pequeno pátio pavimentado e contornou a casa até a frente. Sophia estava sentada atrás do volante do veículo que trouxe ele para a casa. Ela estava olhando para a casa ansiosamente, o motor já funcionando. O amanhecer estava começando a florescer no céu, entrelaçando o azul com fios de laranja, rosa e amarelo. A hora cedo significava que não havia ninguém por perto para vê-los saindo, e ninguém chamou o alarme.

Ela se recostou no assento quando ele abriu a porta do passageiro e entrou no carro.

—O que diabos você estava fazendo? — Ela exigiu, então ela levantou as duas mãos, seus lábios pressionados juntos enquanto ela balançava a cabeça. —Na verdade não. Nem me diga. Eu não quero saber.

—Eu estava apenas fazendo o que tinha que ser feito.

—Espero que você não tenha nos colocado em um grande monte de merda.

—É melhor assim. Ele apenas teria vindo atrás de nós e alertado Rodriguez sobre o fato de que estávamos indo atrás de Lily.

Sophia puxou o carro para a rua, o pé no acelerador enquanto falava. —Você não sabe disso. Ele não tinha como saber que você iria para Rodriguez. Ele pode apenas ter pensado que você escapou.

—Então ele ainda teria alertado Rodriguez. É melhor assim, confie em mim.

Embora ela estivesse olhando para a estrada, ele não perdeu a maneira como ela apertou os lábios e balançou levemente a cabeça em desaprovação.

—Não entendo por que você deseja proteger alguém assim, — disse ele. —Ele ajudou a matar três dos meus homens e desempenhou

um papel no sequestro de duas mulheres. Você deveria ficar feliz em ver ele morto.

—Eu sou uma curandeira, esse é o meu trabalho. Não gosto de morte ou violência de nenhuma forma, não importa contra quem seja. Quero te ajudar, mas não posso te encorajar a machucar outra pessoa, mesmo que essa outra pessoa seja um idiota.

Ele balançou sua cabeça. —Às vezes a violência tem que acontecer, mesmo que não queiramos. Podemos ter isso forçado sobre nós, e isso molda as pessoas que nos tornamos.

Ela tirou os olhos da estrada por um momento e olhou para ele. — Seu pai bateu em você?

Ele fez uma careta. —Você precisa mesmo perguntar?

Ela balançou a cabeça. —Eu sinto muito. Você tem razão.

—A surra não foi o pior de tudo. Eu poderia ter vivido com isso. Foram as outras coisas que ele fez, as maneiras como me controlou. Essas são as coisas que são mais difíceis de aceitar.

Ela acenou com a cabeça. —Mesmo que eu só tenha ficado em sua casa por um curto período, eu sabia exatamente que tipo de homem ele era. Eu acho que eu estava apenas esperando que você tivesse saído de maneira diferente.

Suas palavras o cortaram. —Você não acha que sou diferente do meu pai?

—Eu não quis dizer isso. Acho que esperava todos esses anos que você tivesse escapado desta vida. Que você acabou feliz no casamento e em um emprego regular, mas suponho que esses fossem os sonhos idiotas de uma jovem. As pessoas não escapam desta vida até que estejam mortas.

—Eu esperava a mesma coisa para você, — ele disse suavemente.

—O que você quer dizer?

—Que você passou a viver uma vida normal.

Sua boca se torceu. —Normal não existe para pessoas como nós.



Monster

(Dias atuais)



Eles saíram da pequena cidade, deixando ela bem para trás e pegando a Interestadual.

Eles precisavam bolar um plano. Eles não podiam simplesmente aparecer na casa de Rodriguez e esperar que ele devolvesse Lily. Ele nunca faria isso. Monster sabia que teria que lutar, e provavelmente matar, se quisesse ter sua Flor de volta.

Ele se perguntou o que teria acontecido com Chapman e as mulheres que eles resgataram do contêiner. Ele havia deixado as meninas e tentado se juntar a eles no campo de aviação, apenas para ser parado pela polícia? Ou ele decidiu que não poderia deixar as mulheres e, portanto, nunca chegou até a pista de pouso? Havia uma chance de Chapman ter alguma ideia do que havia acontecido e estar procurando por ele. Ele achava que sabia o número do celular de Chapman de cor, mas temia que a polícia o tivesse mantido sob custódia e estivesse monitorando seu celular.

Seus pensamentos se voltaram para a localização de seu próprio telefone celular. Ele deve ter deixado cair em algum lugar ao longo do caminho. Ele esperava que não tivesse sido quando ele foi jogado pela força da explosão no hangar. Os policiais estariam rastejando por todo o lugar agora, e não havia como ele pegar o telefone de volta. Ele sempre foi cauteloso, nunca armazenando números em seu telefone e limpando seu histórico, mas tinha certeza de que alguém habilidoso na força policial seria capaz de obter uma grande quantidade de dados do cartão SIM.

Ele também desejou não ter limpado a arma que Lily usou para matar o traficante que ela chamava de Mãos de Cigarro. A polícia teria encontrado o corpo de seu amigo, Cameron, e a arma ao lado dele. Eles logo descobririam que a mesma arma havia matado o traficante, embora essa prova provavelmente tivesse sido destruída na explosão do avião. Mesmo assim, eles teriam feito impressões da arma e encontrado as de Lily. Não demoraria muito para ver que ela era a mesma mulher que estava desaparecida há mais de um mês e que também havia relatado que ela tinha sido raptada por uma rede de tráfico sexual. Os policiais presumiriam que ela havia sido recapturada e, com sorte, teriam lançado uma busca por ela. Mas tudo isso era uma ilusão. Ele preferia que Lily fosse presa por uma investigação de assassinato e cumprir pena do que que ela ficasse nas garras de Rodriguez. Pelo menos com os policiais ela poderia pleitear legítima defesa. Com Rodriguez, era para a vida, sem chance de libertação antecipada.

Monster olhou para Sophia enquanto ela dirigia, se concentrando na estrada à frente. Ele ainda não conseguia acreditar que a jovem de sua infância havia reentrado em sua vida. Ele nunca pensou que a veria novamente, se perguntou se seu pai tinha sido o responsável por sua morte. Saber que ele não tinha, tinha tirado um peso de seu coração. Mesmo que ela nunca tivesse escapado completamente da vida criminosa, pelo menos ela foi tratada bem.

Ele olhou para a bolsa no chão do carro a seus pés. A mesma bolsa que Sophia agarrou antes de fugir de casa.

—Suponho que você não tenha um telefone celular nessa coisa?
— Ele perguntou.

Ela olhou para ele, as sobrancelhas levantadas. —Certo. Quem diabos não tem um telefone celular hoje em dia?

Ela se inclinou enquanto dirigia, então ela estava praticamente em seu colo, sua bochecha perigosamente perto de sua virilha. A proximidade do rosto de uma mulher tão perto daquela área causou uma reação instintiva nele, então ele teve que se virar e olhar para

fora da janela até que ela terminasse. Sophia remexeu dentro da bolsa até que pegou um telefone celular.

Ela entregou a ele. —Divirta-se.

—Obrigado.

Rapidamente, ele ligou para Chapman, grato por sempre ter tido uma boa cabeça para números. Começou a tocar, e por isso, pelo menos, ele estava grato. Havia uma chance de que o outro homem pudesse ter destruído seu telefone depois de ouvir que as coisas tinham dado tão errado no campo de aviação.

Uma voz masculina atendeu. —Sim?

—Chapman, é você?

—Puta merda, Merrick, — ele disse, sua voz viva com surpresa. — Eu pensei que você deveria estar morto!

Graças a Deus, definitivamente era Chapman na linha, e não um policial tentando enganá-lo.

—É preciso mais do que um tiro no ombro para me matar.

—Onde diabos você está?

Ele olhou ao redor, mas não viu nenhuma placa. Ele tinha estado muito longe no caminho até aqui para assimilar muito da paisagem. Ele murmurou para Sophia: *Onde estamos?*

—Estamos prestes a seguir para o leste na rodovia, — respondeu ela.

—Você ouviu isso? Estamos pegando a rodovia a leste para procurar Lily no deserto. Aquele bastardo do Rodriguez pegou Lily e matou Sean, Mason e Evans.

—Não, senhor, não Sean. Pelo que descobri, ele estava vivo, mas inconsciente, quando a polícia entrou em cena. Como não conseguiram arrancar uma palavra dele, ainda não sabem como ele se encaixa no que aconteceu no campo de aviação. Pelo que eu sei, ele

está no hospital, sob custódia da polícia.

—Merda.

A notícia de que Sean ainda estava vivo era boa e ruim. Embora estivesse feliz que o outro homem tivesse sobrevivido, ele também não o queria nas mãos da polícia. Se o policial certo o atacasse com força, ele poderia simplesmente contar tudo o que sabia, e isso incluiria um monte de informações sobre Monster. Mesmo que Monster tivesse confiado nesses homens e ainda confiava, ele não culparia Sean por abria a boca em troca de uma pena encurtada. Afinal, eles eram essencialmente apenas músculos para alugar, e ele não os pagava o suficiente para comprar seu silêncio completo.

—Você acha que Sean ainda está inconsciente?

—Nenhuma ideia. Eu não fui capaz de chegar perto dele.

—Ele está no mesmo hospital para o qual você levou as mulheres?
— Ocorreu-lhe que provavelmente deveria perguntar pelo bem-estar delas também, mas agora ele precisava se concentrar nas coisas que o afetavam diretamente.

—Não. Esse hospital era muito pequeno. Ele foi levado para o Kaiser Permanente Medical Center.

—Espere aí, — Monster disse. Ele se virou para Sophia, que ainda estava concentrada em dirigir, enquanto lançava olhares curiosos para ele de vez em quando. Ele contou a conversa brevemente e perguntou a ela. —A que distância estamos?

—Uma hora. Talvez noventa minutos.

Monster acenou com a cabeça. —Precisamos tirar Sean de lá, — disse ele a Chapman. —Acha que pode nos encontrar a alguns quarteirões do hospital?

—Nós? Quem está com você?

—Uma velha amiga que está ajudando. Você pode nos encontrar ou não?

—Sim claro. Não quero que a polícia fique com Sean mais do que você. Eu sei que ele está lá é um risco de segurança.

—Vamos torcer para que ele esteja bem o suficiente para sair do lugar.

Monster não ia dizer isso em voz alta, mas se Sean ainda estivesse inconsciente, ou gravemente ferido para ser de alguma ajuda, ele poderia ser forçado a terminar o trabalho que Rodriguez começou. Embora ele não quisesse matar um de seus homens, ele também não poderia arriscar as consequências se Sean contasse à polícia tudo o que sabia.

—Me encontre um quarteirão a leste do hospital em pouco mais de uma hora.

—Entendido.

Monster apertou o botão desligar e colocou o telefone de volta na bolsa de Sophia.

—Presumo que vamos fazer um desvio? — Ela perguntou.

—Sim. Alguns de meus homens ainda estão vivos, ou pelo menos espero que um deles ainda esteja vivo. Ele está no hospital depois que Rodriguez atirou nele quando ele levou Lily. De qualquer forma, prefiro abordar Rodriguez com outra pessoa ao meu lado, sem ofensa. Tenho a sensação de que conseguir Lily de volta vai exigir um pouco de poder de fogo. — Ele não queria deixar Lily por mais tempo do que o necessário, mas ter homens extras ao seu lado lhe daria uma vantagem.

Ela se mexeu no assento. —Não quero que haja um grande tiroteio. Eu esperava que todos pudéssemos nos sentar e conversar sobre as coisas de maneira razoável.

Ele franziu o cenho para ela. —Razoável? Você conheceu Rodriguez?

—Claro. Crescemos lado a lado. Eu conheço a família tão bem

quanto qualquer pessoa.

—Então, por que você está me ajudando agora?

—Porque temos um passado e você foi gentil comigo há muitos anos. Eu não esqueci aquilo Monst... Merrick, — ela se corrigiu. —O que você fez ficou comigo por muito tempo. Eu era uma garota que nunca soube o que era auto-sacrifício até aquele dia. Você me deu esperança de que pessoas decentes existissem neste mundo e, na época, isso era algo em que eu precisava muito acreditar.

Não parecia que ela estava falando sobre ele, embora ele soubesse que ela estava. O menino que a ajudou não era o mesmo homem que estava com ela agora. Ele ainda tinha essa habilidade de auto-sacrifício? O homem que seu pai o criou para ser era um ser puramente egoísta e focado em si mesmo. Até que Lily entrou em sua vida, ele não tinha dado o bem-estar de outra pessoa mais do que um pensamento persistente.



Algumas horas se passaram desde que ele tomou a última dose de analgésico, e o latejar em seu ombro começou a se intensificar. Embora estivesse dirigindo, Sophia deve ter notado seu desconforto pela maneira como ele se mexeu no assento, a mão oposta se estendendo para pressionar o ferimento.

Ela franziu o cenho para ele. —Precisamos parar e pegar algo para você beber para que possa tomar seus remédios.

Ele balançou sua cabeça. —Estou bem.

—Não, você não está. Você não será bom para ninguém se não conseguir pensar direito porque está com dor.

—Por favor, Sophia, eu só quero chegar lá.

—Durão, — disse ela, esticando o pescoço para localizar um posto de gasolina ao longo da rodovia. —Seu médico sabe o que é melhor.

Ele ergueu uma sobrancelha, se perguntando quais eram suas qualificações médicas realmente, mas considerando que ela removeu uma bala de seu ombro, ele decidiu não questionar.

Eles se aproximaram de um posto de gasolina e Sophia sinalizou. Ela saiu da rodovia e estacionou em frente à loja.

—Espere aqui, — disse ela. —Vou pegar um pouco de água para que você possa dissolver os analgésicos.

Sem lhe dar chance de responder, ela saltou do carro e entrou.

Monster não queria ficar dentro do carro. Ele precisava esticar as pernas depois de passar as últimas duas horas preso em uma posição.

Sophia saiu da loja carregando uma pequena sacola de papel. Ela enfiou a mão e tirou algumas garrafas de água e alguns lanches. — Pegue minha bolsa para mim, — disse ela. —Os remédios estão lá.

Ele fez o que ela pediu, e ela desatarraxou a tampa de um dos frascos e despejou nele um pequeno sachê de pó. Ela sacudiu a garrafa e entregou a ele.

—Obrigado, — ele disse a ela.

—De nada.

Ela se moveu para ficar ao lado dele, ambos encostados na lateral do carro. O metal estava ficando quente sob o sol, e Monster desejou poder remover a jaqueta fechada que vestia. Como se tivesse tido o mesmo pensamento, Sophia puxou o suéter para ficar ao lado dele com apenas uma blusa branca de tiras e calça jeans. O material moldado em seus seios, seu decote uma exuberância que ele não pôde deixar de olhar para baixo.

Para tirar sua mente das curvas perversas e dos cabelos longos e loiros de Sophia, ele encheu o momento com perguntas.

—E você, Sophia? — Ele perguntou. —O que tem acontecido em sua vida todos esses anos? Você tem uma família?

Ela tomou um gole de água e balançou a cabeça. —Fui casada por alguns anos, mas não deu certo, então nos separamos.

—Eu sinto muito.

—Não sinta. Estou melhor fora disso. Ele gostava muito de outras mulheres, embora eu ache que isso possa ter sido em parte minha culpa.

Ele olhou para ela confuso. —Como isso pode ter sido sua culpa? — Como um homem que tinha uma mulher tão bonita e calorosa como Sophia podia olhar para outra pessoa? —Se ele não viu o quão incrível você é, isso é problema dele, não seu.

Ela desviou o olhar. —Eu não sei sobre isso. Talvez se eu tivesse dado totalmente meu coração a ele, então eu o teria culpado mais por toda a traição. — Ela ergueu o olhar azul de volta para ele. —Mas a verdade é que eu sempre gostei de um garoto desde a minha infância. Um menino que me ofereceu gentileza quando ninguém mais o fez.

Eles se olharam, o ar entre eles faiscando de tensão. A frequência cardíaca de Monster disparou.

—A marca de nascença nunca me incomodou, Monster. Eu podia ver o quão bonito você era por baixo disso, o quão perturbado e torturado. Você encontrou um lugar no meu coração e nunca mais saiu.

—Sophia, — ele respirou. Ela encontrou um lugar em seu coração também, todos aqueles anos atrás.

Não, ele tinha Lily. Ele não precisava ou queria outra mulher em sua vida.

Mas Sophia se aproximou, toda mel e luz do sol, e os lábios rosados se separaram, os seios inchados subindo e descendo. Ele sentiu seu pau estremecer em resposta à sua proximidade. Mesmo que sua cabeça e seu coração desejassem Lily, seu corpo ainda o traiu. Os pensamentos de Sophia golpearam sua cabeça, ele imaginou seus seios

nus, seus mamilos rosados, protuberâncias eretas. Sua boceta estava coberta com cachos loiros ou ela estava nua?

Ela estendeu a mão e colocou a mão sobre sua virilha, apertando ele com força, fazendo ele perder o fôlego.

—Eu ainda quero você, Monster, — ela afirmou. —Eu costumava pensar em você à noite, quando éramos mais jovens. Eu estava explorando então, mas me toquei e pensei em você. Você fez o mesmo?

Seus seios pressionados contra seu peito, seu hálito quente, e a pressão em sua ereção aumentou quando ela começou a acariciar ele por cima das calças, fazendo ele ficar mais duro. Ela arrastou um gemido de sua garganta.

Não, ele não poderia fazer isso. Ele amava Lily. Mesmo que ele odiasse a ideia de que ela pudesse estar fazendo sexo com Rodriguez neste exato momento, ele não podia usar isso como uma desculpa para ceder ao prazer carnal. Lily nunca o perdoaria, e ele também não se perdoaria. Lily era única, e não apenas por ser bonita e inteligente. Seu instinto natural sempre foi ajudar os outros, colocar as necessidades deles acima das dela, e ainda assim ela podia ser feroz quando queria. Ela era carinhosa e apaixonada, e sentia suas emoções profundamente, e ele a admirava muito por isso.

Ele recuou, desalojando a mão de Sophia, colocando espaço entre eles. Seu pau latejava, suas bolas pesavam e ele não queria nada mais do que abrir o zíper e se masturbar aqui e agora, mas ele tinha que conter a compulsão. Ele precisava tirar o sexo da cabeça e se concentrar.

—Sinto muito, — disse ele a Sophia. —Eu simplesmente não posso.

Seus lábios se torceram. —A outra mulher?

Ele assentiu. —Estou apaixonado por ela. Eu não posso machucar ela assim. Ela já passou por muita coisa. Isso iria destruí-la.

—Está tudo bem, eu entendo. Eu só tinha que tentar, você sabe. Eu nunca teria me perdoado se não tivesse aproveitado este momento para ver se havia alguma possibilidade de haver algo entre nós.

—Se não fosse por Lily, então sim, Sophia, eu teria te beijado com tanta força que você não seria capaz de respirar, e então teria fodido cada centímetro de você. Quando eu era mais jovem, queria você mais do que tudo. Mas as coisas são diferentes agora. — Ele nem deveria estar dizendo essas palavras, sentindo sua ereção começando a endurecer novamente. Lily era dele e ele era dela. Ela nunca o perdoaria se soubesse que ele a traiu com outra mulher, assim como ele ficaria louco se descobrisse que ela dormiu com Rodriguez e gostou.

O ciúme era a única emoção que podia queimar quente o suficiente para erradicar até mesmo o calor do amor.



Sete



Um barulho a acordou.

Seus olhos se abriram e ela congelou na cama, esperando o som voltar. Lily não tinha ideia de quanto tempo havia passado desde que ela estava dormindo, e ela se amaldiçoou por se permitir cair em um sono tão profundo.

Uma batida soou na porta e sua cabeça girou naquela direção.

Seu primeiro pensamento foi que devia ser a mulher querendo levar as tigelas vazias de volta para a cozinha.

A fechadura deu seu clique familiar e a porta se abriu.

Lily respirou fundo e puxou as pernas para cima da cama. Em vez da mulher, Rodriguez ficou parado na porta aberta, as mãos atrás das costas. Ele a encarou com seus olhos negros, seu queixo erguido, sua boca uma linha reta. Era isso. Sua vez de ser punida. Ela se perguntou o que ele faria com ela. Fosse o que fosse, ela tinha certeza de que seria pior do que o que aconteceu com Jess. O estupro era seu pior medo... não, na verdade a *morte* era seu pior medo. Ela poderia se recuperar se fosse estuprada, ou pelo menos tentar curar. Não havia como voltar depois que você estava morto.

Ela estreitou os olhos para ele. —O que você quer?

Ele entrou no quarto e fechou a porta atrás de si. —Eu tenho algo para você.

—Seja o que for, eu não quero.

Ela percebeu que ele ainda tinha uma mão atrás das costas.

Lily subiu na cama, então suas costas pressionaram contra a cabeceira da cama.

Ele puxou a mão de trás das costas, segurando uma pequena tigela de plástico. —Tem certeza? Achei que você gostaria de uma guloseima.

Era possível sentir o cheiro de chocolate mesmo àquela distância? Se ela tivesse perguntado isso alguns dias atrás, ela teria dito não, mas mesmo do outro lado do quarto, o doce aroma leitoso fazia cócegas no interior de suas narinas, fazendo ficar com água na boca. Ele deu outro passo em sua direção, mas ela não estava focada nele agora. Ela não tinha comido nada doce por vários dias e, apesar do mingau ralo, seu corpo ainda estava faminto por calorias.

Sua cabeça se inclinou ligeiramente para um lado, como um predador avaliando sua presa. —Você quer, eu sei que quer.

Ela olhou para a esquerda, em direção à porta que separava seu quarto do banheiro e do quarto de Jess. Ela esperava que Jess estivesse dormindo. Ela não queria que a outra mulher soubesse que Rodriguez estava aqui. Só Deus sabia qual seria sua reação.

—Por que você quer dar isso para mim? — Ela perguntou.

—Porque eu pensei que depois de tudo que você passou, você gostaria de uma surpresa. Quero que você aprenda a confiar em mim, Lily. Quero que um dia compreenda que posso lhe fornecer tudo o que você precisa para viver uma vida feliz, aqui comigo. Um pouco de chocolate é apenas um símbolo do meu afeto.

—Você é insano. Não vou me apaixonar perdidamente por você porque você me trouxe alguns doces.

—Eu não espero que você faça. Este é apenas o começo.

—Se você quer que eu cuide de você, por que você tratou Jess assim na sala de jantar? Tudo o que fez foi me fazer odiar você mais

do que antes, e eu nem sabia que isso era possível.

Ele levou a mão ao coração. —Não diga essas coisas, querida. Eu não quero que você me odeie. Mas, por favor, entenda que também não gosto de mau comportamento. Meus convidados são muito importantes para mim, e quando um deles é maltratado, devo ser visto cuidando das coisas. Ele nunca deveria ter tocado em você, e peço desculpas por isso, mas espero que minhas meninas sejam contidas e disciplinadas, e o que você fez e disse não foi nenhuma dessas coisas.

—Se você acha que eu sou o tipo de mulher que fica parada enquanto algum idiota tenta me apalpar, então você escolheu o tipo errado de mulher como sua escrava. — Ela cuspiu a palavra final.

—Eu quero que você seja mais do que isso. Quero que você me adore e, um dia, acredito que o fará. Agora, por favor, tome o chocolate como minha maneira de pedir desculpas e, no futuro, simplesmente relate qualquer coisa que te incomode diretamente para mim, e eu vou garantir que a pessoa seja tratada com severidade.

—E quanto a Jess? — Ela disse. —A quem ela deve se reportar?

Ele pelo menos teve a cortesia de desviar o olhar. —A outra garota não deveria estar aqui. Eu só planejei levar você...

—Sorte minha!

Ele ergueu a mão para silenciá-la. —Eu poderia ter matado sua amiga. Não pense por um momento que eu não sou capaz disso, mas em vez disso fui misericordioso e a trouxe aqui. Ela será vestida e alimentada e, em troca, servirá a meus homens, da maneira que for necessária. Não diga que não estou me importando, Lily. Você tem um amigo aqui agora. Não me faça me arrepender.

Lily abriu a boca e fechou novamente. Ela não queria fazer ou dizer nada que colocaria Jess em mais problemas.

Rodriguez cruzou o quarto e colocou a tigela na mesinha de cabeceira. Ela olhou para o chocolate, mas não estendeu a mão para pegá-lo.

—Um presente normalmente recebe um agradecimento, — disse ele.

—Obrigada, — ela murmurou, arrancando as palavras de seus lábios.

Ele se inclinou e ela congelou. A loção pós-barba caiu sobre ela, almiscarada, limpa e fresca. Ele pressionou sua bochecha contra a dela e então beijou o ponto logo abaixo de sua orelha.

Ela fez o possível para não se afastar dele, mas por dentro recuou. Ele demorou, então ela sentiu o calor de sua respiração em sua pele, o leve arranhão de sua barba escovando sua mandíbula. Seu coração batia forte contra sua caixa torácica, todo o seu interior vibrando com a tensão. Ela não queria mostrar que ele a afetava, queria ser legal e composta, mas internamente ela estava uma bagunça.

Ele se endireitou e ela conteve um soluço de alívio por ele ter aumentado o espaço entre eles.

—Eu quero dizer o que eu digo, Lily. Eu quero que as coisas sejam... diferentes entre nós.

—Por que eu? — Ela perguntou, tentando esconder o quanto ela foi afetada com uma pergunta própria. —O que me torna tão especial?

—Honestamente, no começo eu só queria machucar Merrick. Eu me perguntei o que havia de tão especial em uma mulher para que ele se esforçasse tanto e arriscasse tanto, mas no momento em que te vi eu entendi. — Ele estendeu um dedo para acariciar seu rosto. Desta vez, Lily se afastou. —Há algo cativante sobre você. Você não é óbvia e desprezível como algumas mulheres que querem estar perto de homens com dinheiro, mas não é humilde e quebrantada como outras pessoas que passaram pelo que você passou. Mesmo que eu não queira encorajar o mau comportamento, gostei de ver aquela faísca em você, o fogo que fez você defender sua amiga, mesmo quando você mesma estava em uma situação perigosa.

—Mas a ironia é que você quer me quebrar. Você quer apagar o

fogo.

Ele balançou sua cabeça. —Não, não quebrar, apenas dobrar a minha vontade. Eu quero você, Lily, acho que deixei isso claro, mas quero que você me queira também.

—Isso nunca vai acontecer.

Um sorriso conhecedor curvou seus lábios perfeitos. —Eu não tenho tanta certeza. Acho que há algo dentro de você que você não reconheceu adequadamente nem para si mesma. Ficou excitada em ver sua amiga levar uma surra na mesa daquele jeito? Parte de você gostaria que tivesse sido você?

—Não!

—Mesmo? Porque eu olhei entre você e ela enquanto isso estava acontecendo, e eu vi o calor subir em seu rosto, a maneira como sua respiração ficou superficial, a maneira como você mordeu o lábio.

O calor do qual ele estava falando explodiu em suas bochechas novamente, se espalhando por seu pescoço e orelhas, e descendo para seu peito. —Eu estava com raiva!

—Oh, eu sei que você estava com raiva, furiosa até, mas isso não significa que você não estava molhada também.

Ela cerrou os dentes. —Eu não quero que você pense em mim desse jeito.

Ele sorriu novamente. —Tarde demais, querida.

Lily mordeu sua nova fúria, lembrando o que ele disse sobre Jess ser punida por tudo que ela fez de errado. Ela sabia que Jess estava em uma situação ruim agora, assim como ela, mas não achava que demoraria muito para empurrar a outra garota até o limite.

—Não se preocupe, querida, — ele continuou. —Eu não vou tratá-la com uma mão gentil, porque eu não acho que isso é o que seu corpo realmente deseja. Eu acho que você gosta de áspero. Eu vi como seus olhos se iluminaram, aquele fogo atrás deles. É por isso que Merrick

ficou tão obcecado por você, porque você não vacilou com ele no quarto? Eu imagino que um homem como Merrick seria bastante... exigente.

—Isso não é da sua conta, — ela retrucou, tentando não pensar sobre todas as vezes que ela foi fodida por Monster, como ela adorou quando ele a amarrou e foi forte com ela.

—É da minha conta, porque você é da minha conta agora. Tenho a intenção de aprender cada centímetro de você, Lily. Por dentro e por fora.

Ela estremeceu. —Me deixe em paz.

Ele tocou a tigela de chocolate ao lado dela. —Por favor, aproveite o presente que eu trouxe para você. Você não sabe quando haverá outro.

Por que tudo o que ele disse soou como uma promessa e uma ameaça ao mesmo tempo?

Rodriguez se virou e saiu do quarto, trancando a porta atrás de si.

Lily olhou para o chocolate, o sabor doce leitoso atraindo-a. Ela gostaria de ter tido força para jogá-lo quando ele saiu, mas a verdade é que ela queria comer aquele chocolate mais do que tudo que ela queria comer em sua vida.

Sua mão pairou sobre a tigela enquanto ela olhava para a porta fechada. Provavelmente era algum tipo de teste para sua força e, ao comê-lo, ela estava falhando. Foi uma batalha entre seus desejos e sua vontade, e ela não queria falhar.

Comer isso vai lhe dar energia, ela disse a si mesma, sabendo que estava tentando se convencer a ceder. *Você precisa de energia para o que está por vir.*

Só um gostinho, outra voz sussurrou sedutoramente. *Que mal isso poderia causar?*

A Lily conhece outra pessoa que também precisa da energia dela.

Ela olhou para a porta fechada entre o banheiro e os quartos. Nenhum barulho veio de dentro desde que ela deixou Jess com o mingau. Ela nem sabia se a outra mulher tinha comido ou não, ou se ela tinha jogado contra a parede com nojo. Lily teve que presumir que ela estava dormindo agora. Ela não culpou Jess por sua explosão anterior, era o mínimo que deveria ser esperado nesta situação. Sua própria falta de colapso era estranha, mas as duas não podiam se dar ao luxo de se perder. Elas podem ter se encontrado apenas um dia atrás, mas elas foram colocadas juntas nas mais extremas das circunstâncias. Suas experiências compartilhadas as uniram, e agora elas só tinham uma a outra.

Que horas eram? Manhã ainda? Ela sentiu como se o mingau que comera fosse uma memória distante, seu corpo já vazio.

Talvez se ela compartilhasse o chocolate, ela não se sentiria tão mal se comesse um pouco? Lily se esticou e pegou a tigela. Ela olhou para os pequenos quadrados marrons. Ela sabia que se mordiscasse o canto de um daqueles quadrados, ela perderia todo o autocontrole e devoraria tudo antes mesmo de pensar mais. Não, ela levaria para Jess e lhe daria uma parte antes que ela mesma tocasse.

Ficando de pé, a tigela agarrada em sua mão, ela tentou ignorar a maneira como sua boca encheu de água e suas narinas dilataram com o doce perfume. Ela não deveria querer nada de Rodriguez do jeito que queria esses poucos quadrados de chocolate, mas ela queria.

Lily abriu a porta que dava para o banheiro. A porta de comunicação com o quarto de Jess ainda estava firmemente fechada, então ela cruzou o espaço para ficar diante dela.

Ela bateu. —Jess?

Sem resposta.

Ela ainda estava dormindo? Lily não poderia culpar ela se estivesse. Depois de passar inúmeras noites no chão do contêiner, o luxo de uma cama de verdade era incomensurável.

Batendo com mais força, ela gritou. —Jess?

Borboletas, que mais pareciam grandes mariposas peludas, batiam suas asas contra o interior de seu estômago. Uma repentina certeza de que algo estava muito errado caiu sobre ela, enviando adrenalina em suas veias.

Sem perder mais tempo, ela empurrou a porta.

Lily engasgou, a tigela de chocolate caindo de seus dedos para rolar, esquecida, no chão.



Oito



—Oh meu Deus!

Jess estava caída no chão ao lado do armário, um lençol branco enrolado na garganta. Ela estava imóvel, os olhos fechados. De onde ela estava, Lily não sabia se ela ainda estava respirando.

Ela correu e caiu de joelhos ao lado da outra mulher. Frenética, ela puxou o lençol, soltando da garganta de Jess, antes de puxar ele sobre a sua cabeça. *Por favor, não esteja morta, por favor, não esteja morto.* Seus olhos se encheram de lágrimas e ela piscou, precisando ver com clareza. Ela colocou a mão embaixo do nariz de Jess, tentando sentir a respiração, mas não sabia se conseguia ou não. Sua pele ainda estava quente, algo em que ela tinha esperança.

—Vamos, Jess, por favor, não esteja morta. Eu preciso de você.

A mente de Lily rapidamente percebeu o que poderia ter acontecido. O colchão estava vazio, onde o lençol havia sido puxado. A porta do armário estava aberta, as roupas puxadas para fora e jogadas no chão. A ponta do lençol branco estava enrolada no topo da grade pendurada dentro do armário.

O que ela fez? O corrimão não era alto o suficiente para Jess se enforcar. Ela realmente tinha vontade e determinação para se estrangular? Pelas escoriações em seu pescoço e a maneira como a ponta do lençol ainda estava enrolada em sua mão, certamente parecia assim. Lily não precisava questionar as razões pelas quais Jess fez tal coisa. Ela sabia os motivos e desejou mais do que tudo não ter saído antes quando Jess se recusou a comer. Talvez se ela tivesse

ficado um pouco mais, sido mais compreensiva e paciente, Jess nunca teria feito isso.

Ela percebeu naquele momento que Jess lhe deu uma razão para ser forte. Ela deu a Lily um foco diferente de sua própria existência patética. Talvez Lily sempre tenha pensado que ajudava os outros porque era de sua natureza, mas talvez esse tempo todo nunca tenha sido para ajudar os outros, mas sim para dar a si mesma uma razão para viver. Ela não era nada altruísta. Ela era tão egoísta quanto qualquer outro idiota lá fora.

Lily segurou o pulso de Jess, sentindo o pulso. Ela prendeu a respiração, se concentrando. Ela sentiu algo! Ela tinha certeza que sim, uma batida fraca, mas uma batida mesmo assim. Ou ela estava sentindo seu próprio pulso em seus dedos...

Sem ter certeza se o que estava fazendo era certo, ela se inclinou sobre Jess, fechou o nariz, inclinou a cabeça para trás para levantar o queixo e abrir as vias respiratórias. Ela tentou não olhar para as escoriações vermelhas brilhantes em torno de sua garganta. Ela selou a boca de Jess com a sua e exalou um longo suspiro, observando seu peito subir e descer, enquanto seus pulmões se expandiam. Nada mais aconteceu, então Lily repetiu o processo, cada segundo que passava fazendo seu pânico e pavor subir mais e mais dentro dela. Ela tinha certeza de que tudo isso seria inútil. Jess iria morrer e Lily seria deixada aqui sozinha com Rodriguez.

De repente, Jess respirou fundo sozinha, o som um rouco ofegante que era doloroso e milagroso de ouvir.

—Oh! Graças a Deus.

Ela ajudou Jess a se sentar, enquanto Jess dava grandes goles de ar entre as tosses.

Jess prendeu a respiração, olhou em volta e começou a chorar. — O que você fez?

—Eu salvei você! Você poderia ter morrido!

—Você não acha que era isso que eu queria? Por que mais eu teria feito isso? Eu estava finalmente conseguindo minha saída.

—Não, você está desistindo muito cedo. Por favor, Jess. Apenas dê um pouco mais de tempo. Me dê um pouco mais de tempo para descobrir como sair dessa.

Ela cobriu o rosto com as mãos e continuou a chorar. —Eu não acho que posso.

—Sim você pode. Só é preciso um pouco mais de bravura, e eu sei que você tem isso em você. Depois de tudo que você passou e saiu inteira, você tem coragem suficiente dentro de você, eu sei que você tem.

Ela balançou a cabeça. —Eu não estou inteira. Talvez fisicamente eu esteja, mas por dentro eu quebrei em um milhão de pedacinhos.

Lily apertou os dedos dela. —Podemos colocá-los juntos novamente. Talvez eles não sejam exatamente os mesmos, mas ainda funcionarão, eventualmente. Eu prometo.

Ela fungou. —O problema é, Lily, você ainda acredita que vamos sair daqui. Eu não sei por que você acredita de todo coração que de alguma forma vamos sair deste lugar, mas na minha mente todo o meu futuro consistirá em ser estuprada repetidamente por esses caras, até que eu eventualmente acabe morta. Não quero isso para o meu futuro e não quero que minha morte caia nas mãos deles. Pelo menos se eu fizer do meu jeito, estou fazendo minha escolha. Eu não estou dando a esses bastardos o que eles querem.

—Você não conhece Monst... Merrick, — ela disse. —Ele é a razão de eu ter esperança. Ele vai matar todos os homens em seu caminho para chegar até mim, eu sei que ele vai.

Seus olhos azuis se encheram de lágrimas. —*Você*, Lily. Ele virá por você. Ninguém que se preocupa comigo sabe que estou aqui.

Ela fixou seu olhar no de Jess, querendo mostrar sua sinceridade. —Eu não vou a lugar nenhum sem você. Juro. Se eu sair deste lugar,

você vem comigo.

Jess apertou os lábios, olhando para baixo enquanto balançava a cabeça freneticamente. —Tudo bem, — ela sussurrou. —Tudo bem.

Lily lutou contra o desejo de seu corpo de congelar enquanto estendia a mão e puxava Jess para um abraço. A outra garota se deixou ser puxada e se agarrou a ela, os dedos agarrando o tecido fino do vestido de Lily.

Lily a abraçou com força. —Eu não vou a lugar nenhum sem você.



Nove



Lily não se atreveu a deixar Jess sozinha de novo, embora soubesse que havia chances de que elas se separassem em algum momento. Em vez disso, ela ajudou a menina a subir na cama, acomodou ela sob as cobertas, como uma mãe cuidando de um filho doente, e então se aninhou ao lado dela.

Ela não achava que dormiria depois de tudo o que tinha acontecido. Ela se sentiu abalada por encontrar Jess como ela havia feito, e preocupada se ela adormecesse, Jess tentaria a mesma coisa novamente. O lençol ainda estava amontoado no chão, então elas dormiram no colchão nu, Jess debaixo das cobertas e Lily por cima. Considerando as condições em que ambas foram forçadas a dormir no passado, isso era luxo.

Apesar de pensar que ela não dormiria, Lily se viu lutando contra o esquecimento. Dormir parecia muito com desistir, quando ceder era absolutamente a última coisa que ela queria fazer.

Ela precisava ter uma ideia melhor do layout da casa e do terreno externo. Ela tinha visto a parede e o portão quando elas entraram, mas essa era a única maneira de entrar e sair? Talvez houvesse um portão menor nos fundos, uma entrada de serviço? A outra coisa que ela precisava descobrir era se havia telefones ou computadores aos quais ela pudesse ter acesso. Ela tinha uma vaga ideia da localização da propriedade, então se ela pudesse pegar um telefone, ela seria capaz de discar para a polícia e dizer a eles que ela e Jess foram sequestradas. Ocorreu a ela que havia esquecido o sobrenome de Jess. Algo 'Stone,' ela pensou, mas não tinha certeza. Tanta coisa

estava acontecendo quando ela disse no campo de aviação. Seu estômago deu um nó com o quão importante era esse pequeno conhecimento. Se ela não soubesse, e Jess tivesse conseguido se matar, sua família poderia nunca ter sabido o que tinha acontecido com ela.

Outra possível via de ajuda pode vir de outras pessoas que trabalharam aqui. Ela tinha visto vários na cozinha, e as chances eram de que Rodriguez tinha mais gente trabalhando no terreno. Homens como Rodriguez não limpavam nem cuidavam do jardim.

Sua mente zumbia enquanto ela ficava deitada com a mão sob a bochecha, observando a constante ascensão e queda dos ombros de Jess, tentando pensar em todas as possibilidades. A principal coisa que todas as suas ideias tinham em comum era que ela precisava sair daquele quarto. Ela não podia fazer nada trancada aqui, e os quartos não tinham janelas para o mundo exterior. Ela precisava fazer Rodriguez confiar nela o suficiente para lhe dar acesso ao resto da casa, mas estremeceu ao pensar no que isso poderia acarretar. Ela sabia qual era seu único poder sobre Rodriguez, mas a ideia fez seu sangue gelar. O ego dele era grande o suficiente para fazê-lo acreditar que ela realmente o queria, quando tudo que ela tinha feito e dito até este ponto tinha sido o oposto completo?

Mais importante, ela poderia lutar contra seu medo do toque e seu ódio por Rodriguez o suficiente para fazer parecer genuíno?

Em algum momento, perdida em pensamentos, os olhos de Lily se fecharam e ela dormiu.



Monster

(Dias atuais)



Sophia parou o carro a um quarteirão do hospital.

Chapman já estava esperando por eles, parado ao lado de um carro que Monster não reconheceu. Ele adivinhou que o veículo foi roubado ou possivelmente alugado com um pseudônimo. De qualquer forma, Monster percebeu que seria melhor não saber.

Chapman avistou Monster no banco do passageiro e se endireitou, seu olhar passando rapidamente entre seu empregador e a linda loira ao lado dele, claramente tentando descobrir onde ela se encaixava nessa coisa toda. Monster desceu do carro e Sophia o seguiu.

Não houve sutilezas, nem abraços de afeto ou palmas nas costas para mostrar apreciação pelo outro homem estar vivo. Eles não funcionam assim. Chapman acenou com a cabeça quando ele se aproximou, seus olhos se voltando para Sophia, e então ele se lançou direto ao negócio.

—Achei que você precisasse disso, — disse Chapman, se recostando no carro e puxando algo embrulhado em uma jaqueta. Ele entregou o pacote para Monster, e apenas pelo peso, Monstro sabia o que ele havia recebido.

Uma arma.

—Obrigado Chapman, — disse ele. —Eu me sinto melhor sabendo que tenho isso comigo. Como está a nossa outra situação?

—Sean está acordado. Ele está no quarto andar, com dois policiais

do lado de fora da porta. Eles não parecem exatamente alta segurança, apenas alguns policiais locais, embora se Sean começar a falar, isso vai mudar. Eles vão colocar os federais.

—Não acho que ele falará tão cedo, — disse Monster, —mas, mesmo assim, acho que devemos tirar ele de lá

Sophia olhou entre os dois homens. —Por favor, sem mais violência.

—Não posso prometer isso, — disse Monster. —Temos que fazer o que precisa ser feito.

Ela mastigou um pedaço de pele seca do lábio inferior. —Mas você não quer ser preso ao mesmo tempo, ou ter policiais perseguindo você. Talvez eu possa fazer algo?

—Como o quê?

—Causar uma distração? Ou tentar entrar no quarto do hospital e dizer ao seu cara o que está acontecendo? Não sei. Só acho que, em vez de atacar, devemos procurar outras opções. Certamente isso é melhor do que mais pessoas sendo baleadas.

Monster estreitou os olhos. —Eles não vão deixar ninguém entrar.

—Não, mas você parece estar esquecendo que sou uma enfermeira registrada. Eu tenho um documento de identificação para provar isso na minha bolsa, então se eles pedirem, eu posso mostrar a eles.

—Eles podem suspeitar se não estiver sob este hospital.

—Possivelmente, mas direi apenas que sou nova e então jogarei um pouco de jargão para eles. Se virem um uniforme e algum documento de identidade, e parece que sei do que estou falando, duvido muito que façam mais perguntas. Este hospital deve ter algumas centenas de enfermeiras trabalhando nas enfermarias. Não vou me destacar como alguém suspeito.

—Certo, então digamos que você vai para o hospital. O que então?

Ela sorriu. —Eu tenho um plano.



Eles pegaram a entrada dos fundos do hospital e encontraram a escada que conduzia às entranhas do prédio. As poucas pessoas pelas quais passaram não lhes deram atenção, a maneira como Monster ainda segurava seu ombro ferido deve ter feito com que ele parecesse um paciente. Eles precisavam descer até a lavanderia e encontrar uma roupa para Sophia.

—Pronto, — disse ela, apontando com a cabeça para o corredor sem janelas em que se encontravam. Era o mesmo andar onde ficava o necrotério e a sala de patologia, mas, de acordo com a placa na parede, a lavanderia ficava no final. Os três correram para a sala, esperando não encontrar mais ninguém pelo caminho. Eles podem ter mais problemas para explicar o motivo de estarem tão longe na infraestrutura do hospital.

Sophia correu para a porta, olhou em volta rapidamente antes de abrir. —Espere aqui, — ela disse, e então desapareceu dentro.

Monster ficou satisfeito que o acesso fosse tão fácil, ele estava preocupado que uma fechadura do teclado pudesse estar na porta, mas parecia que o hospital não achava que alguém iria querer todos os seus lençóis e uniformes sujos. Ele e Chapman trocaram um olhar, e Monster sabia o que ele estava dizendo sem que ele precisasse abrir a boca. Ambos estavam armados agora e dispostos a atirar se necessário.

Alguns minutos se passaram, sem serem perturbados, e então Sophia apareceu vestindo um conjunto de uniforme de enfermeira azul, calças largas com uma blusa de mangas curtas.

—Estes foram os mais limpos que consegui encontrar, — disse ela. —Estou tentando não pensar de quem são os fluidos corporais que podem estar neles.

Monster não se importou. Coisas mais importantes estavam em jogo do que sua higiene pessoal. —Vamos embora.

—Espere um minuto, — disse ela. Ela se aproximou dele e alcançou o zíper de sua jaqueta emprestada. Ele recuou, se afastando quando ela começou a abrir o zíper dele. —Eu não estou tentando bater em você, — ela disse exasperada. —Apenas exponha seu ombro enfaixado para que você pareça que deveria estar aqui. Vocês dois passando o tempo no corredor vão parecer dois pistoleiros. Pelo menos com a bandagem você vai parecer um assassino com um motivo para estar aqui.

Ela tinha razão, e ele permitiu que ela abrisse a jaqueta o suficiente para colocá-la sobre o ombro e expor a bandagem.

—Fique perto, — ela disse, —mas me dê espaço suficiente para fazer minhas coisas. Você saberá quando for a hora de intervir.

Monster não gostava de colocar tanta confiança em outra pessoa. Por um lado, ela era uma estranha para ele, mas por outro lado ela era alguém que ele conheceu durante toda a sua vida. Mas ela parecia querer ajudá-lo, e ele não via nenhuma razão para duvidar dela. Às vezes, ele só precisava confiar nas pessoas.

Ele deu um aceno de cabeça. —Certo. Não estaremos muito atrás.

Eles correram de volta escada acima, para o andar onde Chapman descobrira que Sean estava preso. Uma rápida olhada no corredor revelou dois jovens policiais uniformizados. Um estava recostado na parede, olhando para o teto enquanto jogava uma moeda entre os dedos, enquanto o outro estava sentado em uma cadeira posicionada fora da porta, folheando uma revista que ele deve ter recolhido de um paciente.

Sophia olhou nos olhos de Monster. —Isso não vai demorar muito.

Ela se afastou deles e caminhou em direção aos oficiais.

Monster e Chapman dobraram a esquina. Um quadro de avisos estava preso à parede e eles pararam como se o estudassem, enquanto

todos os nervos estavam à flor da pele, esperando o sinal de Sophia. Os segundos se passaram, e Monster parecia que estava esperando há muito tempo, cada minuto que passava tornando-os mais visíveis e propensos a serem parados e questionados por um membro da equipe do hospital. Ele não queria que isso acontecesse. Atirar em pessoas inocentes em um hospital não era algo com que se sentisse confortável, embora ele o fizesse se não atirar nelas significasse que nunca encontraria Lily.

Um grito repentino chamou sua atenção.

—Socorro, ele está tendo uma convulsão!

Era a voz de Sophia, logo seguida pelo bipe alto e urgente de máquinas, o tipo que sempre fazia a equipe médica funcionar.

Monster arriscou enfiar a cabeça na esquina para ver Sophia emergindo, em pânico, da sala. —Encontre um médico, — ela gritou para os dois policiais, que foram repentinamente estimulados a entrar em ação, —ou seu prisioneiro vai morrer em você.

Os dois policiais correram pelo corredor, um indo na direção oposta do outro, então um dos policiais passou correndo por eles. Não perdendo mais tempo, Monster e Chapman correram pelo corredor e irromperam na sala onde Sean estava sendo mantido. Para a surpresa de Monster, Sophia já estava vestindo Sean, o par de algemas que ele devia ter sido algemado à cama jogado no chão.

Monster olhou para as algemas abertas e ergueu as sobrancelhas.

Sophia percebeu para onde ele estava olhando. —Você aprende algumas habilidades quando é criado entre pessoas como a família Gonzalez, — disse ela.

—Então, eu vi.

—Agora me ajude antes que eles voltem.

Entre Monster e Chapman, eles colocaram Sean de pé.

—Você não tem ideia de como estou feliz em vê-lo, senhor, —

disse Sean.

—Guarde o material piegas para quando estivermos fora daqui, — ele respondeu.

Sophia checou a porta para ter certeza de que ninguém estava vindo e sacudiu a cabeça. —Vamos.

Eles saíram correndo da sala e correram pelo corredor, Sean se ergueu entre eles.

Alguns policiais uniformizados corriam pelo corredor em direção a eles, e Monster deu meia-volta, movendo os outros com ele. Seus dedos se contraíram para puxar a arma, mas até agora aqueles policiais em particular não pareciam ter juntado o pequeno grupo com o homem que eles haviam deixado supostamente tendo um ataque e algemado na cama no quarto do hospital privado.

Monster deu outra volta, o que os levou de volta ao corredor em que haviam começado.

—A escada, — Monster engasgou, sua respiração mais difícil de recuperar desde que ele mesmo foi baleado. Eles correram em direção à escada dos fundos, Sophia liderando o caminho, e ouviram um grito de alarme e aborrecimento.

Os policiais devem ter descoberto a sala vazia.

—Merda!

Sean gemeu de dor, seus pés se arrastando, seu corpo quase um peso morto entre eles. O próprio ferimento de Monster estava começando a puxar, como se os pontos quisessem se soltar, mas ele ignorou. Os carros estavam estacionados em um beco nos fundos do hospital e eles precisavam alcançar os veículos e fugir antes que os policiais no andar de cima os alcançassem e tiros comesçassem a ser disparados.

—Vou levar Sean, — disse Chapman, indo em direção ao carro, roubado ou não. —Você segue com a mulher.

—Meu nome é Sophia, — ela disse.

Ele assentiu. —Prazer em conhecê-la, Sophia. Bom trabalho, por falar nisso.

Ela reprimiu um sorriso. —Obrigada.

A polícia estaria bem atrás deles. Eles não podiam perder mais tempo conversando. Ocorreu a Monster que apenas Sophia sabia para onde estavam indo.

—Precisamos nos mover, — disse ele.

Chapman prendeu Sean no banco do passageiro e depois correu para o lado do motorista. Ele saltou e o carro começou a fugir antes que a porta do motorista mal se fechasse.

Monster trocou um olhar com Sophia, e então os dois correram para seus lugares no carro. Sophia ligou o veículo e colocou o pé no chão, seguindo Chapman e Sean. De algum lugar atrás deles, o fraco lamento das sirenes da polícia podia ser ouvido acima do ronco do motor do carro.

Eles não ficariam por aí tempo suficiente para serem pegos. Mesmo que Monster quisesse chegar à casa de Rodriguez e encontrar Lily mais do que qualquer coisa, agora eles só precisavam colocar distância entre eles e o hospital. Ele não sabia se alguém tinha visto o carro em que colocaram Sean, mas, se tivesse, havia uma boa possibilidade de que helicópteros da polícia viessem logo atrás deles.

Eles pegaram a rodovia e saíram da cidade.

Como Sophia era a única que sabia para qual direção eles deveriam ir, Monster disse a ela para ultrapassar o carro que continha Chapman e Sean, para que ela pudesse liderar o caminho.

Certificando-se de que não perdiam de vista o veículo que Chapman estava dirigindo, eles mantiveram uma velocidade rápida, mas constante, dentro do limite, para não chamar atenção desnecessária para si mesmos. Monster continuou girando em seu

assento, esperando a qualquer momento ser perseguido por luzes piscando e uma sirene uivante, mas tudo permaneceu quieto. Gradualmente, sua frequência cardíaca começou a diminuir e ele se permitiu sentar em seu banco e exalar um suspiro de alívio.

Ele não tinha certeza de como eles conseguiram, mas parecia que eles tinham escapado.



Monster

(Dias atuais)



Quando eles colocaram distância suficiente entre eles e o hospital, e estavam confiantes de que a polícia não os estava seguindo, Monster disse a Sophia para parar sob uma passagem subterrânea. Ela sinalizou e Chapman fez o mesmo, parando atrás deles, os dois veículos parando.

Monster precisava ver como Sean estava e decidir o que aconteceria a seguir. Ele não queria ter que fazer uma escolha difícil, mas se Sean não ia ser útil para eles, às vezes decisões difíceis tinham que ser feitas.

Ele abriu a porta do carro e saiu para a estrada. Sophia também desceu, mas parou para pegar algo na bolsa, enquanto ele se dirigia ao veículo atrás deles.

Chapman saiu do lado do motorista e deu a volta até o outro lado do carro. Ele alcançou a porta do passageiro ao mesmo tempo que Monster.

—Ele está acordado e falando, — disse Chapman.

Monster acenou com a cabeça. —Bom.

Sophia correu. —Aqui, — ela disse, entregando-lhe a segunda garrafa de água que ela comprou. —Dissolvi mais analgésicos para Sean. Espero que ajude.

—Obrigado, — disse ele com um aceno de cabeça. Ele ainda estava lutando para tirar de sua cabeça o pensamento do corpo

exuberante de Sophia pressionado contra o dele, enquanto ela olhava para ele com aqueles olhos azuis límpidos. Ele tinha feito a coisa certa ao rejeitá-la, mas agora se sentia estranho por estar tão perto dela. Era difícil olhar para ela e não pensar no volume de seus seios fartos ou no cheiro de seus cabelos dourados.

Afastando os pensamentos de Sophia, ele abriu a porta do passageiro para revelar Sean sentado com os olhos abertos e a cabeça apoiada no encosto. Sua pele estava pálida e ele parecia mais magro, suas bochechas encovadas e cavidades escuras sob os olhos. Apesar de sua aparência, ele conseguiu sorrir para Monster.

—É bom vê-lo vivo, senhor, — disse Sean.

—Você também, Sean.

Sean se mexeu no banco e sugou o ar sobre os dentes, pois o movimento obviamente lhe causou dor. —Obrigado por me tirar de lá.

—De nada. Como você está se sentindo?

—Já estive melhor.

—Onde você foi baleado?

A mão de Sean agarrou seus abdominais. —No estômago. Eu fiz uma cirurgia, mas obviamente vou sobreviver.

Monster esperava que fosse verdade. Ele estava prestes a pedir ao homem para entrar em outra situação perigosa, e ele tinha acabado de sair do hospital, e não foi como se ele tivesse recebido alta. Agora, com a forma como ele parecia, Monster duvidava seriamente que ele estivesse em qualquer lugar perto do trabalho.

—Esta é a situação, — disse ele, para os dois homens, querendo informar a eles sobre qualquer um dos detalhes que eles possam ter perdido. —Rodriguez apareceu e nos emboscou no campo de aviação. Ele pegou Lily e a outra garota que os traficantes estavam tentando mover. Não me importo muito com a outra garota, mas sei que Lily vai se importar. Ela se sente responsável por essas mulheres,

por algum motivo. Enfim, Sophia ali foi uma das cativas da família Gonzalez por muito tempo. Ela sabe onde ele mantém as mulheres que leva e está disposta a nos ajudar.

Chapman estreitou os olhos e olhou para Sophia. —Por que você está ajudando?

Ela se endireitou. —Porque eu conheci Monst... Merrick há muito tempo, e ele me ajudou. Eu acredito em retribuir bons favores. Chame isso de carma.

Chapman acenou com a cabeça. —Certo. Então você acha que pode nos colocar neste lugar?

—Sim, mas vai precisar de alguns truques da nossa parte. Rodriguez vai me deixar entrar se achar que tenho algo para ele.

Monster ficou tenso. —E o que seria isso?

—Um de seus homens, mas idealmente *você*, Merrick. Vou dizer a ele que ouvi você planejando matar ele e pensei que você fosse fugir, então consegui te derrubar em vez disso, talvez eu diga que administrei algo em você, que você pensou que eu ainda estava cuidando do ferimento.

Ele franziu a testa. —Então, eu preciso fingir que estou inconsciente.

Ela mordeu o lábio inferior, seus olhos se afastando dos dele. — Sim... embora a coisa real funcione melhor.

—A coisa real como você realmente quer que eu fique inconsciente?

Ela acenou com a cabeça. —Assim Rodriguez não pensará em duvidar de mim.

Monster apertou os lábios e balançou a cabeça. —Não vai acontecer.

—Precisamos que isso pareça real. Rodriguez pode sentir o cheiro

de um golpe a um quilômetro de distância.

—Eu entendo isso, mas de jeito nenhum vou entrar aí completamente indefeso.

—Você não estará. Você tem seus dois homens agora, e você também tem a mim.

—Mesmo assim, um daqueles homens está ferido e você é...

—Uma mulher? — Ela preencheu, a cabeça inclinada para o lado, as sobrancelhas levantadas.

—Exatamente. Rodriguez sempre tem pessoas ao seu redor. Nossas chances de vencer ele, são baixas.

—Então, precisamos de um plano do qual ele não suspeite. Se lembre de que também estou colocando minha vida em risco. No minuto em que ele tiver a suspeita de que eu o traí, ele não vai hesitar em colocar uma bala na minha cabeça.

Monster permitiu que suas palavras fossem absorvidas. Ela tinha um ponto válido. Ela estava arriscando a própria vida ajudando ele, mas a ideia de ficar inconsciente na presença de Rodriguez o enervava. O controle fazia parte de quem ele era, e abandoná-lo completamente enquanto estava na presença do homem que roubou a mulher que ele amava não era algo que ele considerava levemente.

—Como você sugere que eu fique inconsciente? — Ele perguntou, querendo pelo menos ouvir ela.

—Meu kit médico está na minha bolsa, — ela respondeu. —Eu posso te dar uma dose de um sedativo de ação curta, o suficiente para te manter deitado enquanto passamos pelas paredes da propriedade. Você ficará um pouco tonto quando voltar, mas não terá nenhum outro efeito colateral.

—Além de um buraco na minha cabeça quando Rodriguez me ver. Duvido que eu supere isso tão rapidamente.

—Você mesmo disse que ele não o quer morto.

—Aquilo foi diferente. Ele pode não querer que eu morra quando pensa que não sou uma ameaça para ele e assuma que ainda vou abrir mão do negócio para ele. Ele vai pensar de uma maneira totalmente nova quando descobrir que manipulei meu caminho através de suas paredes e pretendo matar ele.

Seu rosto empalideceu. —Achei que você só queria sua namorada de volta.

—Isso também, mas não pretendo deixar ele escapar por matar meus homens ou levar Lily. — Sua voz se tornou um grunhido, a raiva se espalhando por seu corpo e se agarrando ao coração. —Eu nem quero pensar sobre o que aquele filho da puta tem feito com ela nos últimos dias.

—Então, vamos fazer isso direito, — respondeu ela. —Vamos distrair Rodriguez e seus homens trazendo você até ele. Deixe seus caras pularem as paredes enquanto ninguém está olhando, e então você dá a volta por cima. Vamos esconder uma arma em seu corpo, eles não vão pensar em te revistar se acharem que você está fora de si para usar uma e assim que você recuperar a consciência, você pode atirar nele.

Monster olhou para Sean e Chapman. —O que vocês pensam disso?

Chapman encolheu os ombros. —É arriscado, mas pode funcionar.

Sean levou a mão ao estômago ferido. —Posso ter dificuldade em escalar uma parede.

—Vamos descobrir alguma coisa, — disse Chapman. — Encontraremos um tanque e atravessaremos a parede se precisarmos.

Ele assentiu. —Tudo bem. Farei o que puder, mas não espere milagres.

—Não esperamos, — respondeu Chapman. —Mesmo se você apenas ficar no carro e me cobrir enquanto eu entro, vai ser uma ajuda.

O estômago do Monster se agitou de nervosismo. Ele realmente iria se permitir ser submetido, e apenas confiar que iria acordar dentro da casa de Rodriguez? Ele olhou para o pequeno grupo. —Por favor, me diga que alguém tem uma ideia melhor?

Todos eles permaneceram em silêncio, se desculhando.

Ele gostaria de ter uma ideia melhor, mas até onde seu plano se estendeu? Não muito além de encontrar a casa e invadir e matar todos que encontrou. Se Sophia estivesse certa e o lugar fosse murado e fechado, como ele esperava que fosse, com os homens de Rodriguez vigiando o perímetro, sua proposta venceu, sem dúvida.

—Porra, — ele exalou, percebendo que não tinha nenhuma outra escolha.

Ela arriscou um pequeno sorriso. —Isso significa que estamos fazendo isso?

—Acho que não há muitas outras opções. Espero que saiba o que está fazendo, Sophia.

—Eu sei. Eu sei exatamente o que estou fazendo.

Ele se voltou para os homens. —Que tal vocês dois? Você está a bordo?

Sean acenou com a cabeça. —Não sei o quanto ajudarei, mas farei tudo o que puder. Aquele bastardo ordenou que Mason e Evans morressem. Eu não quero vê-lo andando por aí mais do que você.

—Tudo bem, — Monster cedeu. —Parece que vou fazer isso. Me derrube e me entregue nas mãos do homem que eu mais odeio.



Monster

(Dias atuais)



Eles ficaram na estrada por mais algumas horas antes de Sophia finalmente sinalizar para eles pararem. A paisagem ao redor deles havia se tornado escassa, a vegetação exuberante dando lugar a plantas grossas e suculentas. Eles passaram por algumas cidades pequenas, mas mesmo aquelas haviam se reduzido a uma ou outra propriedade, até que finalmente não havia nada para ver em quilômetros, exceto a estrada e o cenário do deserto.

Os dois carros pararam na beira da estrada a cerca de quarenta minutos de onde Sophia disse que a propriedade de Rodriguez estava localizada. As quatro pessoas se misturaram entre os dois veículos, planejando e se preparando para a luta que viria a seguir.

Eles levaram algum tempo para ajudar Sean a ganhar força, se certificando de que ele estava tomando goles regulares de água e da medicação para dor que Sophia misturava com ela. O ferimento à bala no estômago estava lhe causando dor, mas ele não tinha sangramento recente e era um dos caras mais durões do mundo. Ele não ia permitir que uma coisinha como levar um tiro o detivesse.

Monster não podia fingir que estava confortável em deixar Sean e Chapman para trás, ou permitir que Sophia o nocauteasse. Na verdade, cada parte desse plano o deixava desconfortável, mas ele não conseguia ver outra maneira de contornar isso. Tudo o que Sophia disse era verdade, eles nunca entrariam na propriedade sem serem vistos ao se aproximarem e ninguém tinha uma ideia melhor de como resgatar Lily. Ele se recusou a permitir que seu medo por sua própria

segurança fosse a única coisa que o deteve, a única coisa que abandonou Lily com Rodriguez. Mas ele precisava tomar precauções, e enquanto Sophia estava ocupada preparando vários medicamentos para eles, ele se certificou de ter uma palavra em voz baixa com Sean e Chapman, para que eles entendessem exatamente o que precisava ser feito.

Sophia estava com um mapa espalhado no capô de um dos carros. —Você vai precisar nos dar tempo suficiente para os homens de Rodriguez nos levarem para dentro antes que você possa se aproximar, — ela disse para Chapman. —Esperançosamente, nossa chegada será uma distração grande o suficiente para que eles mantenham seus olhos longe da área ao redor por tempo suficiente para que você consiga entrar e passar pelas paredes, ou através do portão, se surgir a oportunidade.

Monster acenou com a cabeça. —Esperemos.

—Estamos bem armados, — disse Chapman. —Eles não estarão nos esperando, então essa será a nossa vantagem. Eles nunca vão suspeitar que isso é uma armadilha. Ninguém em sã consciência teria o tipo de bolas necessárias para ser nocauteado e entregue direto ao inimigo.

Monster se virou para ele. —Você está me fazendo querer atirar em você eu mesmo.

—Desculpe senhor.

Sophia abriu sua bolsa e retirou um pequeno frasco de vidro e uma seringa. —Este sedativo vai te nocautear por não muito mais que uma hora. Vou lhe dar apenas uma pequena dose, então você vai parecer completamente inconsciente, embora possa perceber que alguma consciência está voltando muito rapidamente. Apenas se certifique de manter os olhos fechados até o momento certo e até se sentir completamente no controle de si mesmo.

Monstro acenou com a cabeça. —Eu entendo.

—Não se assuste se suas pernas ou braços estremecerem enquanto você está afundando ou voltando, é apenas um efeito colateral da droga. Isso também acontecerá quando você estiver totalmente apagado, mas você não estará ciente disso. Vou explicar o movimento para Rodriguez e seus homens para que não suspeitem.

Monster respirou fundo, tentando acalmar seus nervos. Ele não gostava de entrar em uma situação sobre a qual não estava no controle, mas não tinha escolha. Ele arregaçou a manga. —Vamos acabar logo com isso.

—Oh, mais uma coisa, — ela disse, puxando um bisturi de sua bolsa, a lâmina perversamente afiada, brilhando na luz do sol forte.

Monster franziu a testa para o item, e ela rapidamente abriu sua jaqueta e cortou as bandagens, cortando os pontos da ferida que ela mesma costurou. Ele sugou o ar sobre os dentes com a pontada de dor. Imediatamente, o sangue gotejou do ferimento.

—Desculpe, — ela se desculpou. —Precisamos fazer com que pareça o mais realista possível. Não posso deixar Rodriguez pensando que fiz um trabalho muito bom com você, ou ele vai se perguntar como eu consegui injetar algo em você.

—Contanto que eu não sangre até a morte no caminho para lá.

—Você vai ficar bem. A ferida não é profunda. Isso é apenas para exibição.

Chapman deu um passo à frente e entregou-lhe uma arma e um coldre de tornozelo. —Você vai precisar disso.

—Obrigado, — disse Monster, pegando a arma e o coldre. Ele se curvou para prender os dois em sua perna. Ele se sentiu melhor com o peso deles ali, sabendo que tudo o que precisava fazer era acordar, pegar a arma e atirar antes que qualquer um o fizesse. Se ele matasse Rodriguez, tudo estaria acabado. Ele tinha certeza de que Rodriguez teria alguém mais adiante que iria querer vingar sua morte, mas no momento ele só precisava se concentrar em tirar um homem e pegar

sua Flor de volta.

A mão de Sophia em seu ombro chamou sua atenção. —Se você estiver pronto, sugiro que se sente no banco de trás enquanto eu injeto em você. Dessa forma, não teremos que lutar para te mover quando estiver inconsciente. Você não é exatamente um cara leve.

Ele fez o que ela sugeriu e abriu a porta traseira e sentou na beirada do assento. Ele enrolou a manga da jaqueta, expondo a parte interna do cotovelo e a rede de veias e capilares azuis e roxos que corriam logo abaixo da pele pálida quase translúcida. Ele flexionou a mão, apertando os dedos com força para fazer as veias incharem.

Sophia removeu o invólucro de plástico da ponta da agulha, sacudiu o frasco contendo o anestésico e o virou de cabeça para baixo. Ela empurrou a seringa para a esponja macia que bloqueava a extremidade do frasco e puxou a extremidade da seringa para puxar o líquido transparente para baixo.

—Você não deveria fazer um torniquete no meu braço? — Ele perguntou, sabendo que estava atrasando o momento, mas querendo falar para se concentrar no mundo real por mais um momento.

—Não se preocupe, — disse ela com um sorriso. —Sempre fui boa em encontrar uma veia. É como meu superpoder.

Ele não tinha nada a dizer sobre isso. Brincadeiras leves não era algo que Monster precisava usar antes.

Ela apertou o agarre em seu pulso, mantendo seu braço seguro com a palma da mão para cima. —Agora fique quieto.

Ele não era melindroso, então ele olhou para a agulha enquanto ela perfurava sua pele e entrava em sua veia. Seu coração batia mais forte do que ele queria. Ele desejava permanecer frio e impassível, enquanto cada parte de seu cérebro queria que ele corresse. Ele não queria pensar sobre onde estaria quando seus olhos se abrissem novamente, ou em que tipo de luta ele estaria, mas ele não podia correr o risco de não pensar nisso. Ele precisava que fosse a primeira

coisa em que pensasse no momento em que se tornasse consciente novamente. Literalmente, significava sua vida.

No momento da injeção, seu braço ficou repentinamente frio, uma onda de gelo subindo por suas veias.

—Deite e conte em ordem decrescente a partir de vinte, — disse Sophia.

Ele se recostou no assento de couro, olhando para o teto do carro. A voz dela já estava distante, e ele teve a estranha sensação de pânico crescendo dentro dele, querendo lutar contra o que estava tomando conta de seu corpo, junto com uma sonolência intensa.

—Vinte...— ele começou. —Dezenove... dezoito... dezessete...—

E ele se foi.



Dez



Lily acordou com a certeza de que alguém estava parado perto dela.

Seus olhos se abriram e ela respirou fundo, instintivamente tentando se empurrar para cima da cama e para longe da pessoa, enquanto agarrava os lençóis para se cobrir, embora ela ainda estivesse usando o vestido da noite anterior. A pessoa borrada pelo sono tomou forma enquanto ela se fixava com mais firmeza na terra do consciente.

Rodriguez!

Lily olhou para o lado, se certificando de que Jess ainda estava lá. Sim, ela estava, graças a Deus, exatamente na mesma posição e até agora sem ser incomodada pelo visitante.

Ele deu um sorriso lento. —Bom dia dorminhoca.

—O que você quer? — Ela retrucou, esquecendo momentaneamente sua promessa a si mesma de que tentaria ganhar a confiança de Rodriguez.

—Vim passar um tempo com você, é claro. De que adianta ter um novo animal de estimação se eu a mantenho trancada aqui o tempo todo?

Animal de estimação.

ECA.

Era assim que ele pensava nela?

Ele ergueu um cabide contendo uma peça de roupa, coberto por uma bolsa protetora. —Além disso, eu trouxe um presente para você.

Sem esperar que ela dissesse nada, ele abriu o zíper da bolsa e revelou um lindo vestido verde esmeralda, com um decote profundo.

—Tenho muitos vestidos, — disse ela. —Alguma calça e uma camiseta teria sido mais prático.

Seu olhar ficou mais escuro. —Não quero que meus bichinhos sejam práticos. Você é uma coisa bela e, portanto, deve usar roupas que realcem essa beleza. Escolhi esse vestido especialmente para você. O verde ficará deslumbrante contra seu cabelo e tom de pele, e o corte acentuará suas curvas. — Ele estendeu o cabide para ela. — Coloque.

Jess começou a se mexer e Lily a olhou de relance. —O que? Agora?

—Sim.

Não querendo que Jess acordasse com Rodriguez zangado e se elevando sobre ela depois do que ela havia passado, e tentando se lembrar de sua promessa a si mesma de que conquistaria Rodriguez, Lily cuidadosamente saiu da cama e pegou o vestido dele. Ele cruzou os braços sobre o peito, enrugando as mangas do traje sobre os músculos por baixo.

—Posso ir ao banheiro e me trocar?

—Não. Você vai fazer isso aqui, onde eu posso te ver.

Ela odiava não estar lutando com ele, cada instinto a fazia querer mandar ele se foder, mas que escolha ela tinha? Ela não sabia como ele reagiria. E se ele ficasse realmente bravo e a prendesse longe de Jess? Quem estaria aqui para salvar a garota se ela tentasse tirar a própria vida novamente?

Lily mordeu o interior do lábio enquanto levava a mão para a única alça solitária em seu ombro.

Rodriguez a observou com olhos escuros e semicerrados, os lábios ligeiramente franzidos. Ela tirou a alça do vestido do ombro e depois estendeu a mão para as costas para abrir os ganchos. Quando o corpete estava solto, ela permitiu que o vestido caísse em uma poça ao redor de seus pés. Ela pensou que o olhar dele percorreria seu corpo enquanto ela se despia, mas em vez disso, ele manteve os olhos em seu rosto, fixos nos dela, desafiando-a a desobedecê-lo.

—Lily? — A vizinha de Jess veio da cama. —O que está acontecendo?

—Nada Jess, — disse ela, seu estômago afundando com o fato de que a menina estava acordada e assistindo isso. Lily não tirou o olhar de Rodriguez enquanto estava diante dele apenas com a calcinha preta que ele havia fornecido, o vestido ainda em torno de seus pés. —Volte a dormir. Tudo está sob controle.

—Mas o que é...

Rodriguez virou a cabeça e atacou a garota. —Não me cause problemas ou enviarei um dos meus homens aqui para cuidar de você.

Os lábios de Jess se fecharam.

Lily queria bater em Rodriguez. Essa era a pior coisa que ele poderia ter dito, e agora ela teria que deixar a mulher mais jovem sozinha de novo.

—Vai ficar tudo bem, Jess. Eu volto em breve. Apenas fique segura, tudo bem?

Em sua visão periférica, Jess puxou as cobertas até o queixo e assentiu.

Lily estendeu a mão e puxou o vestido novo de onde ele havia sido colocado na cama. Ela o tirou do cabide e segurou a roupa contra o corpo. Rodriguez estava certo. O vestido era perfeito para ela. Ela só queria não ser forçada a usá-lo em tais circunstâncias hediondas.

Lily puxou o vestido pela cabeça, sua visão dos olhos escuros de

Rodriguez bloqueada momentaneamente, até que o tecido macio e sedoso deslizou por seu corpo. Ela amarrou o laço na cintura, puxando o vestido de forma que envolvesse suas curvas, mas quando ela olhou para cima, ele não estava mais olhando para ela, seus olhos focaram em algo no chão do outro lado do quarto.

Um pavor nauseante se instalou em seu estômago. *E agora?*

Sua expressão estava turva e estrondosa. Ela seguiu sua linha de visão e viu o que havia chamado sua atenção. A tigela de chocolate no chão onde havia caído, esquecida nos acontecimentos que a seguiram ao entrar no quarto de Jess.

Ele olhou de volta para ela, sua voz fria. —Você não gostou do meu presente?

—Sinto muito, — disse ela apressada. —Houve um acidente e depois adormeci. Isso não significa...

—Isso significa que você não apreciou o que foi dado a você. Espero que não seja isso que devo esperar de você.

Ela balançou a cabeça. Sua principal preocupação era que ele descontasse em Jess qualquer punição que quisesse. —Não, não, absolutamente não.

—Recolha, — disse ele lentamente, —isso... todos.

Saindo do vestido velho, Lily se apressou e se agachou para pegar os pequenos quadrados de chocolate. Ela trabalhou rapidamente, seu rosto queimando de vergonha, sentindo os olhos dele nela o tempo todo. Com a tigela cheia novamente, ela a levou de volta e ficou diante dele. Jess observou a cena com olhos arregalados e assustados.

—Agora coma.

Ela precisava ser mais forte do que ele, e não deixar sua campanha de intimidação chegar até ela. Ela se lembrou do que havia prometido a si mesma antes de adormecer, que o conquistaria até que ele baixasse a guarda.

Lily olhou para a pequena tigela e propositalmente mordeu o lábio. Ela se sentia estúpida e falsa, mas precisava fazer ele pensar que ela estava do lado dele. Ela pegou um dos pedaços e o levou aos lábios, passando a língua pelo lábio inferior, umedecendo a pele carnuda. Ela deu uma pequena mordida e ergueu os olhos para ele, permitindo que o doce e cremoso chocolate derretesse em sua língua.

—Mais, — disse ele.

Ela deu outra mordida, e depois outra, o açúcar instantaneamente atingindo seu sistema, deixando ela mais alerta. Ela se certificou de lambe os lábios e morder suavemente o lábio inferior, querendo que a atenção dele ficasse em sua boca.

—Bom, — ele disse a ela quando ela terminou. Ele enfiou a mão na tigela para remover outro quadrado. —Agora, este pedaço.

Lily engoliu em seco e então abriu a boca, permitindo que ele a alimentasse, as pontas dos dedos roçando seu lábio inferior. Ela tentou colocar tudo em uma atuação recatada e sedutora, enquanto internamente cada parte dela se rebelava. Em sua mente, ela podia ver o rosto de Monster, como ele estaria olhando para ela agora se pudesse vê-la fazendo isso, se ele estivesse observando os dedos de outro homem tocando os lábios de sua Flor. Seus olhos escuros ardiam de raiva, sua mandíbula apertada de ciúme. Ela se sentiu culpada até o âmago, mas não parou.

Ela tinha a atenção de Rodriguez e sabia disso. Continuando o ato, ela alcançou a tigela para pegar outro pedaço de doce, tentando não pensar no fato de que estava no chão, mas antes que ela pudesse levar o pedaço à boca, a mão dele agarrou seu pulso,

—O que você está brincando, bichinho?

Lily piscou fingindo inocência. —Só estou fazendo o que você pediu.

Ela reconheceu a suspeita em seus olhos, seu desejo entre querer acreditar em seu ato e querer expor ela.

—Apenas algumas horas atrás, você me odiava.

—Talvez eu tenha decidido que não quero mais lutar. Às vezes, não há problema em seguir o caminho mais fácil.

Ele olhou nos olhos dela por mais um momento, como se procurasse a resposta. Ela se forçou a sustentar seu olhar, seu coração batendo forte. Seu próximo movimento seria um beijo ou um chute?

Não foi nenhum. Ele soltou a mão dela, revelando marcas de dedos vermelhos ao redor da circunferência de sua pele pálida. Ela resistiu ao desejo de esfregar elas.

—Muito bem. Nesse caso, gostaria que você se juntasse a mim no café da manhã.

—Vou servir desta vez?

—Não, hoje não. Hoje vou permitir que você seja minha convidada.

Ela arriscou um olhar para Jess. —E quanto a Jess?

—Ela vai ficar aqui. Vou pedir a um dos meus funcionários que lhe traga comida.

Ela gostaria de poder dizer mais alguma coisa para a outra garota, dizer a ela para não fazer nada estúpido enquanto ela estivesse fora, para confiar que Lily tinha uma espécie de plano. Mas tudo o que ela podia fazer era arregalar os olhos para ela, e esperar que Jess tivesse fé que Lily não a trairia.



Onze



Vestida com o vestido verde esmeralda que Rodriguez deu a ela, Lily relutantemente pegou o braço que ele ofereceu e saiu do quarto. Ela não se atreveu a olhar para trás para Jess, com medo do que veria nos olhos da garota, raiva, traição, repulsa. Qualquer uma dessas coisas quebraria a resolução de Lily de colocar Rodriguez de lado, a fim de encontrar uma maneira de sair daqui para as duas.

Felizmente, ele não deixou a porta aberta por tempo suficiente para ela mudar de ideia, puxando e trancando imediatamente atrás deles. Seu coração torceu com a ideia de Jess ser deixada atrás da porta trancada sozinha, mas não havia nada que ela pudesse fazer.

Rodriguez cobriu as costas da mão dela com a palma da mão, então eles ficaram de mãos dados, como se estivessem prestes a entrar em um restaurante caro, em vez de apenas andar por sua casa. Suas vísceras se contraíram com o contato íntimo, uma onda de calor, seguida de frio varrendo sobre ela. Isso era exatamente o que ela odiava, essa suposição de intimidade. Isso fez com que cada parte dela se concentrasse apenas no ponto onde sua pele se encontrava, o calor da palma da mão queimando sua pele, a pressão em sua mão. Isso a consumiu para que ela não pudesse pensar em mais nada.

Antes que ela percebesse o que estava acontecendo, ele a arrastou pela casa, levando ela para os fundos da propriedade. Ela não tinha feito nenhuma das coisas que tinha prometido a si mesma, procurar outras saídas ou telefones ou computadores. Ela precisava encontrar uma maneira de se desligar das emoções avassaladoras que a inundavam quando ele a tocava, ou ela nunca seria capaz de fazer isso.

Se ao menos desligar a reação dela fosse tão simples. Sua fobia de contato físico cresceu gradualmente ao longo dos anos depois que ela perdeu sua filha bebê. Como ela poderia superar isso durante a noite? E ainda, ela tinha, com Monster. Quando ele a prendeu contra a parede, e se forçou dentro dela, seu corpo desejou mais.

Quando ele era violento, rude com ela, ela não sentia os mesmos sentimentos. Talvez ela estivesse louca, ou talvez fosse a natureza do toque que a afetou. Ela podia se desligar de ser imobilizada ou amarrada, ou de receber uma surra, mas ela não conseguia se desligar da intimidade de um toque gentil.

—Então, o que você acha?

Ela piscou, percebendo que Rodriguez estava falando com ela, e olhou ao redor. Eles saíram em uma grande estufa que ocupava toda a extensão dos fundos da casa. O azul brilhante do céu do deserto se estendia infinitamente além do telhado de vidro. Depois das paredes de vidro, o terreno da casa tinha um paisagismo minimalista, plantas suculentas com cascalho branco e jardins de pedras. Além disso, as paredes ao redor da propriedade alcançavam o céu. Ela procurou nas fortificações de pedra por outro portão, ou mesmo por uma parte que pudesse ter desmoronado e permitido um local onde elas poderiam ter escalado, mas toda a estrutura era meticulosamente mantida.

—Então? — Ele perguntou.

Lily piscou novamente, chamando sua atenção de volta para o interior. —É lindo, — disse ela, se obrigando a responder. Ele não se referia ao terreno, é claro, mas à mesa e às cadeiras brancas imaculadamente dispostas com talheres de prata, guardanapos brancos grossos e taças de champanhe. Um balde de prata com Dom Perignon gelado estava no meio da mesa.

—Por favor sente-se.

Seu corpo inteiro murcha de alívio quando ele soltou sua mão e ela foi capaz de soltar o braço dele. Ele puxou a cadeira para ela, e ela afundou, desejando poder continuar e deslizar para debaixo da mesa.

Rodriguez sentou-se em frente e tirou a garrafa do balde.

—Champanhe?

Ela balançou a cabeça. —Eu não bebo, — ela mentiu.

Seus olhos se estreitaram. —Você bebe agora.

Ela queria manter a cabeça limpa e sabia que o álcool a afetaria muito mais agora do que em sua vida anterior, quando estava acostumada a beber vinho sozinha na frente da televisão. Mas Rodriguez não aceitaria um não como resposta e ergueu a taça dela, servindo o champanhe em um ângulo para que não borbulhasse.

Ele serviu seu próprio copo e, em seguida, inclinou-o para o dela. Não querendo irritá-lo, ela pegou a taça de champanhe e ele brindou com elas. —Para nosso novo relacionamento.

Lily forçou um sorriso, mas seu sangue gelou. Ela não queria nenhum tipo de relacionamento com este homem. Apenas sentar aqui parecia uma grande traição a Monster, embora ela tivesse sido forçada a estar aqui. Ela precisava ficar se lembrando de que estava fazendo tudo isso pelo motivo certo.

Rodriguez tomou um gole de seu champanhe e acenou para que ela fizesse o mesmo, seus olhos escuros focados nos dela o tempo todo.

Lily levou o copo delicado aos lábios e deu o menor gole que conseguiu, um beija-flor bebendo do néctar. As bolhas borbulharam em seu nariz e ela apertou os lábios para que ele não a visse ter qualquer tipo de reação, e engoliu em seco.

Alguém entrou na sala.

Lily olhou na direção deles e seu coração se transformou em pedra. Jess estava segurando uma bandeja de prata, a borda firmemente presa entre as pontas dos dedos, os nós dos dedos brancos. Ela olhou para baixo, sem olhar para Lily. Lily cerrou os punhos sob a mesa. Jess estava sendo forçada a servi-los. Seria esse o jeito de Rodriguez de abrir uma barreira entre elas, de fazer Jess odiar

Lily para que as duas mulheres não tivessem a quem recorrer?

Lily fixou seu olhar em Rodriguez. —Não. Por favor, não a obrigue a fazer isso.

Rodriguez fez uma careta. —Você vai se sentar e desfrutar da sua refeição, ou vou piorar as coisas para ela.

Lily conteve um soluço de raiva e frustração, os lábios apertados, as narinas dilatadas. Um nó duro e doloroso se formou em sua garganta, tornando ainda mais difícil para ela engolir.

Jess colocou um prato na mesa na frente de Lily. A garota levantou a cúpula de prata para revelar um prato de salmão defumado e ovo mexido fofo. Pequenas quantidades de erva doce e pimenta-do-reino cobriam o ovo e o peixe, e uma rodela de limão estava ao lado das fatias finas de salmão rosa. O prato foi acompanhado de torradas quentes com manteiga. Seu estômago roncou de fome, mas a ideia de comer tudo isso enquanto Jess ficava com fome e era forçada a ficar parada e assistir a deixava nauseada.

Ela olhou para a comida, seu estômago dando nós. —Por favor, — ela disse calmamente. —Não a obrigue a fazer isso.

Talvez não devesse parecer grande coisa, era apenas uma refeição, mas, ao comer um único pedaço, ela sentiu que estava do lado de Rodriguez contra Jess.

—Coma sua comida, — disse ele, sua voz um rosnado baixo.

—Eu realmente não estou com fome...

A base de sua faca bateu contra a mesa com um estrondo, fazendo ela pular. —Eu disse para comer, ou você prefere que eu faça sua amiga comer do chão?

Ela balançou a cabeça e piscou para conter as lágrimas. Lily não duvidou por um momento de sua disposição de descontar sua desobediência em Jess.

Ela ergueu o pesado garfo de prata e pegou uma garfada de ovo.

Embora ela tivesse certeza de que era de alta qualidade, quando o colocou na boca, a comida era insípida, a textura enjoativa. Lily se forçou a mastigar e engolir, esperando não engasgar. Em frente a ela, Rodriguez também comeu. Com cada pedaço de comida que ele dava, ele mantinha os olhos focados exclusivamente nela. Ela nunca antes se sentiu sob tal escrutínio. Ela comia com os lábios bem apertados, pequenas mordidas que mastigava e engolia como se fossem chumacos de algodão que ameaçavam se alojar em sua garganta.

—Agora beba seu champanhe.

Lily ergueu o copo e tomou outro gole, as bolhas estourando atrás de seu nariz.

—Mais, — disse ele.

Lily bebeu um pouco mais, o gás no líquido enchendo seu estômago de maneira desconfortável. Ela enfiou mais um pouco da comida na boca, um pouco do salmão e um pedaço da torrada. Embora se sentisse mal por comer, ela sabia que precisava consumir algo para absorver o álcool.

Quando o copo dela estava meio vazio, Rodriguez se virou para Jess. —Bem, por que você está parada aí?

A garota correu para frente, de cabeça baixa, para não fazer contato visual com ninguém. Lily queria desesperadamente dizer a ela que sentia muito e que ela não tinha planejado que isso acontecesse, mas ela sabia que qualquer coisa que dissesse levaria o pior acontecer. Jess ergueu a garrafa com a mão trêmula. Quando ela colocou a borda da garrafa contra a taça, ela tilintou quando seu tremor fez o copo colidir.

—Cuidado! — Rodriguez rebateu.

Jess mordeu o lábio, mas conseguiu firmar a mão e servir mais champanhe.

Ele olhou nos olhos de Lily. —Beba!

—Eu realmente não acho que deveria beber mais. — Sua cabeça já girava, o chão sob seus pés não era tão tangível quanto antes. Ela se sentiu distanciada da cena em que estava sentada. Ela não tinha comido muito ultimamente, então tanto o estômago vazio quanto o peso do corpo reduziram sua capacidade de lidar com o álcool. Já se foram os dias em que ela conseguia consumir uma garrafa sozinha em frente à televisão.

—Eu possuo você, — ele rosnou. —Faça o que eu digo, sem questionar. Está entendido?

—Deixe Jess voltar para o quarto, — disse ela, —e então farei o que você quiser.

Ela se arrependeu das palavras antes mesmo de deixarem sua língua, o álcool soltando seus lábios.

Seus olhos se estreitaram, olhando entre as duas mulheres. —Eu normalmente não faço acordos, mas para ser honesto, ela está me entediando. Acho você muito mais fascinante. Ela pode voltar para o quarto.

Rodriguez acenou com a mão para dispensar Jess e então pegou seu copo de volta. Ele acenou com a cabeça para ela, e ela copiou seu movimento, permitindo que ele se inclinasse sobre a mesa e tilintasse as taças em um segundo brinde.

Ele deu a ela um sorriso que fez seu sangue gelar. —Para nós.



Doze



Rodriguez estava olhando para ela com uma fome sombria nos olhos, e ela estremeceu. Em que diabos ela se meteu?

Eu não me coloquei nesta situação, ela se lembrou. Eu fui forçada a isso. Esta posição não é minha.

E, no entanto, estava se tornando cada vez mais difícil se convencer de que era esse o caso. O vinho nublou sua mente, tornando seus pensamentos confusos. Ela pediu isso uma vez, não foi, com Monster? Um homem que parecia cruel, mas havia despertado algo mais dentro dela? Talvez Rodriguez tenha visto isso nela, sua necessidade. Ele tinha, ele até disse que reconhecia isso nela. Um desejo de ser dominada de uma forma puramente sexual. Na vida cotidiana, ela nunca teria desejado que um homem fosse forte com ela de qualquer forma, mas de alguma forma as coisas eram diferentes quando se tratava de sexo.

Ele olhou para o prato dela e depois para ela. —Você terminou sua comida. Isso é bom. — Ele ergueu a garrafa de champanhe, verificou o conteúdo e sorriu. —Pelo menos o suficiente para outro copo, eu acho.

Ela estava além de discutir. A sensação quente e nebulosa que tomou conta de seu corpo a fez se importar muito menos com sua situação. Não era como se ela quisesse estar aqui, ela ainda odiava Rodriguez e planejava escapar, mas o álcool a fez relaxar e era bom ter uma refeição quente e adequada em sua barriga, mesmo que ela tivesse lutado para engolir a comida.

Ele serviu outro copo para os dois, mas ela tinha certeza de que

ele estava servindo copos maiores para ela do que para ele. Ele acenou com a cabeça para a taça dela, então ela pegou novamente, sua resolução de lutar contra ele vacilando. O pensamento de que ela deveria colocá-lo de lado piscou no fundo de sua mente e se enrolou nauseante em seu estômago. Ela não queria ser legal com aquele homem de forma alguma. Ele era um maníaco por controle que gostava de intimidar as mulheres. Só porque ele era bonito e rico não o tornava o tipo de pessoa que uma mulher gostaria de ter por perto.

Rodriguez se levantou e ergueu o copo enquanto se levantava. Ele caminhou lentamente ao longo da mesa para ficar atrás dela.

Lily congelou, seus dedos apertando a haste do copo, com tanta força que ela temeu que o vidro se espatifasse. Ela estava pronta para seu próximo movimento, sabendo o que estava por vir enquanto queria negar com cada centímetro de sua alma. O que ela ia fazer? Fechar os olhos e fingir que não estava acontecendo? Homens como ele não queriam apenas ter uma mulher por perto para ficar bonita, eles queriam usá-las e abusar delas, e hoje Lily era essa mulher.

Seus dedos fizeram contato com o lado de seu pescoço, roçando suavemente para baixo em direção a sua clavícula. —Você tem uma garganta linda, querida. Sempre acreditei que a graciosidade de uma mulher tem tudo a ver com seu pescoço. É a parte mais atraente de uma mulher. O seu é perfeito, longo e delgado, como o de um cisne.

Lily reprimiu as réplicas que lutaram para sair de seus lábios. Ela não queria ser comparada a um maldito pássaro. Não importa ser referida como animal de estimação. Seu toque fez sua pele arrepiar, mas ela não podia lutar contra ele. Ela precisava que ele pensasse que ela se entregou a ele, para que ele permitisse um acesso mais livre à casa, para que ele confiasse nela o suficiente para lhe dar a oportunidade de escapar e levar Jess com ela.

Ele se inclinou, seu hálito quente contra sua pele, e sua boca pressionada contra o ponto entre seu ombro e garganta. Lily conteve um gemido, seu corpo ficou tenso.

—Isso não te agrada, querida?

Ela não precisava dizer nada. Seu corpo disse tudo.

Antes que ela soubesse o que estava acontecendo, ele a agarrou pelo braço e a puxou para fora da cadeira. Com a outra mão, ele afastou os talheres caros e a porcelana branca e a empurrou sobre a mesa. A taça de champanhe caiu de seus dedos, se espatifando no chão.

Ele a prendeu pela nuca, seus seios esmagados no topo da mesa, então ela estava curvada na cintura. Ela estava terrivelmente consciente da maneira como seu traseiro empurrava para fora, o material pegajoso do vestido varrendo suas curvas.

—Rodriguez... por favor...

Sua voz rosou acima dela. —Gosto da maneira como você diz meu nome.

A mão dele deixou seu pescoço e ela permaneceu na posição em que ele a colocou. Seu corpo tremia, antecipando o que viria a seguir. Embora ela não quisesse que fosse ele quem se elevasse sobre ela, ela sentiu o formigamento familiar em sua boceta enquanto esperava pelo tapa que ela sabia que viria. Parecia que não importava quem iria aplicar a punição, seu corpo ansiava por isso, no entanto.

Ela estava em um turbilhão, sua mente gritando que ela não queria este homem em qualquer lugar perto dela, e ainda assim seus mamilos se endureceram, roçando contra a toalha de mesa branca. No fundo de seu núcleo, ela latejava, ciente da presença masculina atrás dela. Ele se moveu para frente, então sua virilha pressionou contra seu traseiro, e ela sentiu sua dureza, dizendo que ele a queria. O champanhe havia nublado sua mente, deixando ela embaçada nas bordas. Parte dela só queria dormir, enquanto a outra parte ansiava pela liberação de um orgasmo, sabendo que o esquecimento seria muito mais profundo uma vez que ela cavalgasse suas ondas.

As mãos dele eram ásperas em suas coxas, empurrando seu vestido

mais para cima em suas pernas e nas costas, expondo seu traseiro. A calcinha que ela usava era aquela que ela tirou da cômoda do quarto, preta e rendada, apenas, como ela presumiu, Rodriguez gostava. Ele espalmou suas bochechas com as duas mãos, massageando e apertando sua carne firme, amassando e beliscando.

—Você vai ser uma boa menina para mim agora, não é, bichinho?
— Ele segurou o elástico de sua calcinha e torceu com força entre os dedos, puxando para cima de forma que o reforço da calcinha entrasse entre suas dobras.

Lily prendeu a respiração, o som algo entre um soluço e um gemido.

—Você já está molhada. Você pode pensar que não deveria estar gostando disso, mas seu corpo está lhe dizendo de forma diferente. Me dê mais alguns dias e eu a terei de joelhos, implorando para que foda você.

Ela queria dizer a ele para deixar ela em paz, mas de que adiantava? Ele pegaria o que quisesse, não importa o que ela fizesse ou dissesse.

Ele baixou sua calcinha, e em vez de puxá-la entre os lábios de sua boceta, ele a rolou para baixo até que estivessem na metade de suas coxas. Ele podia ver tudo dela agora, cada último detalhe íntimo. Ela sentiu seu corpo estremecer em resposta, seus músculos se contraindo.

—Então você gosta de áspero? Dor e violência ao invés de abraços e beijos.

Ela não queria responder, sabendo que nunca seria capaz de dar a resposta certa.

Rodriguez se inclinou sobre ela e pegou um dos pesados garfos de prata da mesa, e ela prendeu a respiração. O que ele estava fazendo?

Ele colocou o metal frio contra sua nádega direita e, em seguida, pressionou as pontas em de forma lenta. A sensação era mais pressão do que dor, mas quando ele passou os dentes por sua pele, a dor a

picou de uma forma que hipersensibilizou toda a área. Ela soltou um gemido, os dedos se agarrando ao material engomado da toalha de mesa.

Sua palma substituiu o metal afiado e ele alisou a área que acabara de arranhar, acalmando-a, antes de levantar a mão e derrubá-la com um golpe. Lily gritou, mas seu corpo reagiu, mais umidade escorrendo em suas coxas. Ela sentiu a velha necessidade subir dentro dela, o desejo de ser preenchida.

Rodriguez colocou os dentes do garfo contra sua nádega esquerda e repetiu o processo, raspando sua pele e terminando com um tapa. *Eu não o quero, eu não o quero.* Ela só queria que isso acabasse, mas seu desejo estava crescendo. Ele estava fazendo tudo certo, como se conhecesse seu corpo melhor do que ela. Ela não o queria dentro dela, sabendo o quão doente ela se sentiria depois, como ela nunca superaria o fato de que ela traiu Monster de tal forma, mas sua necessidade de orgasmo combinada com o álcool que ela bebeu a envolveu em seu domínio perverso.

—Oh, querida, se você pudesse se ver agora. Debruçada sobre uma mesa, com seu traseiro vermelho flamejante e sua boceta inchada, rosada e molhada.

Seus dedos a tocaram então, pressionando contra sua entrada. Lily choramingou novamente, não querendo pressioná-lo, ao mesmo tempo que queria ser preenchida. Então seus dedos desapareceram e o metal frio pressionou contra sua vagina. Ela congelou. Ele virou o garfo e agora estava usando a extremidade arredondada para deslizar para cima e para baixo em sua fenda.

Ela podia ouvir seu sorriso em sua voz. —Sim, acho que entendi perfeitamente com você. E isso me excita, querida. Uma coisa é foder uma mulher com força quando ela não está gostando, mas outra coisa é foder uma mulher que gosta de uma vida tão violenta quanto eu.

Quando o fim do garfo empurrou dentro dela, ela ouviu uma tosse.

Rodriguez deslizou o metal de seu corpo e se virou. —O que?

—Desculpe te interromper, chefe, — Lily reconheceu a voz de Marco. Ela conteve um soluço de alívio, mesmo que fosse apenas uma trégua temporária.

—O que é?

—Um veículo foi avistado subindo a pista a oeste da casa.

—Que tipo de veículo? — Ele perdeu a cabeça.

—Só um carro, chefe, mas ele parece saber exatamente para onde está indo.

—Caramba. — Ele deu um suspiro exasperado e se afastou dela. Lily não sabia se chorava de frustração ou alívio. —Cubra-se e volte para o seu quarto.

Ele estava confiando que ela iria pela casa sozinha? Quem estava no carro? Ela ousou torcer para que fosse Monster vindo para resgatar ela? Seu coração se apertou de medo por ele. Se fosse ele, eles já sabiam que ele estava vindo. Eles estariam prontos com armas, e do jeito que a propriedade estava posicionada, no meio do deserto, sem nada por quilômetros ao redor, não havia nada além do carro para ele se abrigar.

Lily puxou o vestido verde esmeralda de volta para baixo, suas bochechas quentes por causa da administração de Rodriguez e constrangimento por Marco ver ela assim. Mas em sua mente estava a ideia de que ela poderia andar sozinha pela casa e, ao fazer isso, poderia encontrar algo que ajudasse em sua situação.

Rodriguez olhou entre ela e Marco e seus olhos se estreitaram. Ele deve ter visto sua hesitação, talvez até mesmo lido seus pensamentos em seu rosto.

—Você não vai fazer o que mandam, vai? — Ele rosnou.

Ela acenou com a cabeça. —Sim, sim, estou indo agora.

—Marco, leve ela de volta. Certifique-se de que a porta esteja trancada e vá ao meu escritório imediatamente. Quero que cuide de quem está aqui.

Seu coração afundou quando Marco caminhou em sua direção e agarrou seu braço. Ele a puxou para perto de seu corpo, duro e inflexível. Pelo menos Rodriguez tinha algo de carismático sobre ele, mesmo sendo um misógino. Marco era apenas um filho da puta comum e antiquado.

Rodriguez saiu da sala e Marco puxou ela ainda mais para perto, de modo que o lado do corpo dela ficou pressionado contra o dele. Ele se inclinou e rosnou em seu ouvido. —Rodriguez molhou você, não molhou? Eu posso cheirar sua boceta daqui. O que está me impedindo de abrir suas pernas e enterrar minha língua nisso?

Lily se sentiu mal. —Rodriguez não quer que você me toque. Eu sou dele, lembre-se, — ela conseguiu irritar.

—Sim, e eu vejo exatamente o que você está fazendo, vadia. Tentando colocá-lo do seu lado para que você possa manipulá-lo. Todas vocês, vadias, pensam que podem conseguir o que querem com nada mais do que uma boca molhada e uma boceta apertada. Bem, estou atrás de você, puta. Vou garantir que ele veja o que você está fazendo.

—Ele não queria você no escritório? — Ela disse, tentando ser corajosa, embora as palavras dele fizessem seu sangue gelar. Homens como Rodriguez podem ser distorcidos por dentro, mas ainda assim conseguiram permanecer civilizados em sua maior parte. —Ele não ficará feliz se você não estiver lá.

Marco rosnou em sua frustração, e ela sabia que tinha vencido, no momento, de qualquer maneira, embora ela tivesse certeza de que ele encontraria uma maneira de retribuir em uma data posterior. Ela não sabia o que havia nela que feriu Marco tanto, mas ele não era o tipo de homem que deixaria as coisas caírem.

Ele a puxou para fora da sala, sua cabeça batendo em seu pescoço

com força suficiente para causar uma chicotada. Combinado com o álcool, o movimento fez com que a náusea a invadissem. Parte dela sentia que teria alguma satisfação em vomitar nos sapatos caros de Marco, mesmo que ele batesse nela depois.

Ele a empurrou pelo corredor, pela casa e de volta ao quarto dela. A porta estava fechada e ela presumiu que estava trancada. Ela rezou para que Jess estivesse segura atrás da porta trancada. Marco estendeu a mão com uma chave que ele deve ter escondido perto de sua pessoa, *eu poderia roubá-la de alguma forma sem que ele percebesse?* E destrancou a porta. Ele a empurrou para dentro do quarto, com força suficiente para fazer ela tropeçar, e ela caiu de joelhos, com a cabeça baixa.

Um movimento veio de um lado, e a porta se fechou novamente, trancando atrás dela.

—Oh, meu Deus, — disse Jess, que se ajoelhou ao lado dela, com a mão nas costas de Lily. —Você está bem?

Lily assentiu e ergueu a cabeça. —Estou bem.

—Eu sinto muito por ter deixado você lá. Eu sou uma covarde. Ele te machucou? Eu sinto muito. — Lágrimas encheram os olhos da garota, seu rosto cheio de remorso.

—Ele não me machucou, — Lily se forçou a dizer, embora suas nádegas ainda ardessem e ela estivesse escorregadia entre as coxas. Ela sabia que não podia contar a Jess a verdade sobre o que tinha acontecido. Ela estava muito envergonhada.

Jess se jogou em Lily, os braços em volta do pescoço, abraçando ela com força. —Oh! Graças a deus. Me senti péssima deixando você lá com ele. Você teria lutado por mim, mas eu não fiz nada.

Lily se desvencilhou dos braços de Jess. —Não se preocupe. Eu me viro sozinha.

—Então o que aconteceu? Por que Marco jogou você de volta no quarto daquele jeito?

—Um veículo foi avistado se aproximando da propriedade.

Seu rosto se iluminou de esperança. —Você acha que pode ser alguém aqui para nos ajudar?

—Não sei. Pode ser.

Ela não queria quebrar qualquer pequena quantidade de otimismo que Jess pudesse ter encontrado, não queria dizer a ela que ela estava, com pavor em seu coração, desejando o som de tiros retinindo pela casa.

Elas se sentaram juntas, esperando, os corações batendo forte com igual esperança e trepidação.



Monster

(Vinte e nove anos antes)



Embora fosse apenas um garotinho, Monster sabia que era estranho.

Ele viu isso nos olhos das pessoas que traziam suas refeições e ocasionalmente até brincavam com ele. Algo em seu rosto tornava difícil para eles olharem diretamente para ele, embora às vezes ele os pegasse olhando para ele, apenas para que rapidamente desviassem os olhos no momento em que pensassem que tinham sido pegos.

Seu pai não permitia nenhum espelho no quarto, mas ele foi capaz de tocar seu rosto. Ele poderia dizer que um lado parecia diferente do outro, a textura de sua pele se erguia ligeiramente, macia e inchada. Ele sabia que era diferente, mas incapaz de se ver, não sabia por quê.

Mas Monster não podia perder o que ele não sabia que existia. Ele não sabia que seu quarto estava vazio de espelhos porque ele nunca tinha visto um antes. Nada em seu quarto oferecia qualquer tipo de reflexo, até mesmo o metal das torneiras do banheiro estava polido até virar um esmalte fosco.

Sua comida era normalmente servida em tigelas ou pratos de plástico, com talheres de plástico para crianças com bordas arredondadas, para que ele não pudesse fazer mal a si mesmo ou a ninguém com eles, embora o pensamento ainda não tivesse ocorrido em sua mente jovem.

Naquele dia, alguém diferente devia estar trabalhando na cozinha, e ninguém mais percebeu o erro quando seu almoço foi trazido para

ele. Mas Monster viu. Seus olhos pousaram nele no momento em que seu almoço, algum tipo de sopa, com um pedaço de pão, foi trazido para ele.

Uma colher, uma colher grande de prata.

Seu coração bateu mais forte instantaneamente, uma onda de calor varrendo sobre ele. Ele deveria dizer algo? Ele queria, mas tinha medo das repercussões. Eles poderiam dizer a ele para parar de ser estúpido, que ele tinha idade suficiente para uma colher de adulto agora, mas porque ele questionaria, eles iriam levá-la embora. Seu pai poderia ouvi-lo falando com a mulher que trouxera sua sopa e bater nele por falar com um adulto sem permissão.

Tantos dilemas lhe passaram pela cabeça, que, quando chegou a se decidir, a mulher que lhe trouxera a refeição se virou e saiu do quarto, trancando ele com a colher proibida.

Ele hesitou, sentindo-se culpado por chegar perto disso, mas também estava com fome. Além de levantar a tigela e beber o conteúdo, outra coisa pela qual seu pai o puniria com prazer para melhorar as maneiras do menino à mesa, ele não tinha escolha a não ser usar os talheres.

Monster pegou a bandeja e se acomodou com as pernas cruzadas no chão. Ele rapidamente devorou o pão, algo que ele poderia comer sem seu estômago se contorcer de nervosismo por estar fazendo algo errado. Quando ele terminou, ele fez uma pausa e olhou para a colher.

Cautelosamente, ele estendeu a mão e a pegou. Era mais pesado do que ele esperava, pesado em sua mão pequena.

Ele avistou algo e seu coração disparou. Ele engoliu em seco, a boca repentinamente seca. Trazendo a colher para mais perto, ele percebeu que era capaz de ver algo na tigela curva. Estava distorcido e brilhante, a luz de cima brilhando contra o metal, tornando mais difícil de ver. Ele estreitou os olhos e moveu a colher para mais perto e mais longe novamente, com o braço esticado. Era ele? Sim mas não. Seu reflexo estava embaçado e de cabeça para baixo. Com o

coração na garganta, ele virou a colher e olhou na parte de trás.

Ele respirou fundo, os dedos apertados ao redor do cabo da colher.

Ele sabia agora por que seu pai o chamava de 'seu pequeno monstro.' Não era um termo afetuoso.

Ele ergueu os dedos, assim como a monstruosidade refletida nas costas da colher ergueu *seus* dedos e tocou a marca negra que cobria um lado de seu rosto. Seu olho esquerdo espiou na escuridão. Ele correu os dedos pela enorme mancha escura em sua pele, e a criatura refletida na parte de trás da colher começou a borrar enquanto seus olhos se enchiam de lágrimas.

Não admira que ninguém quisesse olhar para ele. Não admira que seu pai não quisesse deixar ele sair de seu quarto.

Com um grito de vergonha e repulsa, ele jogou a colher pelo quarto, fazendo-a cair no chão. Ele não se importava mais com qualquer punição que pudesse receber devido à posse do item. Ele deve ser punido. Ele mereceu.

Ele era um monstro.



Monster

(Dias atuais)



Monster percebeu vozes de algum lugar acima antes de qualquer coisa.

Ele flutuou na escuridão, um mar negro com um céu noturno infinito acima, mas sem nenhum sinal de estrelas. Algo era importante, incomodando-o, mas ele não tinha ideia do que era. Tudo o que ele queria fazer era continuar a flutuar, tão relaxado, sem preocupações no mundo.

Mas não, isso não estava certo. Algo o estava preocupando.

Vozes. As vozes.

Ele podia ouvir as pessoas conversando, mas não sabia de onde vinham as vozes.

Eles significavam algo, e ele deveria saber a quem pertenciam, mas sua mente não conseguia conectar as peças. Ele havia se esquecido de algo, mas seu desejo de continuar a flutuar, desimpedido, era mais forte do que sua necessidade de lembrar.

A risada veio do mesmo lugar acima dele.

Uma voz de homem. —Eu não posso acreditar que o filho da puta estúpido deixou...— E então sumiu.

O céu acima ficou mais claro e ele sentiu-se subir, mais perto da superfície. Algo na voz havia abalado sua paz, deixando ele inquieto.

O que era tão importante?

Ele sabia que não podia mais se permitir descansar aqui. Por mais que amasse o esquecimento, havia outra coisa que ele amava mais.

Alguém que ele amava mais...

Lily! Sua Flor!

Como ele poderia ter se esquecido dela?

Ele lutou para ir para cima, mentalmente batendo seus membros, mas ele ainda era mantido sob a escuridão que o rodeava. Ele sabia que precisava pegar Flor, mas não tinha certeza de como ou por quê. Ela corria algum tipo de perigo? E o que aconteceu com ele? Por que ele estava experimentando essa escuridão flutuante, incapaz de escapar?

Pense, ele desejou a si mesmo. *O que você lembra por último?*

O oposto de onde ele estava agora. Luz do sol forte, cegante. O brilho de uma faca afiada. Calor. Ele percebeu uma dor distante, uma pulsação em seu ombro. Ele foi esfaqueado? Não, não era isso, mas algo semelhante e, por algum motivo, tudo tinha a ver com a Lily.

Lily, Lily, Lily.

Onde ela estava? Ele estava sentindo falta dela, sentindo falta dela como se alguém tivesse aparecido e esculpido um pedaço de sua alma. Por que ele sentia tanto a falta dela? Onde ela estava?

Você a mandou de volta, uma vozinha falou em sua cabeça.

Sim, eu a mandei de volta. Porque eu faria isso?

Tudo voltou para ele em uma pressa, enviando o pânico disparado por ele. Ele mandou Lily de volta para a América, mas Rodriguez ainda a tinha levado. Ele a tinha agora, e era isso que Monster estava fazendo. Ele permitiu que a garota loira de sua infância injetasse nele algo para colocá-lo para dormir, e então ela o entregou a Rodriguez.

Sua mente se turvou de confusão.

Isso estava certo? A loira era mesmo real? Por que ele permitiria que uma criança injetasse algo nele? Mas então ele percebeu que seus pensamentos ainda estavam confusos. Ela era uma mulher adulta agora, uma mulher que se ofereceu a ele.

Sofia.

Ela era uma enfermeira agora. Ele permitiu que ela o nocauteasse para que pudesse colocar ele dentro das paredes da propriedade de Rodriguez. Essa era a parte importante. Lily estava aqui e ele precisava encontrar ela. Ele também precisava que Rodriguez acreditasse que estava em vantagem.

Ele tem, pensou Monster. *Agora ele tem a vantagem.* Não, Sean e Chapman estavam armados e fora das muralhas. Todos trabalhariam juntos para derrubar Rodriguez. Esse era o plano.

Mas, enquanto isso, ele ainda estava frustrantemente inconsciente e não sabia como escapar dos limites de seu próprio corpo.

Já fazia muito tempo. Ele se sentia como se tivesse estado neste estranho mundo flutuante por horas, talvez até dias. Sophia não disse a ele que a injeção era de curta duração? Claro, ele não tinha como saber quanto tempo realmente havia passado. Talvez ele realmente estivesse inconsciente por menos de uma hora? Esse tempo precisava acabar agora. Ele tinha coisas que precisava fazer, incluindo pegar Lily de volta para si.

Ele só precisava se libertar.



Treze



A porta se abriu e Lily ficou de pé, desesperada para ouvir notícias do que estava acontecendo fora do quarto. Jess permaneceu na cama, os joelhos apertados contra o peito. Estranhamente, Lily esperava por Rodriguez, e seu coração afundou quando Marco entrou, uma expressão presunçosa em seu rosto.

—O que está acontecendo? — Ela perguntou. —Quem estava no carro?

Ele riu. —Oh, você descobrirá em breve. Eu gostaria de poder dizer a você eu mesmo, mas Rodriguez iria arrancar minha cabeça por não permitir que ele tivesse o prazer de ver a expressão em seu rosto.

Um medo frio se instalou em seu coração. —O que você está falando? Apenas me diga!

Ele fez uma careta. —Não pense por um segundo que eu vou te dar o que você quiser. Eu não sou como Rodriguez. Por algum motivo, ele tem um fraquinho por você. Eu vejo o que você está fazendo, tentando manipular ele. Você balança os cílios e faz beicinho para ele, tentando fazê-lo se apaixonar por você. É isso que você fez com Merrick, você agiu como uma maldita princesa, então ele acabou querendo cuidar de você em vez de bater em você como a vadia que você é?

O sangue foi drenado de seu rosto. —Não tenho ideia do que você está falando.

Ele deu um passo mais perto, seus ombros retos, deliberadamente tentando intimidar ela. —Não? Eu vi a maneira como você olha para Rodriguez, toda com olhos de corça e inocentes. Eu não sou um idiota.

Eu sei que não é quem você realmente é. Você é uma prostituta conivente que pensa que pode conseguir o que quer. Bem, me deixe te dizer, princesa, isso não funciona comigo.

—Eu não estou tentando...

O golpe veio do nada, batendo em sua bochecha e balançando a cabeça para trás em seu pescoço. A dor explodiu em sua bochecha, as ondas de choque pulsando atrás de seu olho. Ela nem teve tempo de se recuperar quando um segundo golpe, desta vez com o punho cerrado em vez de com a mão aberta, acertou sua têmpora do outro lado do rosto.

Desta vez, Lily não conseguiu ficar de pé. Ela voou para trás e bateu contra o chão, cada osso de seu corpo estremecendo. Sua perda de peso recente significava que ela era pouco mais que um saco de ossos quebradiços, e ela sentiu cada ponta afiada e cada ângulo espetado no chão. Ela soltou um grito e tentou rolar para longe, mas de repente ele estava de pé sobre ela, seus olhos escuros tão negros como a noite, um brilho perverso de dentes brilhando para ela. Mesmo que todas as partes de seu corpo doessem, Lily se virou para tentar fugir, mas ele levantou um pé e pisou em sua parte inferior das costas. A agonia explodiu em sua coluna e rins, e instintivamente ela se enrolou para tentar proteger o resto de seu corpo.

—Eu acho que você precisa aprender uma lição. Vou te foder com tanta força que você vai sangrar, mas se ousar dizer uma única palavra sobre isso para o Rodriguez, voltarei e farei o mesmo com aquela sua amiga ratinha.

—Por favor, — ela conseguiu coaxar. —Apenas me deixe em paz.

—E por que eu faria isso?

—Porque Rodriguez saberá. Não vou precisar dizer nada. Ele verá o estado do meu corpo e saberá exatamente o que você fez.

—Ele não verá seu corpo tão cedo quando eu terminar com você. Eu vi como ele está olhando para você, como se você fosse uma

bonequinha preciosa que ele precisa proteger. Não sei por que todo mundo pensa que você é tão especial. Você é apenas uma vadia arrogante que se acha melhor do que todo mundo. Você precisa ser derrubada uma ou duas estacas.

Pelo olhar dele, Lily não achava que iria falar para sair dessa situação. Ele puxou o cinto de sua calça jeans, e ela podia ver o cume de sua ereção sob o material. Ver uma mulher espancada e deitada no chão era obviamente algo que mexeu com Marco. Ela soltou um gemido de repulsa quando ele abaixou o zíper e libertou seu pau. Ele balançou na frente dele, a pele mais escura do que o resto de seu tom oliva, e ele passou os dedos ao redor de sua circunferência e deu em sua ereção algumas carícias.

—Você pode estar lutando agora, — disse ele, —mas vai gritar mais uma vez quando eu começar a te foder. Eu ainda não tive uma garota que não amasse meu pau.

—Vai se foder, — ela gritou.

—Não, querida. Eu vou te foder.

Ela tentou se afastar novamente, mas ele se abaixou e a pegou pelo tornozelo, puxando ela de volta pelo chão em sua direção. Ele se ajoelhou e levantou a saia do vestido dela, afastando seus pés enquanto ela tentava chutar ele. Seus pés descalços não tiveram nenhum impacto sobre ele.

—Deixe ela em paz, — gritou Jess da cama.

Sua cabeça disparou para focar seus olhos na outra mulher. —Cale a boca ou você será a próxima.

A garota se encolheu, mas Lily estava grata pelo pouco de apoio que ela tentou dar. Lily sabia que deve ter levado alguma coragem para ela falar.

Mesmo enquanto ela lutava, ele agarrou sua calcinha e puxou para o lado. Os dedos dele se enfiaram entre suas coxas, cutucando com força sua boceta enquanto ela tentava prender as pernas juntas.

—Porra, você está seca como um osso, — ele rosnou. —Você fica molhada pelo Rodriguez, mas não por mim, hein? Você não gosta disso agora? Eu vi o que Rodriguez estava fazendo com você antes. Eu sei que você gosta disso, fodida pervertida. — Ele puxou a mão e cuspiu nos dedos.

Lily deu um soluço de desespero. Era isso. Ela só teria que fechar os olhos e fazer o que Jess tinha feito antes, e levar sua mente para outro lugar. A outra garota havia saído da cama e se encolhido no canto do quarto. Ela não estava recebendo nenhuma ajuda de lá, embora Lily não a culpasse. Jess deve estar com medo de que ela seja a próxima.

A mão de Marco alcançou entre suas coxas novamente. Seus dedos frios, molhados com sua saliva, empurraram entre suas dobras e empurraram com força dentro dela. Lily empacou, a repulsa crescendo dentro dela, sua mente ameaçando desligar e bloquear o que estava acontecendo. Se ela fizesse isso, ela simplesmente ficaria aqui e o deixaria estuprar ela. Ela não suportaria que isso acontecesse. Em um último ato de desespero, ela olhou ao redor, tentando localizar algo ao alcance que ela pudesse usar como arma, mas eles tiveram o cuidado de não deixar nada quando trancaram as mulheres, tudo o que tinham era a mobília e as tigelas de plástico de onde comeram as últimas refeições, uma das quais havia caído da cômoda e estava largada de lado no chão. Ela precisava lutar, mesmo que isso a machucasse ou até mesmo matasse. Ela não iria apenas ficar aqui e deixar Marco fazer o que ele quisesse com ela.

Com uma estocada que tirou toda a força que tinha, ela alcançou a tigela suja, seus dedos agarrando a borda. Ela puxou a tigela para um aperto mais seguro, mesmo quando os dedos dele empurraram áspero e brutal dentro dela, e balançou a tigela com tanta força quanto ela podia reunir. A tigela bateu contra sua têmpora, jogando ele para o lado. O toque dele desapareceu de sua vagina e Lily pressionou suas coxas juntas, girando sobre as mãos e pés para tentar rastejar para longe, seu coração batendo contra o interior de sua caixa torácica. Embora fosse apenas de plástico, a tigela tinha feito algum

dano, e o sangue escorreu pelo lado do rosto de Marco, de onde o atingiu. Ele olhou para ela com fúria cega, seu lábio superior enrolado em um grunhido. Era isso. Ele a mataria agora, ela tinha certeza disso. Mas talvez ela pelo menos escapasse dele estuprar ela. Talvez ele fizesse isso quando ela estivesse morta, mas ela não se importou. Pelo menos então ela não seria capaz de sentir ele dentro dela.

Marco cambaleou para ficar de pé, segurando o lado da cabeça onde ela o havia atingido. O sangue escorria de seus dedos, escorrendo pelas costas da mão e pingando no chão.

Lily ouviu Jess choramingar e seu coração afundou. Ela odiava estar abandonando Jess quando fosse morta. Mesmo que morrer não fosse sua escolha, ela ainda se sentia responsável pela garota. Ela esperava que Marco deixasse Jess em paz quando ela partisse, mas ela duvidava.

Lily continuou a engatinhar, mas ele caminhou em sua direção. — Sua vadia de merda. Olha o que você fez na minha cara.

Ela não tinha para onde ir, e ela usou sua última oportunidade para lutar. Tudo que ela tinha deixado agora era sua mente e sua boca. Embora ela odiasse a ideia de que ele a tocasse novamente, ela se virou para encarar ele. — Como é que você pode fazer o que quiser com a gente e, no entanto, se tentarmos nos defender, seremos chamadas de vadias?

Ele franziu a testa, perplexo por ela ter se incomodado em tentar falar. — O que? Podemos fazer o que quisermos porque somos donos de você, *vadia*!

Ela balançou a cabeça. — Não, você não é. Você nunca vai me possuir. Você não é melhor do que um estuprador comum que espera nos arbustos que alguma garota vulnerável passe. Você é patético.

Seu rosto ficou vermelho de fúria e ele puxou o pé para trás e o deixou voar. A bota dele a atingiu na parte inferior das costas, quase no mesmo lugar que ele pisou nela antes, e uma nova dor desceu por

suas pernas. Lily soltou um grito.

Atrás de Marco, a porta se abriu.

Rodriguez estava na porta, sua expressão tão escura e tumultuada como um trovão. —O que diabos está acontecendo aqui?

Marco se virou para seu chefe. —Ela precisava de uma lição sobre respeito.

—O que você fez com ela?

—Nada.

Lily estava enrolada em uma bola, tremendo de dor.

—Ele tentou estuprar ela! — Gritou a vizinha de Jess.

Rodriguez se voltou para Marco. —Você fez o que?

—Ela está mentindo! — Ele disse, o pânico levantando o tom de sua voz. —Elas são apenas um bando de putinhas.

Os olhos de Rodriguez pousaram de volta em Lily, em como sua saia estava dobrada sobre as coxas, os hematomas florescendo onde os dedos de Marco haviam cravado em sua pele. Sua mandíbula se apertou, seus lábios se curvando enquanto ele reorientava sua atenção para o outro homem. Marco ergueu as mãos em defesa e balançou a cabeça.

—Ela está mentindo, chefe. Ambas estão brincando com você.

Rodriguez deu um passo à frente e agarrou Marco pela garganta, jogando ele contra a parede atrás dele. Marco tentou empurrar ele para trás, mas ele não era forte o suficiente para lutar contra o homem mais dominador.

Lily se encolheu, não querendo se machucar novamente entre os dois homens brigando. Então ela percebeu o que ela não tinha antes. A porta ainda estava aberta.

—Vá Jess, — ela assobiou. —Corre!

A garota olhou para a porta aberta e depois de volta para Lily. Lágrimas encheram seus olhos. —Eu não posso deixar você.

—Sim você pode. Obtenha ajuda. Vá agora!

Jess ficou de pé com dificuldade e correu, descalça, para a porta.

Os dois homens ainda estavam lutando, e Lily tentou ficar de quatro, mas era como se alguém tivesse cortado os tendões de seus membros, e ela não conseguia fazer com que eles se coordenassem corretamente. Seu corpo latejava de dor, mas ela se consolou com a sensação. Se ela sentiu algo, significava que Marco não tinha danificado permanentemente sua coluna ao pisar nela. Ele definitivamente causou algum dano, mas ela não estava paralisada.

Jess lançou seu último olhar, antes de deslizar ao redor da borda do quarto, para que os homens não notassem, e mergulhar para fora da porta. A última coisa que Lily viu foram as solas de seus pés descalços enquanto corria pelo corredor.

Ela sobreviveria? Lily não sabia. Ela esperava que sim, mas tudo era contra a outra garota chegar a um lugar seguro ou procurar ajuda. Jess tinha passado por muita coisa e Lily não sabia se tinha coragem de atravessar o deserto para encontrar ajuda. Talvez ela morresse tentando. Lily não pôde evitar pensar que morrer tentando seria um destino melhor do que morrer aqui sem esperança.

—Não vou chegar perto dela de novo, chefe. Eu juro para você. — Marco ainda estava defendendo seu caso.

—Se você fizer isso, vou cortar suas duas mãos, — disse ele. — Não me teste. Seus membros devem valer mais para você do que um pouco de boceta.

—Sinto muito, chefe. Eu não queria fazer nada parecido. Eu te disse, só estava tentando ensinar a ela um pouco de respeito.

—Me parece que a única pessoa que precisa aprender a ter respeito é você.

Marco olhou para o chão e acenou com a cabeça.

Rodriguez o deixou ir. —Você está bem, bichinho? — Ele perguntou a ela.

Lily conseguiu acenar com a cabeça.

Então ele olhou ao redor do resto do quarto e seus olhos se estreitaram. —Onde diabos está o outro?

Marco olhou em volta. —Merda.

—Vá atrás dela! Ela não pode ter ido longe. E tranque a porta no meu animal de estimação.

Os dois homens saíram correndo do quarto. A porta se fechou atrás deles e ela ouviu o clique da fechadura no lugar. Com um gemido, Lily se encolheu e deixou as lágrimas rolarem. Ela colocou os braços em volta do corpo e se abraçou para se consolar. Ela desejou que Monster estivesse ali para puxar ela para um abraço, para beijar sua cabeça e dizer a ela que tudo ia ficar bem. Mas ela não sabia que ia ficar tudo bem. Ela estava se agarrando à esperança, mas depois do que acabara de acontecer, a escuridão da depressão ameaçou inundá-la e afogá-la. Ela esperava que Jess saísse em segurança. Mesmo que a outra mulher não voltasse para buscá-la ou trouxesse qualquer ajuda, Lily pelo menos se sentiria confortável em sua segurança.

Exceto que você nunca saberá, uma voz perversa sussurrou em sua cabeça. Você nunca saberá se ela conseguiu escapar ou se eles já a pegaram, mataram e jogaram seu corpo em algum lugar.

Ela tinha certeza de que Marco seria o único que o faria.

Lily se sentiu suja, a memória de seus dedos frios dentro dela fazendo ela enjoar. A pior parte era o indício entre suas coxas, como, mesmo enquanto ela odiava o toque dele com cada parte de sua alma, seu corpo ainda reagiu à intrusão, lubrificando o caminho.

De repente, ela percebeu que estava prestes a perder o conteúdo de seu estômago. Sabendo que nunca iria chegar ao banheiro a tempo,

ela se encostou no canto ao lado da parede e de uma cômoda e vomitou a comida que havia comido, junto com a bile amarela de seu estômago. Sua garganta queimou, seus olhos lacrimejando. Cada parte dela doía, e ficar doente apenas causou uma nova dor em suas costas. Ela nunca se sentiu tão fraca e patética, mesmo quando ela foi segurada por Monster nos primeiros dias. Ela estava fraca, trêmula e impossivelmente vulnerável. Ela queria Monster como uma criança pequena querendo sua mãe, como se de alguma forma a presença dela fizesse tudo ficar bem novamente.

Mas não estava bem. Algo havia acontecido com a chegada do carro e, embora ainda não tivessem contado o que era, ela teve a terrível sensação de que descobriria em breve.



Monster

(Dias atuais)



A escuridão havia começado a recuar, e Monster parecia mais perto da superfície agora. A memória do que havia acontecido havia voltado por completo para ele, mas ele ainda não conseguia acordar. Ele precisava estar alerta, odiando se sentir totalmente indefeso enquanto seu inimigo ficava parado perto dele, rindo.

As vozes novamente, conversando, humor frio em seu tom. Um homem e uma mulher, pelo menos, possivelmente mais. A mulher era Sophia? Ela parecia relaxada, feliz, até. Isso tudo fazia parte do plano, para Rodriguez confiar nela? Ele não confiaria nela se ela estivesse nervosa e agindo de forma suspeita.

Monster precisava abrir os olhos. Sua arma estava amarrada ao tornozelo e tudo o que ele precisava fazer era se sentar e agarrá-la. Ele poderia dizer que Rodriguez estava perto. Monster precisava alcançar a arma antes que Rodriguez o fizesse e atirar no filho da puta. Mas ele ainda não estava em total controle de seu corpo, não tinha certeza se podia sentir suas pernas. Sophia havia dito a ele para esperar seu tempo enquanto ele passava por esse processo de recuperação da consciência. Ele precisava ter certeza de não reagir muito cedo, quando não estivesse pronto, ou estragaria todo o plano.

A voz de um homem veio novamente acima dele. —Ele ainda não acordou? Quanto sedativo você deu ao filho da puta?

Então a voz da mulher, pega no meio da frase. —... dolorosamente fácil. Você pensaria que ele teria sérios problemas de confiança depois do que seu pai fez com ele, mas a frase sobre doces e bebês vem à

mente.

Riso masculino.

A inquietação girou dentro das entranhas de Monster. Ele não gostou desse plano desde o início, e agora ele estava no meio dele, apenas esperando, ele gostou ainda menos. Ele achou que deveria estar grato por Rodriguez ainda não o ter matado. Há quanto tempo ele estava deitado aqui agora? Pareciam dias...

O braço direito de Monster estremeceu involuntariamente. O pânico cresceu dentro dele, mas então ele se lembrou do que Sophia havia lhe contado, que isso aconteceria, e que ela avisaria Rodriguez sobre isso também. O movimento significava que ele estava rastejando para mais perto da superfície, entretanto? Ele queria tentar abrir os olhos, mas não queria agir tão cedo. Se ele apenas conseguisse fazer suas pálpebras tremerem, mas ainda não conseguisse se mover, ele teria perdido a vantagem da surpresa.

Ele se sentiu ficando mais forte, sua conexão com o ambiente se solidificando. Onde antes as outras pessoas na sala sentiam como se fossem fantasmas, e ele só ouvira fragmentos de sua conversa, agora tudo estava mais claro. Ele ficou tenso ao entender o que as pessoas ao seu redor estavam dizendo...

—Enviei Marco para explorar o terreno. Ele não pode ser confiável perto dela. Claro, eu entendo o que ele acha tão irresistível, mas não posso permitir que um dos meus homens tome liberdades como essa.

A mulher falou e desta vez ele reconheceu a voz como pertencente a Sophia. —Estou interessada em conhecer esta mulher. Ela deve ser uma beleza rara para ter todos vocês, homens, arriscando suas vidas só para poder entrar em sua calcinha. — Seu tom era sarcástico e uma onda de preocupação tomou conta de Monster.

—Ela é linda, sim, mas não é só isso. Ela tem algo sobre ela, uma vulnerabilidade, mas força também. Não estou feliz com o que Marco fez com seu rosto, mas de alguma forma, mesmo vendo ela espancada e machucada ainda me dá vontade de possuí-la. — Ele fez uma pausa

e disse. —Sim, é isso. Acho que é a combinação de querer protegê-la, lutar com ela e transar com ela, tudo ao mesmo tempo, que a torna tão sedutora.

Sophia bufou. —Ela ainda é apenas uma mulher.

Monster abriu os olhos de repente e se lançou para cima, sentando-se para estender a mão para baixo e agarrar a arma presa ao tornozelo. O mundo girou em um círculo vertiginoso com o movimento repentino e a náusea o dominou, mas seus dedos pousaram onde deveriam, no coldre.

Estava vazio.

Mais confusão tomou conta dele. Ele pegou a perna errada? Ele amarrou a arma na outra? Mas não, o coldre ainda estava lá. Com horror, a verdade desceu para ele. A arma estava faltando.

Seu estômago despencou.

Uma risada soou e ele fechou os olhos com força e os abriu novamente, absorvendo o resto da sala.

Rodriguez estava na frente dele, Sophia ao seu lado. Ele parecia estar sentado na superfície de uma grande mesa de mogno, que ele presumiu que tinha sido colocada enquanto estava inconsciente. Algumas outras pessoas também estavam na sala, mas Monster não arriscou tirar os olhos de Rodriguez para avaliá-los.

—Procurando por isso? — Rodriguez disse, segurando a arma.

Ele não podia mentir.

—Sim, — disse ele, sua voz um coaxar. —Eu estava.

Sua boca já estava seca pelos efeitos colaterais das drogas, sua cabeça latejando. Eles devem tê-lo revistado quando Sophia o trouxe e encontrou a arma. Não significava o fim, apenas significava que ele precisava tentar outra coisa. Monster olhou para Sophia, esperando que ela desse a ele algum tipo de sinal sobre qual seria o próximo passo, mas ela apenas ficou ao lado de Rodriguez, uma expressão

estranha no rosto. Ela parecia... presunçosa.

Essa expressão o preocupou ainda mais do que a arma perdida. O que estava acontecendo?

—Bem-vindo à casa dos Rodriguez, Merrick, — disse Rodriguez, passando o braço em volta dele. —Eu preferia que não tivéssemos nos encontrado nessas circunstâncias, mas que assim seja. Sophia tem me contado tudo sobre como você planejava invadir, me matar e roubar a mulher que agora é minha.

O olhar do Monster disparou para Sophia em confusão.

Ela encolheu os ombros. —Oh, e ele matou Andres lá em casa, também. Tentei impedir ele, mas não havia nada que eu pudesse fazer.

Os lábios de Rodriguez se estreitaram. Ele olhou para Merrick. —É assim que você me agradece? Eu peço a um dos meus homens para levá-la a algum lugar onde seu ferimento à bala seja tratado, e você me recompensa matando ele? Eu poderia ter deixado você para morrer, aquele ferimento nem foi causado pelas minhas mãos mas, em vez disso, cuido de você, e agora você está aqui para me matar?

Os olhos do Monster se voltaram para Sophia, e a compreensão caiu sobre ele como um saco de ossos. —Você me traiu? Você contou tudo a ele?

Ela riu. —Você não achou que algumas ocasiões em que passei em sua companhia quando éramos crianças mudariam minha afiliação com a família que me acolheu e me criou como sua? Eles nos salvaram depois que seu pai pervertido nos expulsou. Se esta mulher que você está aqui para reclamar está com Rodriguez agora, aposto que ela está em um lugar muito melhor do que quando estava com você.

Qualquer indício de afeto ou sentimento que ele tinha nutrido durante todos esses anos desmoronou como um castelo de areia atingido por uma onda forte. Ele não podia acreditar que tinha sido tão estúpido a ponto de pensar que ela o teria ajudado. Por que ele não questionou o fato de que ela estava morando na casa,

desprotegida, que ela não queria que ele matasse o outro homem que trabalhava para Rodriguez? Ele sempre se orgulhou de ser cabeça fria e implacável, e ainda assim ele permitiu que algumas memórias e um par de lindos olhos azuis estragassem a única coisa que ele tinha a seu favor.

Sophia continuou. —Rodriguez e eu crescemos lado a lado. Nós nos casamos por alguns anos, mas nunca daria certo. Como tenho certeza de que te disse, ele gostava muito de foder outras mulheres e, para ser sincera, sempre tivemos um relacionamento estranho. Depois de crescermos juntos, nos sentimos mais como irmão e irmã do que qualquer outra coisa.

Rodriguez colocou o braço em volta do ombro de Sophia. Sua escuridão para sua luz doce. —Você é a melhor irmãzinha que já tive, — disse ele com um sorriso. Ele a puxou e beijou-a na boca, forte e com propriedade. Monster avistou a língua de Rodriguez empurrando entre seus lábios. A visão agitou seu estômago. E pensar que ele confiava nela. Que idiota ele tinha sido.

—E agora? — Ele disse, a sensação voltando para suas pernas com uma onda de agulhas e alfinetes. —Você vai me matar?

Rodriguez encolheu os ombros. —Provavelmente sim. Esperava que pudéssemos continuar a fazer negócios, Merrick, que você aceitasse a perda da mulher como um pagamento normal de negócios, mas parece que não é o caso. Então agora eu tenho que acabar com você, mas acho que posso me divertir um pouco primeiro.

—Vai se foder, Rodriguez, — ele rosnou.

—Você não quis dizer isso, tenho certeza. Isso significa que você não quer ver a mulher pela qual você lutou tanto para chegar aqui?

Seu coração se ergueu. Lily? Rodriguez realmente iria deixá-lo ver ela? Certamente ele não tornaria isso tão fácil? —Você a machucou? — Foi a única coisa que ele conseguiu pensar, que ela estava gravemente ferida. Rodriguez sabia que iria destruí-lo ver se Lily foi espancada e estuprada. Apenas o pensamento o fez querer se rasgar

em um milhão de pedaços e explodir em uma raiva de ódio e fúria.

—Machucar? Não, eu não a machuquei. Quer dizer, ela pode ter sofrido algumas pancadas por sua desobediência, e temo que um dos meus homens a pegou quando eu não estava prestando atenção e bateu nela um pouco, mas ela ainda está inteira.

Monster cerrou os dentes com a ideia de alguém batendo nela. Ele não esperava menos, mas ouvir isso em voz alta ainda o machucava de uma forma doentiamente dolorosa. Ainda assim, ele estava desesperado para ver ela. Se o rosto de Lily fosse a última coisa que ele visse neste mundo, ele morreria feliz.

—Eu tenho gostado da companhia dela, no entanto, — Rodriguez continuou. —Talvez não tanto quanto eu gostaria, mas eu provei sua doce boceta e estou ansioso por mais.

Monster soltou um grunhido, seus punhos cerrados. Ele se lançou sobre o mogno brilhante na direção de Rodriguez, mas o flash de vários canos de arma o fez parar. Alguns dos homens de Rodriguez, incluindo o próprio Rodriguez, agora apontavam armas diretamente para sua cabeça. Embora a ideia de Rodriguez tocar Lily intimamente o fizesse sentir raiva, chorar e quebrar coisas, ele não seria capaz de fazer nada se estivesse morto.

O que Rodriguez disse voltou à mente de Monster. *Provou... não tanto quanto ele gostaria.* Se ele já a tivesse fodido, não teria dito? Ele não teria gostado de esfregar isso na cara do Monster? Mesmo que ele odiasse a ideia de Rodriguez tocar ela, ele rezou para que ela de alguma forma conseguisse evitar ser estuprada por Rodriguez e seus homens.

—Ela sabe que estou aqui? — Ele perguntou com os dentes cerrados.

—Ainda não, mas ela vai. A pequena cadela com quem ela foi trazida conseguiu escapar de nossa rede, embora ela deva estar no terreno, e assim a encontraremos. Lily está trancada até que sua amiga apareça.

Amiga? A amiga que ele se referia era a mesma que eles resgataram do avião? Ele procurou sua memória pelo nome dela. Jessica, ele tinha certeza. Como ela conseguiu escapar?

Monster tinha uma esperança restante, e ela veio na forma de Sean e Chapman. Os dois homens já haviam tentado entrar na propriedade e foram capturados ou mortos pelos homens de Rodriguez? Ele estava frustrado com sua falta de conhecimento sobre quanto tempo havia passado. Eles precisariam de um pouco mais de tempo para organizar tudo, um tempo do qual Sophia não teria conhecimento, mas ele ficou surpreso que nem Sophia nem Rodriguez tivessem mencionado os dois homens ainda. Sophia deve ter contado a Rodriguez todo o plano, ou pelo menos o que ela sabia sobre ele.

Ele rezou para que eles ainda estivessem vivos e que fossem capazes de realizar o que o Monster havia planejado.



Quatorze



Lily conseguiu chegar ao banheiro para passar uma das toalhas sob a torneira fria e pressionar a compressa caseira sobre o pior de seus ferimentos, sua bochecha, que estava inchada e tão dolorida que ela se perguntou se estava fraturada, e a dor nas costas dela, onde ela foi chutada. O efeito de resfriamento da toalha molhada ajudou um pouco, mas ela teria dado qualquer coisa por algum analgésico.

Jess ainda não havia sido trazida de volta. Lily se preocupou com o que aconteceria com ela quando os homens a pegassem, o que certamente aconteceria. Lily achava que Jess não tinha coragem de ir além das paredes da casa, e o máximo que ela podia esperar era que a garota tivesse encontrado um lugar para se esconder. Pelo que ela pôde perceber pelo pouco que viu, a propriedade parecia grande o suficiente para se perder nela, então ela esperava que Jess tivesse conseguido se esconder em um pequeno recanto. Ela orou com toda a sua alma para que Jess estivesse bem, mas ao mesmo tempo ela sentia falta da outra mulher. Lily se sentia totalmente sozinha agora, atormentada por seus pensamentos e medos. Pelo menos quando ela teve Jess para focar sua atenção, ela não teve muito tempo para se preocupar consigo mesma.

Embora Lily ainda odiasse Rodriguez com cada pedaço de seu coração, ela ficou aliviada por ele ter entrado quando o fez. A ideia de ser estuprada por Marco por algum motivo parecia ainda pior do que quando Rodriguez colocou as mãos sobre ela. Rodriguez pelo menos tentou a sedução, enquanto Marco teria apenas pegado o que queria pela violência, e não do tipo sexy com promessa de prazer no final. O dele era brutal e imperdoável, o tipo que não tinha nenhum desejo

real pela mulher, mas era tudo sobre controle e intimidação.

O som de movimento veio na porta, o tilintar de chaves e, em seguida, a porta destrancada. Lily congelou, seus olhos se enchendo de lágrimas. Ela não achava que seria capaz de lidar com outro encontro com Marco. Sua força só foi até certo ponto, e agora ela estava à beira do precipício. Se alguém simplesmente soprasse sobre ela da direção errada, ela tombaria para o lado.

Ainda sentada no chão do banheiro, ela se inclinou ligeiramente, espiando por trás do batente da porta para ver quem havia entrado no quarto. Um homem que ela não reconheceu estava parado, carrancudo, na porta, as mãos na cintura enquanto a procurava. Ele a avistou e caminhou até ela.

Lily se encolheu, as mãos postas à sua frente.

—Você vem comigo, — disse o homem, estendendo a mão para ela.

—Não, me deixe sozinha. — Ela se arrastou para se apoiar no pedestal da pia, como se pudesse se abrigar sob a dura borda branca. —O que você quer?

—Eu já te disse, você precisa vir comigo. Há uma surpresa esperando por você.

Ela presumiu que a surpresa não seria boa. Sua mente correu com possibilidades. Eles pegaram Jess? Isso seria o início de um novo tipo de punição? Eles a tinham assassinado e agora estavam levando Lily para mostrar o corpo a ela? Ou isso tinha algo a ver com o carro que havia sido avistado antes?

Mas não, muito tempo havia se passado desde então. Ela tinha certeza de que era sobre Jess.

O homem se elevou sobre ela, fazendo-a se sentir pequena e sem substância, antes de se inclinar e agarrar ela pelo braço e colocá-la de pé. A dor subiu por sua espinha e ela deu um gemido, se agarrando ao local onde Marco a havia chutado.

Apesar de seu desconforto, Lily se puxou para trás contra ele. — Me solte!

Ele a puxou para frente, quase a tirando do chão. — Pare de brincar. Você vai me causar problemas.

— Bom! Bem feito por você trabalhar para aquele filho da puta de qualquer maneira.

O homem a sacudiu como se ela fosse um cachorrinho travesso. — Cale a boca, antes que eu feche para você

Ela não queria chorar, para mostrar qualquer tipo de fraqueza, mas ainda assim um soluço explodiu de seus lábios quando ele a empurrou para fora do banheiro e em direção à porta aberta. Ela se viu sendo empurrada para fora do quarto e pelo corredor. Ela lutou contra o que estava sendo empurrada porque estava com medo do que veria. A ideia de encontrar Jess gravemente ferida, ou provavelmente morta, seria muito mais do que aquela rajada de ar que ela estava se preocupando em empurrá-la para o precipício. Seria um empurrão com as duas mãos a jogando dentro de um penhasco.

Ela reconheceu os corredores agora, a direção em que ele a estava levando. Estava de volta à sala de jantar, onde foram levadas pela primeira vez para servir aos homens. Isso não era um bom presságio, e sua convicção de que isso tinha algo a ver com Jess se aprofundou. Ela arrastou os pés, querendo atrasar o momento, mas todo o seu corpo doía, sua bochecha latejando tanto que parecia que toda a sua cabeça tinha algum tipo de farol pulsante dentro de seu crânio que estava ameaçando implodir. Mas o homem a empurrou pelos corredores largos e brancos, e ela não teve mais forças para lutar. Qual era o objetivo, afinal? Eles venceriam no final.

Ela foi empurrada pelo corredor, em direção à porta aberta da sala de jantar. O homem a empurrou e ela encontrou as costas largas de três homens, e o corpo mais esguio de uma mulher. *Jess*, ela pensou instantaneamente, mas então percebeu que não era. O cabelo da outra mulher era muito longo, macio, ondas douradas descendo por suas

costas, e seus quadris eram muito mais curvilíneos do que o corpo estreito de Jess. Além disso, ela estava, lado a lado, com Rodriguez, se inclinando ligeiramente para ele com uma intimidade que ela sabia que Jess nunca iria exibir.

Obviamente ouvindo os passos de trás, as cabeças se viraram para olhar para ela quando ela foi forçada a entrar na sala. Havia outro homem que ela não conhecia, que parecia militar, semelhante ao que a trouxera de seu quarto e depois o homem mais jovem que estava à mesa no primeiro dia, além de Rodriguez. A mulher se virou para ela também, e o olhar em seus olhos fez as entranhas de Lily estremecerem de uma forma que a contemplação dos homens nunca fez. Lily sempre soube exatamente o que os homens queriam, eles eram fáceis de descobrir, mas essa mulher estava olhando para ela como se Lily fosse a única que precisava ser resolvida. Embora ela fosse incrivelmente bonita, com grandes olhos azuis emoldurados por cílios grossos um par de tons mais escuros que seu cabelo, pele cremosa e lábios carnudos, havia uma dureza em suas feições, e seus olhos permaneceram frios como gelo glacial. Mas ela sorriu para Lily, seus lábios pressionados juntos, suas bochechas arredondadas, mas a expressão nunca alcançou alta o suficiente para filtrar através de seus olhos.

Ela sabe de alguma coisa, pensou Lily, espinhos de medo correndo por sua nuca. Sua visão da sala além, e a mesa onde todos os homens se sentaram quando as mulheres foram forçadas a servi-los ainda estava bloqueada pelos homens, e Lily sabia que o que havia além era algo que ela não iria querer ver. Jess estaria estuprada e morta na superfície de madeira polida? Seus pensamentos se voltaram para a loira, como outra mulher poderia estar envolvida em algo assim?

Mas então os homens se separaram, revelando o conjunto de jantar. A cadeira no final da mesa não estava vazia, e os olhos de Lily se arregalaram em choque e surpresa.

Sentado, com as mãos amarradas atrás das costas, estava Monster.



Quinze



Lily não queria acreditar em seus olhos.

Embora ela desejasse a cada momento dos últimos dias ser capaz de ver Monster, agora que ele estava aqui, ela desejou que ele estivesse em qualquer outro lugar. A cabeça dele estava baixa, e ela pensou que ele deveria estar inconsciente, mas como se ele a sentisse parada diante dele, ele lentamente ergueu a cabeça e olhou para ela. Seu ombro tinha sangrado pela jaqueta que ele vestia, e um de seus olhos estava inchado e enegrecido onde alguém deve ter batido nele.

A expressão em seus olhos escuros estava cheia de tristeza angustiada enquanto seu olhar percorria seu rosto e então descia por seu corpo e subia novamente, como se procurasse por cada marca, hematoma e corte que havia sido entregue a ela. Ela sabia que ele estava pensando exatamente o mesmo que ela, que ele estava tão feliz em vê-la viva, embora desejasse que pudesse ser em uma situação diferente.

—Monster, — ela engasgou.

Os olhos da loira se arregalaram com o nome, mas ao invés de rir de Lily, como ela pensava que faria, ela se virou para Monster. —Eu pensei que ninguém mais te chamasse assim.

Quem era esta mulher? Ela parecia conhecer Monster de antes, mas ele nunca a mencionou. Ela era uma das mulheres que Monster costumava trazer para a casa antes de conhecê-la? Estupidamente, considerando sua situação, um flash de ciúme quente cresceu dentro dela. Aquele Monster esteve com essa visão incrivelmente linda e fez

Lily duvidar e si mesma e do jeito que ele sentia por ela. Louco, que mesmo depois de tudo que ele fez por ela, sua confiança poderia ser abalada simplesmente por ver uma ex, se isso era o que ela realmente era.

—Eu deixo as pessoas próximas a mim me chamarem assim, — ele disse, um grunhido em sua voz. —Não se preocupe. Você ainda pode me chamar de Merrick.

Ela fez beicinho. —Mas talvez eu goste de Monster. Parece meio... excêntrico.

A raiva de ciúme de Lily ferveu. Ela não conseguia parar de pensar na imagem daqueles dois juntos, de Monster prendendo-a, talvez com a mão em torno de sua garganta delicada, enquanto a fodia.

—Pare com isso, Sophia, — disse Rodriguez. —Isso não está sendo feito para o seu entretenimento.

Ela ergueu as sobrancelhas. —Não? Fui eu quem o entregou a você. Acho que também devo me divertir um pouco.

—E você vai, doce irmã, você vai. Mas primeiro temos alguns negócios a tratar.

Irmã? Como ela poderia ser sua irmã? Eles não se pareciam em nada.

—Você está bem, Flor? — Monster perguntou.

Ela acenou com a cabeça. —Estou bem.

Ele olhou para Rodriguez. —Eu vou te matar por colocar um único dedo nela.

Rodriguez riu. —Eu acho que nós dois sabemos que isso não vai acontecer. Você não tem exatamente a vantagem aqui, Merrick. Eu estava disposto a deixá-lo ir embora antes, para deixá-lo seguir com sua vida e deixar a senhora comigo, mas você simplesmente não podia deixar as coisas de lado. Agora eu tenho vocês dois e pretendo

espalhar o prazer que estava tendo em passar um tempo com sua... Flor... sobre vocês dois.

—Foda-se, Rodriguez. — Monster balançou no assento ao qual estava amarrado, tentando se levantar. —Se você ao menos...

—Ao menos o que? — Ele interrompeu, antes de enfiar a mão dentro da jaqueta. O coração de Lily parou quando ele puxou uma arma e se empurrou entre os outros homens para ficar ao lado de Lily. —Está tudo bem, Luis, — ele disse para o homem que segurava o braço de Lily. —Você pode deixá-la ir agora. — Rodriguez colocou o cano da arma contra a têmpora de Lily. O círculo de metal frio marcou sua pele, e ela fechou os olhos com força, seu corpo todo tenso, se perguntando se os próximos momentos seriam os últimos. —Abra os olhos querida, — disse ele. —Eu não vou atirar em você. Ainda não, de qualquer maneira, e não a menos que seu antigo mestre faça algo estúpido.

Lily forçou seus olhos a abrirem, e Rodriguez de repente estendeu a outra mão e a agarrou pelo queixo, seus dedos cavando em sua mandíbula. Em seguida, sua boca estava sobre a dela, esmagando seus lábios contra os dentes, antes de sua língua empurrar com força em sua boca. Ele tinha gosto de café e a segurou firme enquanto a beijava, embora Lily não fizesse nada para beijar ele de volta, sabendo que Monster estava observando cada segundo.

Rodriguez a soltou com um sorriso de triunfo no rosto. Ainda segurando a arma contra a cabeça dela, ele olhou para Monster. Os punhos de Monster estavam cerrados, seu rosto branco de fúria, fazendo com que o que restava de sua marca de nascença se destacasse em contraste com o resto de sua pele.

—Vê o que posso fazer? — Disse Rodriguez. —Qualquer coisa que eu malditamente quiser. Tente algo estúpido e vou matá-la. E o mesmo vale para você, querida. Faça qualquer coisa boba e eu vou fazer um buraco na cabeça dele.

Lily odiava o jeito que Rodriguez estava olhando para ela, mas

outra pessoa chamou sua atenção. A loira estava olhando para ela com um ódio ciumento, uma nova expressão para a presunçosa que estava em seu rosto apenas alguns momentos antes. Ela tinha sentimentos por Rodriguez? Ver ele beijá-la a incomodou tanto? Quem diabos era essa mulher?

—Apenas a deixe em paz, — rosnou Monster. —Eu juro por Deus...

—Desista, Merrick. Você é meu agora, tanto quanto a adorável Lily é. Você precisa respirar e pensar cuidadosamente antes de falar. Como meu animal de estimação aprendeu durante seu tempo aqui, qualquer contravenção em seu nome será punida por quem você gosta. — Suas palavras devem tê-lo lembrado de Jess e ele se virou para o homem que estava atrás dela. —Algum sinal da garota?

Lily olhou para trás enquanto o outro homem, Luís, balançava a cabeça. —Ainda não. Fizemos uma pesquisa rápida, mas obviamente outras coisas tiveram prioridade. — Ele olhou diretamente para Monster.

—Claro. Ela não pode ter ido longe, e não é como se um ratinho como ela pudesse causar problemas. Apenas a deixe por enquanto. Temos outras coisas com que nos preocupar.

Lily não acha que ele estava falando sobre ela e o Monster, então outra coisa entrou em jogo. Ela se perguntou se isso tinha alguma coisa a ver com o carro que tinha sido localizado, ou esse veículo era o que continha a mulher loira, Sophia e Monster? Mas ainda assim suas palavras brincaram em sua mente...

Preocupado sobre o que? Com o que ele tem que se preocupar?



Monster

(Dias atuais)



Monster nunca antes experimentou o tipo de emoção que sentiu quando Flor foi trazida para a sala. Sua bochecha estava visivelmente inchada, o hematoma como uma explosão estelar azul e verde em um lado do rosto. Ela caminhou como se estivesse com dor, curvada, a mão alcançando as costas enquanto era puxada para dentro da sala por um braço. Mais do que tudo no mundo, ele queria puxar ela para seus braços, beijar os cortes e hematomas para torná-los melhores e dizer a ela que tudo ficaria bem, mas aquele bastardo do Rodriguez e seus homens o dominaram enquanto ele ainda estava atordoado e drogado com o que quer que Sophia tenha injetado nele, e agora ele estava amarrado a uma cadeira e impotente para ajudar Lily ou revidar.

Rodriguez ainda estava com a arma apontada na direção de Lily. Era sua maneira de manter Monster na linha, embora Monster quisesse arrancar a cara do outro homem por beijar Lily do jeito que ele fez. Ele duvidava que fosse a primeira vez que o outro homem a beijava, e o pensamento das mãos de Rodriguez em sua linda pele o fez querer cortá-las.

Ela olhou para ele e chamou sua atenção. Seus olhares se encontraram e ele podia sentir como ela estava tentando enfiar seus pensamentos em sua mente, falando com ele sem dizer uma palavra. *Relaxe, fique calmo. Nós vamos ficar bem.*

Monster desejou poder acreditar nela. A ideia de estar à mercê de Rodriguez o fez querer acabar com tudo sozinho. Ele não seria capaz

de suportar assistir Rodriguez estuprar ela, se isso fosse o que o outro homem havia planejado. Ele pensou que seu coração certamente se quebraria de ódio, culpa e ciúme.

Ele estava furioso consigo mesmo por confiar em Sophia. Ele deveria saber melhor do que confiar em alguém que esteve envolvido com Rodriguez. Ele permitiu que sua memória da doce jovem que ele mal conhecia atrapalhasse seu julgamento. Nenhum deles era a mesma pessoa de quando eram crianças. A vida era como o fluxo de água erodindo o leito de um rio. Mesmo que você não pudesse ver isso acontecendo, essa pressão gradual tinha o poder de mudar uma pessoa completamente.

—E os dois homens que Sophia relatou? — Rodriguez disse ao homem que trouxe Lily para a sala.

O estômago do Monster afundou. O último fio de esperança que ele teve de que Sophia pudesse estar segurando Rodriguez, que ela pudesse até mesmo estar considerando trair ele por não mencionar Sean e Chapman, estalou.

—Nenhum sinal deles, chefe. Desculpe. Tenho alguns caras patrulhando o perímetro. No minuto em que aparecem, são homens mortos.

Monster sabia que Sean e Chapman não teriam chegado tão rápido quanto planejaram com Sophia. Tinha sido um risco que ele estava disposto a correr, sabendo que um par de armas nunca seria o suficiente para derrubar a fortaleza que Rodriguez construiu ao seu redor. Ele teve sorte de Chapman ser um homem bem informado e ser capaz de colocar as mãos em certos tipos de munições e armas quando necessário, mas mesmo se seu fornecedor pudesse viajar até ele ou encontrá-lo no meio do caminho, ainda levaria tempo e o tempo era algo que ele sentia que estava se esgotando rapidamente.

Novamente, ele se perguntou, há quanto tempo ele estava inconsciente? Ele sabia agora que seus instintos estavam certos. Sophia tinha dito que só daria uma pequena dose para que ele

não ficasse deitado por muito tempo, mas ela deve ter mentido. Um vislumbre das persianas de madeira da janela revelou que a noite já havia caído, e ele não tinha ideia de quantas horas faltavam até o amanhecer.

—Bom, — disse Rodriguez. —Se não há mais ninguém aqui para causar problemas, acho que é hora de me divertir um pouco. — Ele olhou para Monster. —Essas coisas realmente me estressam, Merrick. Não sei sobre você, mas quando fico estressado, gosto de fazer coisas para aliviar esse estresse. — Ele se aproximou de Lily e estendeu a mão para correr os dedos pelo queixo dela. A cabeça de Lily recuou como se ele a tivesse golpeado. —Agora, agora, bichinho. Não finja que não gosta que eu te toque de repente. Eu não ouvi você reclamar muito quando eu coloquei você curvada sobre uma mesa fazendo coisas bizarras com os talheres. — Ele se virou para Merrick. —Ela estava babando em cima de mim. Você deveria ter visto...

Com um rugido, Monster se lançou novamente, disposto a levar a cadeira inteira com ele se fosse necessário, mas algo pressionou na parte de trás de seu crânio. —Se mova de novo e vou estourar seus miolos de merda.

Nesse ponto, Monster estava quase disposto a correr o risco, qualquer coisa para parar a onda de ciúme e raiva que queimava sua mente, corpo e alma.

Lily estava olhando para ele com tristeza em seus olhos, lágrimas tremendo em suas profundezas. Ela balançou a cabeça, um movimento mínimo, mas ele sabia o que ela estava tentando dizer a ele. Ela não teve escolha. Rodriguez a estava usando contra ele agora, e Monster estava reagindo exatamente da maneira que queria.

—Você não gosta que eu a toque, não é, Merrick? — Ele disse, seus olhos brilhando de curiosidade. Havia uma energia maníaca nele, como se pegasse qualquer ideia maluca que surgisse em sua cabeça e simplesmente corresse com ela. —Bem, que tal você ser aquele que faz o toque? Vamos, nos dês um show. Foda meu animal de estimação

sobre esta mesa, e vamos todos assistir ela gozar.

—Vai se foder!

—E se eu disser que se você não a fizer gozar enquanto estamos assistindo, então eu vou atirar na perna dela? Isso funciona para você?

—Você não pode nos obrigar a fazer isso.

—Não posso? Acho que você está errado, meu amigo. Acho que posso obrigar você a fazer o que eu quiser. E agora eu quero um show de sexo ao vivo. Normalmente, eu não deixaria outro homem tocar o que é meu, mas essas são circunstâncias excepcionais, você não concorda?

Monster tentou manter sua cabeça, pensar racionalmente quando cada instinto dentro dele queria ir para o outro lado. —O que você pensa que está fazendo, Rodriguez? O que diabos isso vai conseguir?

Seus lábios se torceram e então ele disse. —Eu quero ver o que há de tão especial entre vocês dois que você literalmente colocaria sua vida em risco. Vamos ver se é tão especial depois que uma sala cheia de pessoas viu o que é tão... íntimo... entre vocês dois.

Rodriguez não ia seriamente fazê-lo fazer sexo com Lily enquanto ele e seus capangas estavam assistindo, ia? Os pensamentos de Monster foram para Lily antes de si mesmo, odiando a ideia de outros homens a verem exposta e vulnerável de tal forma. Seu ciúme apareceu mais uma vez, mas pelo menos não seria Rodriguez tocando ela. Rodriguez pode estar tentando rebaixar e corromper o vínculo especial que existia entre ele e Flor, mas as coisas seriam muito piores se fosse Rodriguez fazendo sexo com ela na frente dele e de todas as outras pessoas na sala. Ele adivinhou que o outro homem não queria se exhibir dessa forma.

—Você está doente da cabeça, — disse ele, finalmente, desejando que houvesse algo mais que ele pudesse dizer ou fazer para fazer a diferença, mas ele reconheceu uma batalha perdida quando viu uma. Sua única esperança era que Sean e Chapman chegassem antes que a

degradação pudesse começar.

Rodriguez não se preocupou em responder. Em vez disso, ele parecia estar considerando algo. Um pequeno V apareceu entre suas sobrancelhas escuras e ele apontou um dedo. —Do que meu animal de estimação te chamou, Merrick? *Monster*, não é?

Sophia se juntou a nós. —Esse era o nome que seu pai costumava chamar ele.

Rodriguez sorriu. —Eu gosto disso. Tem um bom som para isso. Acho que vamos chamar ele de Monster de agora em diante.

—Eu não sou o monstro aqui, — ele rosnou. —Você é!

—Agora, agora. Não há necessidade de xingamentos. Você se meteu nesta situação, *Monster*. Se você tivesse deixado tudo em paz, não estaríamos fazendo isso agora.

—Mas você ainda teria Lily.

—Eu sempre terei Lily. Até seu último suspiro. Ela é minha agora, e é hora de você aceitar esse fato. — Ele acenou com a cabeça para o homem que trouxe Lily para a sala, e sacudiu a cabeça em direção à mesa.

Como se pudesse ler a mente de Rodriguez, o outro homem empurrou Lily para frente até que seus quadris atingissem o tampo da mesa. Com uma mão entre suas omoplatas, ele a empurrou para frente, curvando ela. Ele a prendeu na superfície com uma mão enquanto puxava a longa saia de seu vestido para cima e puxava para baixo sua calcinha, com força suficiente para rasgar o tecido de suas pernas.

Lily deu um grito de choque e provavelmente de dor por causa dos ferimentos.

—Tire a mão dela, — Monster rugiu, levantando-se da cadeira em que estava amarrado para que as pernas traseiras levantassem do chão. Ele ficou tentado a girar a cadeira e usar ela como uma arma,

pelo menos causar algum dano ao bastardo. Mas Rodriguez girou o cano da arma e apontou para ele, e ele se lembrou das armas atrás dele também.

—Nem pense nisso. Joguem bem e vou deixar vocês dois viverem. Por enquanto, pelo menos. — Ele sacudiu a cabeça para um dos homens mais jovens na sala. —Desamarre ele. Ele vai precisar usar as mãos.

—Tem certeza, chefe? — Disse o outro homem.

—Basta manter uma arma apontada para ele, — disse Rodriguez, —e a outra arma no meu animal de estimação. Se um deles souber que o outro levará um tiro se tentar algo idiota, eles se comportarão.

Rodriguez estava certo. Monster não tinha intenção de tentar nada enquanto uma arma de fogo estava apontada para a têmpora de Lily.

—O que diabos você planejou? — Monster exigiu enquanto o homem mais jovem trabalhava nas amarras que o prendiam à cadeira. Ele foi libertado e colocado de pé.

—Eu te disse. Se você quer tanto tornar ela sua, reclame-a, aqui e agora.

Monster hesitou. —E então você vai nos deixar ir?

—Sem chance. Mas se você fizer isso, não vou atirar em você. — Ele parecia estar se divertindo.

Monster olhou para Lily espalmada sobre a mesa, seu traseiro nu e suas longas pernas expostas para todos verem. A raiva e o ódio contra os homens ao seu redor aumentaram dentro dele, mas junto com isso havia outra emoção, uma que ele nem mesmo queria admitir para si mesmo.

Luxúria.

Foi assim que ele sempre levou suas mulheres. Assim como Rodriguez estava fazendo agora, só que ele não apontou uma arma para a cabeça delas, mas, lhes pagou o que valiam. Isso não o impediu

de usar elas e degradá-las. Foi apenas sua Flor que mudou tudo isso, simplesmente encontrar alguém por quem ele realmente se importava.

Seu pau se agitou, mas ele não conseguiu ficar excitado nesta situação, não da maneira que era necessária.

—Você não pode esperar que eu fique de pau duro assim?

—Eu sugiro que você faça, ou você vai pagar.

—Não, — ele disse, resolutamente. —Eu não posso fazer isso. Eu *não vou* fazer isso.

—Então vou colocar uma bala em ambas as suas rótulas. Agora fique atrás dela e trepe com ela como a vadia que ela é.

Monster olhou entre Lily e Rodriguez. Ele não poderia fazer parte do jogo doentio que Rodriguez estava jogando, não poderia machucar e degradar Lily dessa forma. Ele precisava aguardar a hora certa, para permitir que Sean e Chapman tivessem tempo de alcançá-los. Exceto que seu tempo estava se esgotando e Rodriguez não era um homem paciente. O que mais ele poderia fazer a não ser concordar com o que o bastardo queria?

Ele não tinha outra escolha.



Dezesseis



Lily lutou contra as lágrimas enquanto permanecia curvada sobre a mesa, a saia levantada sobre os quadris e a calcinha rasgada em suas pernas. Ela estava humilhada que Monster a visse assim, e que todos os olhos dos outros homens estivessem focados em suas partes mais íntimas. Ela ficou ainda mais humilhada por causa da outra mulher na sala, sabendo como mulheres como Sophia julgavam e criticavam outras mulheres como se fosse um hobby.

Ela olhou por cima do ombro para ver Monster parado atrás dela. Ela nunca o tinha visto tão desconfortável, sua mandíbula rígida, lábios estreitos, narinas dilatadas. Um músculo ao lado de seu olho esquerdo se contraiu e suas mãos estavam fechadas em punhos.

—Eu não posso fazer isso, — ele repetiu.

—Faça isso ou eu atiro em você. — A raiva de Rodriguez também estava crescendo, seus olhos escuros queimando de fúria, seus dentes à mostra em frustração.

Monster apertou os lábios e balançou a cabeça lentamente.

—Put a que pariu! — Rodriguez bateu com a mão na mesa, um estalo que a fez pular, e então ergueu a arma para apontar ela de volta para a cabeça de Lily. Ela soltou um gemido de medo. —Faça o que mandei!

Lily sabia que isso dependia dela. Mesmo que ela odiasse a ideia de todos assistindo, ela já tinha visto a capacidade de violência de Rodriguez, e ela não duvidava que um deles, provavelmente Monster seria baleado se eles não atuassem em sua pequena fantasia. Ela não

queria dar a Rodriguez o que ele queria, mas as chances eram de que ele conseguisse de qualquer maneira. Mas Monster estava dizendo que ele não era capaz de fazer isso fisicamente, e ela não o culpava. Não era sobre ele não se sentir atraído por ela ou qualquer coisa assim. Era essa a situação.

Ela precisava dele para se concentrar puramente nela, esquecer todos os outros na sala.

Lentamente, ela se endireitou e se virou, ignorando todas as outras pessoas na sala, exceto Monster. Ela deu um passo em direção a ele, estendeu a mão e tocou seu rosto. A palma da mão dela pressionou contra sua bochecha, onde a marca de nascença antes era tão escura. Seu coração se apertou com seu amor por ele, e ela encontrou conforto no calor de sua pele, apesar de todas as outras pessoas ao seu redor.

—Está tudo bem, — ela disse suavemente, travando seus olhos com os dela. —Sou só eu. Você me conhece. Você conhece meu corpo. Esqueça os outros.

—Flor, — ele respirou.

—Menos conversa, mais ação, — Rodriguez retrucou, e os outros homens gritaram e aplaudiram.

Ignorando eles, Lily ficou na ponta dos pés e o beijou, sua boca quente e familiar, expurgando o gosto da língua de Rodriguez de seus lábios. Ele estava hesitante no início, mas então, quando ela o beijou mais profundamente, as mãos dele envolveram seu corpo e ele a puxou com força contra ele.

Lily pressionou seu monte contra o cume de sua ereção. Ele a queria agora. O tecido fino do vestido fez pouco para esconder que ela agora não estava usando calcinha, e mesmo com todas essas pessoas assistindo, ela experimentou aquela pequena vibração de excitação dançando em sua virilha, fazendo ela ficar molhada.

—Urgh, — veio a voz de Sophia. —Eu não preciso ver isso.

Rodriguez respondeu. —Você está com ciúmes, irmãzinha? Achei que era o único homem que você amava.

—Você é, mas eu prefiro ver meu filme pornô, obrigado.

—Por que se preocupar com ficção erótica quando você pode ter a coisa real?

Lily interrompeu o beijo com Monster por tempo suficiente para olhar na direção deles. Rodriguez pegou Sophia pelo braço, mas ela se desvencilhou, lançou a Lily e Monster um último olhar de desgosto e saiu da sala.

Isso estava bom para Lily. Com algum respeito, ela podia entender os homens querendo ver isso para tirá-los, mas outra mulher a deixava ainda mais desconfortável.

Rodriguez observou Sophia sair e então voltou sua atenção para Monster e Lily. —Eu não disse para você parar!

Monster assumiu o controle. A mão dele deslizou pela parte de trás de sua cabeça, enlaçando seus cachos e dando um nó apertado. Ele se inclinou como se fosse beijar seu pescoço, o ponto diretamente atrás de sua orelha, mas quando seus lábios roçaram sua pele, ele sussurrou, tão baixinho que ela apenas ouviu suas palavras. —Eu tenho homens lá fora. Precisamos apenas permanecer vivos o tempo suficiente para que eles cheguem até nós.

Seu coração se encheu de esperança. Nem tudo estava perdido.

—Me foda, — ela disse a ele, fixando os olhos nos dele para que os homens que os observavam desaparecessem no fundo. Eram apenas os dois novamente, em sua própria bolha, juntos. Embora espancados e machucados, eles podiam tirar força um do outro, usando a força quando necessário, mas também ternura e beijos curadores. Rodriguez pode ter pensado que forçar eles a fazer isso com uma audiência seria outra maneira de separá-los, de arruinar o que tinham juntos, mas ele estava errado. Eles foderiam e amariam cada segundo. Qual a melhor maneira de se vingar de Rodriguez do que removendo sua estranheza

e seu medo e apenas tendo prazer um com o outro?

Monster a mantinha o mais coberta possível, embora ela estivesse sem calcinha e o vestido esmeralda se agarrasse a cada curva, não deixando nada para a imaginação. Enquanto eles se beijavam, suas línguas se encontraram, se retorcendo, saboreando. As mãos de Monster seguraram seu traseiro e ele a ergueu suavemente sobre a mesa. Ela fez o possível para não pensar em nenhum dos homens ao seu redor, se eles estavam gostando do que estavam vendo, e se concentrou no Monster. Ele precisava ficar duro por ela, dar a Rodriguez o que ele queria. De qualquer forma, ela preferia estar aqui, com Monster transando com ela em uma mesa enquanto todos assistiam, do que ser separada dele e trancada sozinha naquele quarto novamente.

Lily alcançou a frente da calça do Monster e segurou a linha dura de sua ereção. Ela esfregou os dedos firmemente para cima e para baixo em seu comprimento, antes de puxar para baixo o zíper e deslizar a mão para dentro. Ele se tornou mais duro, e as pontas dos dedos dela tocaram a maciez aveludada combinada com a dureza de rocha dele. Ela alcançou mais fundo para que pudesse circular sua circunferência com a mão e puxar seu pau para fora.

Monster deu um gemido e empurrou a mão entre suas coxas, puxando o vestido para cima em torno de seus quadris. Ela inclinou a pélvis para frente enquanto os dedos dele percorriam a costura de sua fenda, abrindo ela como pétalas do nome carinhoso que ele a chamava. Ter o pau de Monster em sua mão, e a mão dele entre suas pernas, já a deixava molhada. Parecia que ter pessoas assistindo, mesmo pessoas dispostas a machucar, não diminuía seu desejo pelo homem que amava.

Seus dedos empurraram dentro dela e ela engasgou, se agarrando firmemente ao ombro ileso com a outra mão. Ela trabalhou sua ereção, acariciando ele da suave curva da cabeça, ao longo do comprimento até a raiz e subindo novamente. Ela queria provar ele, ficar de joelhos na frente dele e levá-lo em sua boca, mas ela não

queria dar aos filhos da puta assistindo mais show do que eles já estavam recebendo. Ela podia ouvir a respiração dos homens ficando mais áspera e se perguntou se algum deles estava se tocando. Contanto que eles não tentassem se juntar, ela poderia fingir que eles nem estavam lá.

Os dedos de Monster empurraram mais fundo, deslizando para dentro e para fora dela com mais força. Lily ergueu as pernas, ignorando o protesto de suas costas doloridas, e enganchou os calcanhares ao redor de sua bunda, usando os dois e o aperto em seu pau para puxá-los juntos. Ele retirou os dedos dela, mas sua mão demorou, seu polegar roçando o feixe de nervos inchado de seu clitóris.

Eles moveram juntos, sua ereção empurrando contra sua entrada, e então ele deslizou profundamente, enchendo ela. Lily baixou a cabeça em seu ombro. Sua mão segurando seu traseiro a puxou para mais perto.

Apesar das circunstâncias, ter ele enterrado bem no fundo dela criou o tipo de paz e felicidade dentro dela que ela pensou que nunca experimentaria novamente. Ela poderia deixar tudo em sua vida ir, contanto que ela ainda o tivesse. Seus quadris balançaram juntos, seus movimentos lentos e profundos no início, e então ficando mais frenéticos conforme ele se dirigia mais fundo. O orgasmo de Lily começou a crescer, um aperto, enrolando, baixo em seu estômago, seus mamilos duros, os músculos de suas coxas tensos. A fricção de seu par entre os lábios inchados e molhados de sua boceta, o som de seus corpos batendo juntos, tudo adicionado a sua excitação. A respiração dele veio quente e pesada em seu ouvido, e ele puxou seu cabelo, puxando sua cabeça para trás para beijar sua garganta, seus dentes arranhando sua pele. Então ele apertou sua boca na dela, retornando seu desejo com beijos frenéticos.

—Eu te amo, eu te amo, — ela engasgou, tão perto do limite que ela não queria perder o sentimento.

—Não! — O grito de raiva de Rodriguez tentou cortar sua paixão.

Ignorando ele, Monster a beijou profundamente, segurando forte e profundamente dentro dela, uma expressão de intensa determinação em seu rosto, os olhos fixos nos dela. Ele começou a puxar e empurrar de volta, com força.

—Porra. Você é minha, sempre minha, — ele disse a cada estocada.

Sua mão alcançou de volta entre suas coxas e ele esfregou seu clitóris com os círculos pequenos e rápidos que a deixavam louca, e ela se estilhaçou para ele, seus músculos internos pulsando ao redor de seu pau, tentando ordenhar ele. Ela soltou um grito de prazer e segurou com mais força, nunca querendo se soltar, mesmo quando os movimentos de Monster ficaram mais rápidos e quase irritados, batendo nela com força bruta.

—Chega, — Rodriguez rugiu, e ele agarrou o ombro de Monster para tentar puxar ele de cima de Lily. —Eu disse que era o suficiente.

Mas Lily sabia que Monster estava além do ponto de parar. Mesmo uma arma apontada para sua cabeça não teria evitado a erupção crescendo dentro dele.

Com um estremecimento e um puxão, Monster gozou, segurando profundamente. Ela o puxou para perto, seus braços em volta um do outro, como se se soltar por um momento fosse custar a vida deles. Lily enterrou o rosto em seu pescoço, inalando o cheiro dele, e segurando este momento perto de seu coração, sabendo que poderia ser o último.

O plano de Rodriguez de humilhar eles e degradá-los saiu pela culatra. Tudo o que aconteceu foi que eles solidificaram seu amor um pelo outro e se fortaleceram em sua unidade.

Rodriguez agarrou as costas da camisa do Monster, puxando ele para longe de Lily. Monster saiu de seu corpo, sua semente escorrendo pelo interior de suas coxas. Ela apertou as pernas, não querendo que os outros homens vissem mais do que já tinham visto.

Rodriguez jogou Monster no chão. Monster saltou de pé, reorganizando suas roupas para se cobrir, e encarou o outro homem, mas havia pouco que ele pudesse fazer. Ele ainda tinha várias armas apontadas para ele e teve sorte de que ainda não o tivessem atirado. Lily estava com medo de que Rodriguez atirasse em Monster agora. Que razão ele poderia ter para querer manter ele vivo, exceto talvez Monster tendo algum conhecimento de negócios que ele queria, ou então ele estava se divertindo muito torturando os dois?

Mas Rodriguez não parecia estar se divertindo agora. Ele sabia que havia perdido essa parte da batalha, embora provavelmente ainda vencesse a guerra.

—Leve ela de volta para o quarto dela, — ele rosnou.

Mãos masculinas a agarraram pela cintura, arrastando ela da mesa. Envergonhada, ela percebeu que havia deixado uma linha de fluido leitoso no escuro e brilhante mogno da superfície.

—Monster! — Lily gritou, estendendo a mão para ele enquanto era puxada para trás, em direção à porta. Ela sabia que ele não podia fazer nada, mas não conseguia parar de gritar seu nome.

—Eu deveria te foder agora, — disse Rodriguez, olhando para ela com escárnio. —Mostrar a você como um homem de verdade fode. Nada desse negócio de pombinhos amorosos.

—Deixe ela em paz, — Monster retrucou, o pânico passando por seus belos traços.

Rodriguez olhou para ele com desgosto. —Não se preocupe. Eu não fico com sobras.



Dezessete



Lily nem se incomodou em lutar enquanto era arrastada de volta para seu quarto. Qual era o objetivo? Ela sabia que o jovem Luís, que a segurava, estava armado e não queria correr o risco de levar um tiro. Tudo poderia acabar, em uma fração de segundo, assim. Bastou a ação impensada de outra pessoa e tudo o que eles lutaram e amaram não significaria nada.

Ela se agarrou à esperança de que os homens de Monster estivessem a caminho. Monster tinha conseguido entrar em contato com Chapman novamente, ou eles eram novos pistoleiros que ela nunca conheceu? Ela adivinhou que não importava de qualquer maneira. Ela e Monster só precisavam permanecer vivos até então.

Luís abriu a porta do quarto com um chute e a jogou para dentro. Ela tropeçou e caiu de joelhos, mas não se preocupou em se mover até que a porta foi fechada novamente. Pelo menos trancada dentro do quarto, sozinha, significava que ela estava segura no momento.

Assim que ouviu o clique da fechadura no lugar, ela se levantou, com a mão pressionada contra as costas doloridas, e foi ao banheiro. Trabalhando rapidamente, querendo estar pronta e preparada se o resgate viesse, ela tirou o vestido esmeralda, que agora ela detestava, e se lavou. Ela odiava lavar qualquer vestígio de Monster, mas se ela estava prestes a ser resgatada a qualquer momento, ela não queria ser pega fedendo a sexo.

Envolvida em uma toalha, ela foi até o armário e a cômoda e tentou encontrar a roupa mais prática que pôde. Apenas vestidos enchiam o armário, então embora ela não gostasse da quantidade de pernas expostas, ela escolheu um vestido preto curto com mangas

curtas e decote alto. Pelo menos não ter uma saia longa para enroscar nas pernas significaria que ela estava livre para correr se necessário, embora ela ainda não tivesse sapatos. Seu coração batia forte enquanto ela se vestia rapidamente e prendia o cabelo em um rabo de cavalo.

A porta se abriu e Lily se virou para ela, com o coração acelerado de esperança. Mas, em vez de alguém ali para resgatar ela, seu estômago afundou quando Sophia entrou.

—O que você quer? — Lily disse, endireitando os ombros e ficando o mais alta que suas costas doloridas permitiam. A loira era pelo menos sete centímetros mais alta do que ela, mas estava determinada a não se intimidar.

Os olhos azuis de Sophia se estreitaram. —A curiosidade levou o melhor de mim.

—O que você está falando?

A mulher entrou totalmente no quarto, a cabeça inclinada enquanto avaliava Lily da cabeça aos pés.

—O que há com você, hein? — Disse Sophia. —Rodriguez e Monster, ambos. É como se você os tivesse colocado sob algum tipo de feitiço. Eu não entendo. Você é apenas uma criaturinha simples e chata. Por que eles escolheriam você quando eles poderiam me ter?

—Eu não tenho ideia, — ela disse honestamente, desejando que a outra mulher simplesmente fosse embora. Sua linha de visão deslizou por cima do ombro de Sophia, em direção à porta parcialmente aberta atrás dela. —Rodriguez não sabe que você está aqui, sabe?

—Isso não é da sua conta, vadia. — Ela se aproximou, deliberadamente olhando para Lily, sua boca se contraindo em uma rede de linhas franzidas. De repente, Lily viu o que os homens acharam de tão feio nela, a aspereza, o brilho frio em seus olhos. Qualquer que seja o mundo em que Monster e Rodriguez cresceram, Sophia também, e isso a manchou. Talvez não fosse culpa

dela, tanto quanto ela não podia culpar Monster por sua educação, mas naquele momento, Lily a odiava.

Sophia se aproximou, olhando para baixo de forma que seu rosto ficasse a apenas alguns centímetros do de Lily.

—Eu o beijei, — ela disse com um sorriso malicioso, —antes de trazer ele aqui. Eu coloquei minha língua em sua boca e acariciei a frente de sua calça e o senti ficar duro por mim. Ele tem um pau tão lindo, tão longo e duro. Eu poderia dizer que ele me queria. Ele estava pensando em como seria deslizar seu pau dentro da minha boceta e me montar. Ele tem sonhado com isso há anos, você sabe. Fui eu quem fugiu. A garota que era seu amor não correspondido, aquela em que ele se masturbou pela primeira vez e sonhou em foder. Isso não vai embora apenas por causa de uma vadia que ele comprou.

Lily tentou não se concentrar na parte em que disse que o beijou e o tocou. Sim, talvez Monster tivesse pensado em fazer sexo com essa mulher, mas ele não tinha feito isso. Lily sabia que se as coisas tivessem ido mais longe, essa outra mulher não hesitaria em se gabar dela e descrever cada pequeno detalhe. Um flash de si mesma e Rodriguez juntos explodiu atrás de seus olhos, vendo ele espancando ela e deslizando a ponta do garfo para cima e para baixo em sua fenda. Por mais que ela odiasse, ela não tinha sido completamente fiel ao Monster também. Ela não queria gostar do que Rodriguez tinha feito com ela, queria odiar, mas ele a excitou. Era compreensível que Monster também tivesse ficado excitado com essa loira linda. Isso não significava que ele amava menos a Lily. Basta olhar em quanto perigo ele se colocou por ela.

Além disso, eles fizeram o que precisavam para sobreviver na época. Lily estava com ciúmes, mas parecia que Sophia estava ainda mais. Sophia queria tanto Monster quanto Rodriguez, e ainda assim os dois homens pareciam querer Lily. Ela não podia explicar mais do que Sophia podia, se ela fosse um homem, ela teria escolhido aquele cabelo loiro e grosso e a boca carnuda mais rápido do que seus próprios cabelos castanhos e curvas padrão. Mas talvez não se tratasse

apenas de aparência. Talvez fosse algo sobre seu comportamento que fez os homens desejarem protegê-la e dominá-la?

—Monster me ama, — ela disse simplesmente. —Você pode dizer o que quiser, mas não vai mudar nada. E você pode ficar com Rodriguez. Honestamente, acho que vocês foram feitos um para o outro.

Ela fez uma careta. —O que isso deveria significar?

Lily não achou que valia a pena explicar. Certamente a outra mulher poderia resolver essa parte sozinha?

Lily encontrou seu olhar mais uma vez sendo atraído para a porta aberta. Esta era apenas outra mulher parada na sua frente, mais alta e mais forte talvez, mas ainda desarmada, pelo que ela poderia dizer. Ela estava dividida entre agarrar esta oportunidade e fugir, ou jogar fora e esperar pelo resgate.

De repente, acima de suas cabeças, as luzes piscaram.

Ambas olharam para cima.

Sophia franziu a testa. —Que diabos?

As luzes se apagaram, mergulhando-as na escuridão.

Cega, os sentidos de Lily a abandonaram, o pânico surgindo em seu corpo. —O que está acontecendo?

—Não sei. — Pelo tom de sua voz, a outra mulher se sentia da mesma maneira.

As luzes piscaram de volta, mas continuaram a oscilar acima de suas cabeças. Lily exalou um suspiro de alívio por elas pelo menos terem um pouco de luz. A ideia de ficar trancada no escuro a apavorava.

De algum lugar do outro lado da casa veio um rugido abafado e depois o *estruído* de uma explosão. Fotos caíram das paredes, vidros se espatifando no banheiro. As duas mulheres se abaixaram

automaticamente ao ouvir o som, as mãos erguidas para proteger a cabeça, embora o que quer que tenha causado a explosão não as tivesse alcançado. Esquecendo sua briga, elas se endireitaram lentamente. Elas trocaram um olhar nervoso e depois olharam para a porta.

—Que porra foi essa? — Disse Sophia alarmada.

O coração de Lily se ergueu. Ela teve uma ideia. Ela esperava que fosse quem o Monster havia contratado para tentar tirar eles daquele lugar. —Não sei, mas não soou bem, — respondeu ela, sem pensar em dizer nada a Sophia.

—Você fica aqui, — disse a loira, —Vou dar uma olhada.

As sobrancelhas de Lily se ergueram. —Sem chance. Eu vou com você.

—Você tem que ficar aqui. Rodriguez terá um ataque se vir você andando por aí.

Lily não tinha intenção de se sentar humildemente e fazer o que a outra mulher disse a ela.

—Apenas tente me fazer ficar.

Ela cerrou os punhos e, ignorando Sophia, correu para a porta.

Sophia hesitou, como se estivesse pensando em tentar conter Lily fisicamente, mas deve ter decidido que não valia a pena entrar em uma briga de gatos quando algo mais sério estava acontecendo em parte da casa.

Lily entrou no corredor primeiro, com Sophia logo atrás. A fumaça fluuiu como uma névoa baixa do mar, se arrastando pelo corredor.

—Merda. Deve haver um incêndio em algum lugar da casa. — Seu primeiro pensamento foi com Monster. Onde ele estava? Se um incêndio se alastrasse pela propriedade e ele estivesse amarrado em algum lugar, não seria capaz de escapar. As luzes piscaram novamente, e Lily esperava que elas não apagassem novamente.

Elas começaram a correr.

—Rodriguez! — Sophia gritou, enquanto corria pelo corredor, de volta para a parte principal da casa.

Lily percebeu que as chances eram de que Monster estaria onde Rodriguez estivesse, então ela ficou com Sophia, enquanto parte dela se perguntava sobre a fuga. Ela podia sentir o calor do fogo nas solas dos pés descalços no chão. Onde estava a explosão e por que muitas luzes não estavam acesas? Parecia distante, talvez na outra ala da casa. Embora a fumaça tenha ficado mais densa, ela ainda não tinha visto nenhum sinal de chamas.

Elas correram de volta para a sala de jantar, onde ela foi forçada a fazer sexo com Monster. Lily parou. Monster foi mais uma vez amarrado à cadeira. Rodriguez estava ao lado dele, sua arma segurada frouxamente ao seu lado. Ele olhou para a porta quando as duas mulheres entraram correndo.

—O que ela está fazendo fora do quarto? — Ele disse, olhando para Lily.

—Não importa, — gritou Sophia. —O que diabos está acontecendo?

—Uma explosão nos geradores. Luís e Marco foram dar uma olhada.

—Mas por que algumas das luzes ainda estão acesas, se os geradores estão desligados? — Perguntou Sophia.

—As luzes são alimentadas por dois painéis solares que temos na parte de trás. As coisas são muito visíveis à distância, então contamos com os geradores. Nunca tive um problema até agora.

Lily esperava que os homens do Monster fossem a causa raiz do que quer que estivesse acontecendo. Ela chamou sua atenção e segurou-a. Sua expressão permaneceu impassível, como se ele não quisesse que Rodriguez ou Sophia percebessem que isso tinha algo a ver com ele.

Tiros soaram, e Rodriguez se sacudiu em direção ao som, seu rosto empalidecendo, seus dedos apertando ao redor de sua arma. —Merda.

O som de estalos e estampidos ficou mais alto, fumaça preta flutuando pelo corredor e para dentro da sala.

—Por favor, deixe o Monster ir, — implorou Lily. —Este lugar vai pegar fogo.

Eles estavam no meio do deserto, onde tudo estava totalmente seco e pronto para pegar fogo. Todos os móveis luxuosos, tapetes, cortinas e almofadas, agiriam como gravetos, carregando as chamas.

—Porque eu faria isso? Ele pode queimar por mim.

Do lado de fora, o motor de um carro ganhou vida. Rodriguez correu para a janela e espiou pelas ripas da persiana. —Fodidos covardes, — ele cuspiu.

Os olhos azuis de Sophia estavam arregalados. —O que está acontecendo?

—O pessoal acaba de fugir em um dos carros. Vou fazer com que se arrependam disso quando eu os alcançar.

Lily experimentou uma mistura de emoções. Ela estava satisfeita que as pessoas que trabalhavam aqui tivessem encontrado seu momento para fugir, mas ao mesmo tempo ela estava preocupada com quantos veículos sobrariam quando eles mesmos precisassem escapar.

Mais tiros soaram do fundo da casa.

—Aqui, pegue isso, — disse Rodriguez, entregando a arma a Sophia. —Se certifique de que ela não se mova.

—Mas e o incêndio? — Sophia disse em alarme.

—Esta casa é construída em pedra. Não vai se espalhar tão rápido.

Com o barulho e o calor, certamente parecia que estava se espalhando.

Rodriguez saiu correndo da sala, deixando Sophia em pé com o cano da arma apontado na direção do Monster.

—O que diabos é tudo isso? — Ela exigiu dele. —Isso tem a ver com Sean e Chapman?

Monster permaneceu em silêncio, apenas olhando para ela com um olhar duro e frio.

—Eu pensei que nós tínhamos um plano, — ela balbuciou. — Achei que Sean e Chapman iriam pular as paredes armados. Você nunca me disse nada sobre derrubar a energia!

O rosto de Monster finalmente cedeu a uma expressão, e ele fez uma careta para ela. —Você realmente não achou que eu lhe contaria o plano completo, não é? Eu esperava ser capaz de confiar em você, especialmente considerando que estava literalmente colocando minha vida em suas mãos, mas sempre tive a intenção de te manter no escuro sobre certas coisas. Ainda bem que eu fiz.

—Então este é o trabalho de Sean e Chapman? Puta que pariu. Eu nunca deveria ter ajudado você a tirar Sean do hospital.

—Por que você fez isso então?

—Porque eu estava tentando conquistar sua confiança, é claro. Achei que uma grande ação como essa certamente faria você confiar mais em mim. Eu vi sua reação quando tentei te convencer a não matar Andrés. Eu sabia que você teve um momento de dúvida e que nunca me deixaria nocauteá-lo e entregá-lo direto nas mãos de Rodriguez se tivesse alguma reserva sobre mim. — Ela franziu a testa, algo claramente ocorrendo a ela. —Mas você duvidou de mim, não é? Caso contrário, você teria me contado todo o plano com Sean e Chapman. Que tipo de louco filho da puta você é para permitir que alguém injete algo em você e o deixe inconsciente quando você não confia totalmente nele?

Monster encolheu os ombros. —Ainda era o melhor plano para entrar aqui.

Ela balançou a cabeça em perplexidade. —Você é insano.

Ele deu um sorriso frio. —Acho que a maçã nunca caiu longe da árvore, afinal.

Ela olhou para ele, suas narinas dilatadas, e então desviou o olhar dele. —O que diabos Rodriguez está fazendo? — Continuando a apontar a arma na direção de Monster, ela atravessou a sala para olhar para o corredor. Lily considerou tentar desarmar ela, mas ela estava com medo de que o Monster fosse baleado.

Sophia olhou para o corredor, se inclinando para fora da porta.

Uma figura saiu de trás dela e colocou uma faca em sua garganta.

—Largue a arma ou vou te cortar.

A figura se moveu totalmente à vista, garantindo seu aperto na faca na garganta de Sophia.

Lily engasgou de surpresa. —Jess!

A garota parecia nervosa e selvagem, seus olhos arregalados e seu corpo magro parecendo ainda mais magro em comparação com a constituição de Sophia. Seus cabelos loiros escuros como cauda de rato caíam em torno de seu rosto, e os nós dos dedos eram protuberantes e brancos enquanto ela segurava o cabo da faca. Apesar de sua aparência maníaca, Lily ficou muito feliz em ver a outra mulher, e não apenas porque ela tinha uma faca na garganta de Sophia. Ela estava preocupada com o que tinha acontecido com ela, parte dela se perguntando se ela poderia ter feito uma fuga através do deserto ao redor, mas ela deve ter estado escondida na casa o tempo todo.

Jess segurou a faca com mais força e um fio de sangue escorreu pela garganta pálida de Sophia. —Eu disse para largar isso, — ela ameaçou novamente.

—Está bem, está bem! — Sophia gritou, e a arma caiu no chão.

Lily correu e agarrou a arma, girando o cano de volta para Sophia. —Eu deveria atirar em você, — disse ela, —mas já vi pessoas mortas o

suficiente. — Ela olhou para Jess e Monster. —Vamos sair daqui.

Jess agarrou a faca com mais força, sem removê-la da garganta de Sophia. —Então e ela?

—Traga ela conosco. Ela pode ser nossa apólice de seguro no caso de encontrarmos Rodriguez novamente.

Lily correu até Monster e colocou a arma no chão ao lado deles enquanto o desamarrava, seus dedos se atrapalhando com a corda grossa. Ela puxou e puxou, preocupada que ela não iria desamarrar e precisaria usar a faca de Jess. Finalmente, as amarras se afrouxaram e Monster foi capaz de se libertar. Lily pegou a arma novamente.

Ele se levantou, esfregando os pulsos. Ele estendeu a mão e puxou ela para um abraço apertado, mas breve, e beijou o topo de sua cabeça. Ela se agarrou a ele, nunca querendo que ele a deixasse ir.

—Saia daqui, — ele disse. —Você sabe de que lado fica a porta da frente?

—Sim, mas você também vem.

Ele balançou sua cabeça. —Pegue a arma e Sophia como seguro. Deve haver um ou dois carros estacionados do lado de fora. — Ele acenou com a cabeça em direção a Sophia. —Ela deve ter as chaves de um.

—Eu não tenho! — Sophia cuspiu. —Rodriguez as tirou de mim quando chegamos.

A fumaça ficou mais densa, flutuando em torno de seus tornozelos, e mais tiros foram disparados de algum lugar mais profundo na casa, seguidos por um grito masculino de dor.

—Gente, — disse Jess, olhando preocupada para o corredor. — Nós realmente precisamos ir.

Lily se voltou para o Monster. —Vamos.

Mas ele balançou a cabeça novamente. —Sean e Chapman estão

aqui. Eles são a causa da explosão e do incêndio. Eles podem precisar da minha ajuda. Devo isso a eles.

Um medo frenético cresceu dentro dela. —Não! Você não pode. Você não vai a lugar nenhum sem mim.

—E eu não vou sem você, — disse Jess.

Monster olhou entre as duas mulheres. —Isso é loucura. As mulheres nunca fazem o que mandam?

—Não, — Lily e Jess disseram simultaneamente.



Monster

(Dias atuais)



Se dirigir para o fogo e ao som de tiros nunca seria uma boa ideia na mente de Monster, mas parecia que era isso que eles estavam fazendo. O que o deixou ainda menos feliz em caminhar diretamente em direção ao fogo foi que ele estava levando Lily com ele. Ele pesou a opção de abandonar Sean e Chapman, mas se os homens tivessem acabado de salvar suas vidas, sem mencionar as inúmeras outras formas de tortura nas mãos de Rodriguez, sua consciência não permitiria que ele fugisse e deixasse os outros dois homens sem apoio.

—Pegue a arma, — Lily disse a ele, segurando a coronha da arma para ele enquanto eles corriam pelo corredor.

A fumaça estava ficando mais densa e escura a cada passo. No momento, eles ainda eram capazes de respirar, mas ele não sabia por quanto tempo as coisas permaneceriam assim. Também tornava mais difícil para eles verem o que estava à frente, e ele temeu que Rodriguez ou um de seus homens começasse a atirar neles da escuridão.

—Não, você pode precisar.

—Você está na frente. Você pega e nos cobre. Vou ficar com a Jess.

Ele não gostou da ideia de deixar ela sem uma arma, mas era hora de proteger ela agora. Ele falhou com ela até este ponto, e ele não tinha a intenção de fazer isso novamente.

Pegando a arma, ele disse. —Fique atrás de mim.

A outra mulher, Jess, ainda estava empurrando Sophia atrás deles, a faca pressionando a pele de sua garganta. O queixo de Sophia estava levantado, desafiador, apesar da situação.

—Você pegou minha arma, — disparou Sophia para Jess. —Você pode largar a maldita faca agora.

Jess balançou a cabeça. —Não vai acontecer.

—Vadia fodida.

—É preciso uma para conhecer outra, — Jess disparou de volta, e lhe deu um empurrão extra.

Eles se moveram como um pequeno grupo, caminhando lentamente pelo corredor. O calor aumentou, todos os móveis brancos de Rodriguez agora um cinza empoeirado de fumaça e cinzas que haviam flutuado para cá. As luzes continuaram piscando no alto. E Monster não sabia quanta energia os painéis solares retinham, mas em algum momento as luzes iriam se apagar.

O calor se intensificou, a fumaça ficando mais densa. Os olhos de Monster começaram a arder, a fumaça fazendo cócegas em sua garganta, então ele sufocou uma tosse com as costas da mão, não querendo que o barulho alertasse alguém sobre sua posição.

Eles viraram à esquerda no corredor, mas a fumaça e o calor pioraram. —Cubra a boca e o nariz, — disse ele às mulheres.

Pelas brechas na fumaça, Monster pôde ver que as paredes haviam se transformado em entulho e as chamas lambiam e dançavam nas paredes e móveis revestidos de madeira.

—Depressa, — ele engasgou, sabendo que passar muito tempo aqui provavelmente mataria todos eles antes que Rodriguez tivesse a chance. A força da explosão do gerador deve ter derrubado um pedaço daquele lado das paredes da propriedade. O fogo havia se espalhado por aquelas salas, agora ameaçando engolfar o resto da casa.

Eles correram através do pior da fumaça, em direção aos fundos da propriedade, cada um deles tossindo, apesar de seus rostos estarem cobertos por pedaços de suas roupas. Através da fumaça, Monster avistou algo e levantou a mão para fazer todos pararem para que ele pudesse ter certeza de que o que quer que fosse, não causaria nenhum problema. Mas ao se aproximar, percebeu que a coisa era um corpo caído no chão.

Monster se moveu rapidamente, a arma apontada para o caso de a pessoa estar fingindo e realmente armada e perigosa. Quando ele alcançou o corpo, ele cheirou o sangue mesmo através do fedor de fumaça.

—Caramba.

O corpo era Sean. O sangue gotejou em uma poça escura abaixo dele, um contraste gritante com a decoração branca. Monster não tinha dúvidas de que o outro homem estava morto.

Ele olhou para trás e chamou a atenção de Lily. Ela mordeu o lábio e balançou a cabeça, dizendo a ele que não havia mais nada que eles pudessem fazer por Sean.

Então, onde estava Chapman? Eles devem ter entrado na casa tentando encontrar ele, embora talvez tenham se separado para cobrir mais terreno.

Deixando o corpo de Sean onde estava, eles entraram nos fundos da casa, onde uma longa estufa se estendia pelos fundos da propriedade. A maioria das vidraças se estilhaçou com a explosão e se transformou em estilhaços massivos e mortais no chão.

Monster parou e se esticou para posicionar Lily atrás dele.

Rodriguez estava com uma arma apontada para Chapman, que tinha as duas mãos levantadas em derrota. O outro jovem, Luís, estava morto a seus pés, outra arma no chão, não muito longe do corpo. Do Chapman. Monstro presumiu que ele foi obrigado a abandoná-lo.

—Largue a arma, Rodriguez, — Monster gritou, mirando a arma

em seu inimigo. —Acabou.

A cabeça de Rodriguez girou em sua direção, percebendo que ele tinha companhia. —Você realmente acha que pode atirar em mim antes que eu atire no seu homem aqui? — Ele disse com um rosnado.

—Se você fizer isso, vamos cortar a garganta da sua irmã.

Jess empurrou Sophia para frente, para que Rodriguez pudesse ter uma visão melhor dela pressionando a faca contra a pele de Sophia. O sangue já escorria por seu pescoço, encharcando o decote de sua camiseta.

—De onde você apareceu, ratinho? — Ele disse a Jess. —Saindo de baixo das tábuas do assoalho como o roedor que você é.

—O único roedor por aqui é você, — ela atirou de volta.

Ele sorriu. —Não, eu sou a barata. Eu sou aquele que você não pode matar, mesmo em um incêndio como este. Serei aquele que sobreviverá.

O olhar de Rodriguez disparou para a arma que Chapman deve ter deixado cair.

—Deixe isso, — disse Monster.

—O que você vai fazer? Atirar em mim? Boa sorte antes de eu matar ele.

Monster estava rasgado, não queria que Rodriguez pegasse a outra arma, mas ele estava muito longe para alcançar.

Sabendo que tinha vencido esta parte da batalha, Rodriguez usou o pé para raspar a outra arma em sua direção e, em seguida, mantendo a outra arma apontada para Chapman, ele se abaixou para pegar e apontar para onde Jess segurava Sophia.

Os olhos de Sophia se arregalaram. —Rodriguez?

—Desculpe irmãzinha, — disse ele, e a segunda arma disparou, o tiro um estalo por cima do fogo que rugiu atrás deles.

Jess gritou e soltou a outra mulher.

Sophia caiu no chão, os olhos em branco, um ferimento a bala no centro da testa. O grito de Lily se juntou ao de Jess.

Monster ficou horrorizado ao ver a garota de sua infância morta no chão na frente dele. Ela era a única pessoa ainda viva desde a juventude dele, ou pelo menos tinha estado, e embora ela o tivesse traído, ele não esperava que ela morresse assim. Claramente Rodriguez acreditava que todos eram substituíveis, e se ele estava disposto a atirar na mulher com quem ele havia se casado e chamada de irmã, isso provava que não havia ninguém com quem ele se importasse o suficiente para poupar suas vidas antes da sua.

Rodriguez usou a distração momentânea para girar nos calcanhares e fugir.

Se trazendo de volta ao momento, Monster ergueu a arma e atirou em Rodriguez, mas ele correu para a lacuna criada pelo vidro faltando em uma das vidraças do conservatório, trazendo o ar fresco do lado de fora.

Rodriguez disparou outro tiro atrás dele enquanto corria. Chapman, que havia começado a correr atrás dele, gritou e caiu para trás, segurando o estômago.

A fumaça estava ficando mais densa, fazendo com que os olhos de Monster lacrimejassem, e ele percebeu que estaria atirando às cegas agora.

Rodriguez poderia estar fugindo, mas se eles não corressem da propriedade logo, eles se veriam cercados por chamas.



Dezoito



Rodriguez estava indo embora.

Lily podia ver isso acontecendo na frente dela, como ele conseguiu atirar em duas pessoas antes que Monster mal tivesse disparado um tiro, e então se esquivou da bala de Monster como algum tipo de super-herói maldito, ou talvez mais como o cérebro do mal. Não era de se admirar que Monster tivesse ficado tão paranoico com Rodriguez levando ela. Era como se ele fosse malditamente invencível.

Ela não podia deixar isso acontecer. Ela não podia deixar ele fugir disso. O fogo estava se aproximando, coisas estalando e queimando ao redor deles. O teto aguentaria ou desabaria e enterraria todos eles? Ela preferia que todos morressem aqui do que aquele filho da puta fugindo.

Monster disparou sua arma novamente, mas Rodriguez retornou o tiro, enviando todos eles para se protegerem. Jess se escondeu atrás de um sofá, encolhida. Chapman já havia levado um tiro e estava caído no chão.

Lily se agachou ao lado da mesa, onde Rodriguez a espancou e tentou foder com o cabo grosso de um garfo. Ela não iria deixar ele escapar, mesmo que morresse tentando.

Seus olhos pousaram em um dos enormes pedaços de vidro que haviam caído das paredes da estufa. O ar quente do deserto que soprava de fora apenas ajudou a atizar o fogo, como se encorajasse seus dedos em chamas a tocar mais e mais itens, as cortinas, as molduras dos quadros, os tapetes. Painéis de madeira nas paredes

acenderam como gravetos. A fumaça era negra, o som do fogo rugindo como um furacão ou o motor de um avião.

Rodriguez quase alcançou uma lacuna na parede de vidro, de onde ela sabia que ele escaparia e fugiria noite adentro. Ela não podia deixar isso acontecer.

Lily se lançou para frente, agarrando o grande pedaço de vidro quebrado enquanto avançava, sentindo as pontas estilhaçadas cortando seus dedos. Ela esperava que as pontas afiadas não decepassem os dedos.

Monster olhou para ela. —Flor! — Ele rugiu, embora tivesse levado as costas da mão aos olhos, claramente lutando com a fumaça.

Rodriguez lhes deu as costas para correr, mas manteve a mão com a arma apontada para trás e atirou novamente. Lily o ignorou, sabendo que não poderia deixar a chance de levar um tiro fazer ela hesitar dessa vez.

Assim que ele alcançou o buraco, ela deu um grito de raiva e ódio crus e se lançou sobre ele, segurando o caco de vidro bem alto. Ela caiu sobre as costas dele e ele disparou outro tiro, mas ela não sentiu nada. A adaga de vidro cortou sua mão, mas agora também estava alojada bem no meio da coluna de Rodriguez. Ele ficou rígido embaixo dela e estremeceu, respirou fundo e estremeceu de novo. A arma caiu de seus dedos e ele ficou imóvel.

—Oh Deus, — ela gritou, rolando para longe dele, segurando a mão ferida enrolada contra o peito.

Mas ele estava morto. Tinha acabado.

Rodriguez estava morto.

Um repentino rugido de raiva chamou sua atenção e ela se virou para ver Marco irrompendo em meio à fumaça, segurando a faca que Jess havia deixado cair quando Rodriguez atirou em Sophia. Ignorando todos os outros, ele correu direto para Lily. Seus olhos estavam enlouquecidos, seu rosto enegrecido de fuligem, alguns

dos cabelos de um lado da cabeça chamuscados.

—Eu disse que retornaria, sua vadia do caralho, — ele gritou enquanto corria.

Lily olhou com horror entre Marco e Monster, congelada no lugar, incapaz de reagir.

Ela sabia com clareza que Marco iria esfaquear ela.

Mas dois tiros soaram em sucessão e Marco parou repentinamente. Seus olhos se arregalaram de surpresa, e ele caiu no chão a poucos centímetros de onde ela estava sentada. Monster estava parado atrás dele, segurando a arma ainda apontada na direção de onde Marco estava.

Abaixando a arma, ele correu, caindo de joelhos ao lado dela. — Tudo bem. Você está bem.

Ele a puxou contra ele, segurando ela com força. Ela não chorou, se sentindo fria e vazia com o choque.

Monster se inclinou ligeiramente para trás e afastou o cabelo do seu rosto, prendendo as mechas atrás da orelha. —Temos que sair daqui antes que todo este lugar desabe sobre nossas cabeças.



Dezenove



Lily se forçou a concordar com a cabeça. Ela não podia desistir agora. Monster se levantou, puxando ela com ele.

Ela olhou ao redor, os olhos apertados contra a fumaça, as costas da mão na boca, tentando bloquear o pior de tudo. Apenas o ar fresco dos painéis de vidro quebrado evitou que todos morressem sufocados.

—Onde está a Jess?

—Estou aqui, — disse a outra garota, saindo de trás de um sofá, tossindo. —Estou bem.

—E quanto a Chapman? — Lily perguntou, sua própria garganta fazendo cócegas como uma louca.

—Eu preciso pegar ele, — disse Monster. —Ele não vai conseguir sozinho. Vou ajudar ele a sair primeiro, no entanto, se você precisar...

—Está tudo bem, — disse ela. —Eu posso andar.

Uma mão escorregou na dela e ela olhou para ver Jess parada ao seu lado.

—Vamos, — disse a outra mulher, puxando Lily, ainda em estado de choque e cambaleando, em direção ao buraco no vidro do qual Rodriguez pretendia escapar. —Vamos.

Ela olhou ao redor descontroladamente, se certificando de que Monster estava bem atrás delas. Ele ergueu o homem ferido em seus braços e a seguiu de perto enquanto as duas mulheres saíam da estufa

e corriam para o ar fresco.

Uma rajada de tosse atingiu os pulmões de Lily e ela se curvou, ofegando por ar. Quando ela conseguiu se controlar novamente, ela olhou para trás em direção à casa.

Fumaça negra jorrava de todas as janelas agora. Eles foram cercados pelo som de vidro quebrando e coisas caindo.

Monster carregou Chapman a uma distância segura, e então todos eles cambalearam ao redor da propriedade, em direção à frente onde o fogo estava menos violento. Ele depositou o homem ferido no canto mais distante do muro de pedra que cercava o terreno e, em seguida, rasgou a manga da jaqueta que usava para enrolar o tecido e pressionar contra o ferimento de arma de Chapman.

Lily se lembrou da outra mulher, ainda esperando pacientemente ao seu lado. Ela se virou para puxar Jess para um abraço, e elas choraram nos ombros uma da outra.

—Muito obrigada, Jess, — disse ela quando finalmente conseguiu se controlar. —Eu não posso acreditar que você voltou.

Jess deu um sorriso fraco. —Depois de tudo que você fez por mim, eu não poderia simplesmente deixar você. Eu nunca teria sido capaz de viver comigo mesma.

—Ei Jess, — Monster chamou. —Você acha que pode assumir aqui por um momento?

Ela acenou com a cabeça e correu. —Claro.

Monster mostrou a ela como segurar a compressa contra a ferida de Chapman, e então se levantou e passou os braços em volta de Lily e a abraçou com força. Ela deixou de lado suas emoções, mais lágrimas escorrendo por seu rosto enquanto ela o deixava abraçá-la.

Mas Lily percebeu que eles ainda não estavam seguros.

—O que agora? — Ela perguntou a Monster. —Estamos a quilômetros de qualquer lugar, no meio do deserto, com uma casa em

chamas cheia de corpos. Pode demorar um pouco para alguém relatar o incêndio, mas em algum momento alguém vai notar a fumaça.

Dois veículos parados fora da casa, e Monster a deixou para verificar rapidamente os dois para ver se alguma chave havia sido deixada dentro. Ele balançou sua cabeça. Sem sorte.

—Não podemos voltar para dentro para tentar encontrá-las, — disse Lily. —Mas Chapman não ligou o carro na cidade onde ficava a base da Marinha?

—Sim, mas ele não será muito útil para nós agora.

Ela olhou para onde ele estava caído, sangrando e inconsciente.

—Droga!

—Vá embora, — Jess disse. —Eu vou ficar aqui com Chapman. Nos envie ajuda quando puder.

—Ir aonde? — Monster olhou ao redor. —Não há nada por milhas. Estamos no meio da porra do deserto no meio da noite.

—Havia um lugar, — disse Lily. —Eu vi no caminho para cá. Fica a alguns quilômetros de distância, talvez até dezenove, mas é uma loja ou um restaurante, não tenho certeza. De qualquer forma, teria um telefone. Podemos pedir ajuda.

—Para quem estamos ligando? — Perguntou Monster. —Os policiais? No minuto em que eles nos encontrarem com aqueles corpos, seremos presos por um longo tempo.

Jess balançou a cabeça. —Você não precisa ter estado aqui. Basta dizer que viu fumaça e depois saia novamente. Vou contar a eles que fui sequestrada e comprada, toda a história. Vou deixar você e Lily fora da história.

—E quanto aos cadáveres? Como você vai explicar isso?

—Vou apenas dizer que houve uma explosão e as pessoas começaram a atirar. Eu não sei mais nada. A polícia pode descobrir as

coisas por si mesma.

—E quanto a Chapman?

Ela olhou para ele, seus olhos se enchendo de lágrimas. —Vou dizer a eles que ele estava tentando me ajudar, mas não acho que ele precise se preocupar com a prisão.

Lily entendeu o que Jess estava dizendo. Ela não achava que Chapman iria sobreviver.

Eles não tinham muitas outras opções.

—Você deveria vir com a gente, — ela disse a Jess.

—Eu não posso. — Ela olhou para Chapman em seus braços e depois olhou de volta para Lily. Jess não queria deixar Chapman morrer aqui sozinho.

—E se um dos homens de Rodriguez voltar? — Disse Lily, se sentindo desesperada.

—Eles não vão. Eles estariam aqui agora. Se eu ouvir alguém chegando e não houver luzes azuis piscando, vou me esconder. Eles não esperam encontrar ninguém vivo.

Os olhos de Lily se encheram de novas lágrimas. —Eu prometi a você que não iria sair daqui sem você, e eu quis dizer isso.

—Às vezes é bom cuidar de si mesma, Lily. Você fez muito por mim. Por favor, vá embora. Nos envie ajuda, mas você vá para um lugar seguro. — Seus olhos se voltaram para Monster. —Vá para algum lugar seguro juntos. Você estava certa, ele veio atrás de você. Acho que nem todo mundo é ruim.

Lily sorriu para Monster. —Não, nem mesmo quando isso é tudo o que eles fazem.

Ela deixou o lado de Monster para se agachar ao lado de Jess e dar a ela um abraço final. —Fique segura, tudo bem? Eu acredito em você.

Jess devolveu o sorriso. —Eu também acredito em mim.

Odiando que ela estava abandonando Jess, Lily pegou a mão de Monster. —Eu nem tenho sapatos.

—Você pode ter o meu. Inferno, vou te carregar se for necessário.

—Não temos água. É o meio do deserto.

Ele apertou a mão dela. —É noite. Nós podemos fazer isso.

—Você está se recuperando de um ferimento à bala e ambos estamos sofrendo com a inalação de fumaça! — Ela estava se sentindo desesperada neste momento.

—Certo. Você fica aqui. Eu vou sozinho.

—Não! Não estamos nos separando. Agora não. Nunca mais.

Ele assentiu. —Você tem razão. Portanto, não temos escolha. Esperamos aqui até que os policiais apareçam e passemos o resto de nossas vidas na prisão, ou até que mais homens de Rodriguez apareçam para nos matar. Pessoalmente, vou me arriscar com o deserto.

Lily enxugou as lágrimas de seus olhos. —Sim, você está certo.

Como Sean e Chapman explodiram o gerador, os portões elétricos se abriram manualmente. De mãos dadas, eles caminharam por eles e saíram para a extensão do deserto circundante. A escuridão os cercou, as estrelas se estendendo infinitamente no céu noturno. A estrada à frente não passava de uma pista de terra empoeirada, e eles não podiam nem correr o risco de permanecer nela caso os policiais decidissem aparecer. Plantas suculentas e atarracadas cresciam em manchas na areia. Eles fariam bem em não tropeçar nelas, ou pisar nos letais espinhos locais que se projetavam da maioria.

—Espere um pouco, — disse Monster, agachando. Ele rapidamente desamarrou os cadarços das botas e as tirou. —Aqui, você os usa. Meus pés são mais resistentes que os seus.

—Não, você precisa deles. — Seu protesto foi apenas indiferente. Apenas andar da casa para os portões a fez morder o lábio toda vez que pisava em algo afiado. As solas já estavam doloridas do chão em chamas da casa, e ela tinha certeza de que já tinha bolhas, embora não quisesse verificar, caso parecesse horrível. —Tudo bem,— ela concordou, colocando os pés nas botas, que eram enormes e pareciam ridículas com seu minúsculo vestido preto.

Não era um desfile de moda, ela precisava ser prática. Agora que eles estavam longe do calor do fogo, ela descobriu que a noite do deserto estava fria e começou a tremer. Monster colocou o braço em volta dela, puxando ela para perto para compartilhar um pouco de calor corporal. A fumaça havia afetado seus pulmões e, à medida que sua respiração ficava mais difícil com o exercício de caminhar pelo deserto, sua tosse piorava. Monster tossiu também, e ela se preocupou com a ferida em seu ombro, e se ele começar a sangrar novamente.

Tudo estava contra eles. Eles teriam alguma chance de chegar a um lugar seguro?



Monster

(Dias atuais)



Eles precisavam se concentrar em dar um passo de cada vez.

Monster não sabia quanto tempo havia passado desde que eles começaram a andar, mas todo o seu corpo doía. Seus pulmões pareciam ter se contraído em punhos apertados, e cada respiração que ele dava o deixava em um ataque de tosse. Sua cabeça latejava, uma combinação dos efeitos colaterais das drogas que Sophia lhe dera, da fumaça e da desidratação e suas pernas estavam fracas. Cada passo enviava uma nova dor subindo pela sola de seus pés enquanto ele pisava em outra pedra afiada ou agulha de cacto, e ele sabia que eles estariam em pedaços quando chegassem ao seu destino.

Ele estava com o braço em volta de Lily. Ela se inclinou para o lado dele e, conforme o tempo passava, ele se sentia segurando ela cada vez mais, até sentir que ela mal estava de pé.

—É isso, — ele disse a ela, tentando manter ela animada. —Nós apenas temos que passar por esta última parte, e então estaremos seguros.

—Eu não posso, — ela sussurrou.

—Sim, você pode, — disse ele, forçando sua voz a soar mais forte do que ele se sentia. —Quando chegarmos a algum lugar seguro, vou preparar um banho de espuma quente para você, servir champanhe e te dar morangos.

—Não, — ela disse, rapidamente. —Não champanhe. Qualquer

coisa, menos champanhe.

Ele pensou ter sentido ela estremecer ao lado dele, mas ele percebeu que não era o momento de começar a questionar. Ela contaria a ele o que havia passado quando estivesse pronta, ou talvez decidisse não contar nada a ele. De qualquer maneira estava bom para ele. Ele a apoiaria de qualquer maneira.

—O que você quiser, — respondeu ele.

Eles continuaram andando, a casa em chamas de Rodriguez agora distante, apenas um leve toque de luz na escuridão dando qualquer pista de que algo estava em chamas. Ele esperava que Chapman e a outra mulher ficassem bem, mas não tinha muita esperança em Chapman. Ele tinha a sensação de que a garota, Jess, tinha mais coragem nela do que qualquer um deles tinha acreditado, e ele esperava que a coragem a ajudasse.

Lily de repente caiu ao lado dele, e ele a segurou antes que ela caísse. Ela era um peso morto em seus braços, e sua frequência cardíaca disparou em alarme.

—Lily? Flor?

Ela desabou e ele se abaixou no chão com ela em seus braços. Ela tremeu em seu aperto, e ele percebeu que ela estava chorando.

—Apenas vá, — ela chorou. —Me deixe. Eu não posso andar mais longe. Terminei.

Ele balançou sua cabeça. —Não. Eu não vou deixar isso acontecer. Você não está desistindo.

Lágrimas rolaram por suas bochechas. —Eu sinto muito, Merrick. Você continua. Volte para mim, se você puder. Você é mais forte que eu. Você consegue.

—Isso é besteira. Você é a pessoa mais forte que já conheci.

Ela soluçou. —Eu te amo muito.

Ele a puxou com mais força em seus braços, e ela se enrolou em seu pescoço, então ela enterrou o rosto contra ele. —Eu também te amo, Lily Drayton. Prefiro morrer aqui com você do que continuar sozinho.

Ele não iria deixar ela. Ele quis dizer o que disse, a vida não valia a pena ser vivida se ela não estivesse nela. A fraqueza fez seus membros tremerem. Seus pulmões queimavam com a inalação da fumaça e ele estava exausto a ponto de desmaiar. Ele não iria deixar ela, no entanto. Ele morreria antes que isso acontecesse.

Monster gentilmente se desvencilhou dela, e então se abaixou e puxou as botas dos pés de Lily. Ele calçou as botas. Ele assobiou no ar sobre os dentes quando várias bolhas e espinhos encontraram a sola da bota, causando uma nova dor. Ele teve sorte de não ter sido picado por um escorpião.

Ele se levantou e então pegou Lily em seus braços, embalando ela como uma criança. Embora ela não pesasse nada, sua própria fraqueza física fez com que seu peso dobrasse, e seu ombro gritou em protesto pelo esforço extra.

Ela gemeu, quase inconsciente. —Eu posso andar.

—Não seja ridículo. Cale a boca e faça o que mando pela primeira vez.

E pela primeira vez, ela o fez, seus dedos agrupados no material de sua jaqueta, literalmente se agarrando a ele pela sua vida.

Cada passo que dava era uma força da mente sobre o corpo, dizendo a si mesmo que ele poderia fazer isso. Ele *tinha* que fazer isso. Ele poderia se permitir morrer, mas de jeito nenhum ele iria deixar Lily morrer. Ela era a pessoa mais corajosa que ele já conheceu e merecia um futuro longo e feliz. Ele ia dar isso a ela, com cada pedacinho de sua alma, ele estava determinado a fazer isso acontecer para ela. Eles haviam passado por muito para simplesmente desistir e morrer aqui no meio do nada.

À frente, o céu começou a clarear. A manhã estava se aproximando. Ele não tinha ideia de quanto mais longe ele precisava ir ou o quão longe ele tinha vindo. Caminhar pela areia do deserto não era nada como andar no concreto ou correr em uma esteira. Cada passo exigia um esforço concentrado e suas pernas pareciam de chumbo. À medida que a luz aumentava, ele conseguia distinguir melhor a profusão de cactos no deserto. Mas então, ao longe, ele viu a forma inconfundível de um edifício quadrado.

Seu coração se ergueu, sua respiração acelerou. Ele não se atreveu a ter esperanças no caso de ser algum tipo de miragem, mas percebeu que seu ritmo estava aumentando, seus olhos fixos na forma à distância.

—Estamos quase lá, Flor, — ele disse a ela, sua voz rouca, embora ele não tivesse certeza se ela podia ouvir ele. —Apenas espere. Estamos quase lá.

Ao se aproximar, ele conseguiu distinguir o asfalto preto de uma estrada adequada. As luzes dentro do prédio já estavam acesas, alguém abrindo para o dia. Um homem em uma caminhonete estava sentado do lado de fora, o motor ligado. Ele os viu chegando e saltou do carro, cuspidando um palito que estava mastigando.

—Puta merda. De onde diabos vocês dois vieram?

—Por favor, — Monster conseguiu falar. —Chame a polícia e uma ambulância. Há um grande incêndio a cerca de dez quilômetros a oeste. As pessoas estão gravemente feridas.

—Puta merda, — ele repetiu antes de se virar e correr para dentro do prédio, uma campainha na porta tocando enquanto ele corria para dentro.

Monster esperou um momento para ter certeza de que o homem estava preocupado e então subiu na caminhonete, que o homem havia deixado com a porta aberta e o motor ligado. Ele colocou Lily no banco do passageiro, e ela se mexeu, abrindo os olhos.

—Está tudo bem, Flor. Estou tirando você daqui.

Ele engatou a marcha e pisou fundo no pedal, saindo do estacionamento do café em meio a uma nuvem de poeira. Na visão traseira, ele viu o homem correndo de volta, ambas as mãos no ar em um sinal de consternação e descrença.

Monster esperava que ele ainda chamasse a polícia, que eles verificassem o relatório do incêndio e enviassem ajuda para Chapman e Jess. Pegar a caminhonete significava que o homem definitivamente faria uma chamada para os serviços de emergência. Eles iriam procurar a propriedade, afinal, ele e Lily tinham claramente vindo de algum lugar, e se envolvido em um incêndio, então eles encontrariam os outros em breve. Ele se sentiu mal por não voltar para buscá-los, e ele sabia que Lily iria repreender ele mais tarde por não ir em seu resgate. Ela teria voltado, ele sabia que sim, mas ele precisava pensar sobre a segurança deles primeiro. Lily se preocupava em ajudar os outros, mas às vezes você precisava ser egoísta para sobreviver, e essa era uma dessas ocasiões.

Enquanto dirigia, deixando o café e a casa de Rodriguez bem para trás, ele considerou seu próximo movimento. Ele deixaria a caminhonete assim que pudesse encontrar um telefone e poderia ligar para um de seus contatos para obter ajuda. Ele conseguiria algum dinheiro e novas identidades transferidas para ele e Lily, e eles poderiam desaparecer enquanto se recuperavam.

Uma garrafa de água estava ao lado da porta do motorista. A garrafa havia sido aberta, mas considerando a situação, ele não achava que eles poderiam ser exigentes. Com uma mão, ele prendeu a garrafa entre os joelhos e removeu a tampa.

—Lily? Flor? Você pode beber um pouco de água? Você está desidratada.

Ela conseguiu acenar com a cabeça e segurou a garrafa com a ponta dos dedos enquanto ele a colocava em sua boca. Ela tomou alguns goles grandes e empurrou na direção dele. —Você também.

Sua garganta estava seca, se tornando difícil engolir, e seus olhos estavam doloridos e ásperos. Ele precisava ficar consciente para dirigir, então terminou o resto da água. Eles parariam para pegar mais assim que chegassem a outro posto de gasolina.

Lily se endireitou.

Ele olhou para ela, seu cabelo escuro desgrenhado ao redor de seu rosto, sua pele pálida e manchada de cinzas. O vestido preto curto ia alto em suas coxas, expondo as pernas longas e finas que ele tanto adorava. Seu coração se apertou de emoção por ela. Ele a protegia e pretendia nunca mais deixar ela.

—Onde estamos indo? — Ela conseguiu perguntar, sua voz calma.

—Eu não sei, mas isso nem importa. Vou garantir que percorreremos um longo caminho a partir daqui e que ninguém nos encontrará.

—Nós? Então, vamos juntos?

—Eu juro para você, eu nunca vou deixar ninguém ou nada nos separar novamente.



Monster

(Dias atuais)



Eles pararam em uma pequena cidade para permitir que Monster fizesse algumas ligações. Uma rápida busca no porta-luvas rendeu algumas notas de dez dólares, obviamente mantidas lá para emergências, embora sejam do proprietário em vez da deles, então Monster foi capaz de conseguir algo para comer e outra coisa para beber.

—A ajuda não vai demorar, — disse ele, enquanto se sentavam em uma lanchonete, tentando ignorar todos os olhares curiosos que estavam recebendo. Ele encontrou uma jaqueta no banco de trás da caminhonete e a usou para cobrir a jaqueta rasgada e manchada de sangue que havia tirado da casa de Sophia, mas não havia nada que pudessem fazer sobre os pés descalços de Lily no momento. Ela foi ao banheiro e lavou o pior do sangue e das cinzas do rosto e das mãos. Ela usou papel higiênico para embrulhar os dedos feridos, embora felizmente os cortes fossem todos superficiais. Era o melhor que podiam fazer no momento. Eles haviam estacionado a caminhonete a vários quarteirões de distância em um beco lateral, na esperança de que ninguém percebesse que era um veículo roubado ou que eles eram os responsáveis pelo roubo.

—Tem certeza de que pode confiar nessa pessoa para quem ligou? — Ela perguntou, sua voz subjugada. —Ainda estou com medo de que alguém nos denuncie ou mande homens ainda piores do que Rodriguez atrás de nós.

Monster acenou com a cabeça e estendeu a mão para pegar sua mão ilesa sobre a mesa. —Sim, é isso que ele faz como trabalho. Ele

cria pacotes de fuga para situações como essa. Eu o planejei assim que soube que viria para os Estados Unidos.

—Quanto tempo ele vai demorar?

—Uma hora, talvez menos. Nós apenas temos que esperar.

—E então?

—Vamos fazer o que você sugeriu no hotel. Eu deveria ter ouvido você então. Eu deveria sempre ter ouvido você, — disse ele. —Vamos correr. Eu não me importo onde. Podemos continuar avançando, se for o que precisamos fazer. Vamos conseguir novas identificações, ainda tenho algumas pessoas em quem posso confiar e vamos deixar tudo isso para trás e começar em algum lugar novo.

—E quanto aos negócios do seu pai? E a sua casa?

Ele balançou sua cabeça. —Se essas últimas semanas me ensinaram alguma coisa, é que não devo nada àquele homem. Eu nunca fiz. Não sei por que estava tão focado em ser o homem que meu pai me criou para ser, quando tudo o que ele queria era um filho duro e frio o suficiente para entregar tudo a ele. Era assunto do meu pai, não meu. Depois de tudo que passei em suas mãos, gostaria de ver o lugar totalmente queimado. — Ele passou a mão pelo rosto, como se tudo isso o tivesse exaurindo. —Desde que nos conhecemos, todas as coisas que ele costumava fazer comigo voltaram à tona. Não sei se estive suprimindo muitas das memórias da minha infância ou se estou apenas vendo elas sob uma nova luz, mas enquanto isso acontece, eu sabia que estava triste e assustado, mas não conheço de forma diferente. Achei que havia algo terrivelmente errado comigo e que merecia ser tratado da maneira como ele me tratou. Só que agora que você está na minha vida me pego me perguntando como um homem pode ter feito aquelas coisas com seu próprio filho. Eu entendo o que é o amor agora, onde nunca antes, porque você entrou na minha vida, Lily. Como ele me tratou nunca foi feito por amor. Quero dizer, ele assassinou minha mãe não muito tempo depois que eu nasci e me manteve no mesmo quarto onde ela morreu. Que tipo de psicopata

doente faz isso com seu próprio filho? Não era de se admirar que eu não tinha ideia de como tratar outras pessoas antes de te conhecer. Parte de mim gostaria que ele ainda estivesse vivo para que eu pudesse obter respostas, mas então eu só gostaria que ele morresse de novo.

A mão dela apertou a dele e ela olhou para ele, seus olhos brilhando com lágrimas. —Eu sinto muito, Merrick.

Ele deu um sorriso triste. —Mas então, se eu não tivesse passado por tudo isso, eu nunca teria conhecido você.

—Nossos caminhos poderiam ter colidido de uma maneira diferente, — ela sugeriu suavemente.

—Talvez, mas seríamos as mesmas pessoas? Não sei. Gostaria de voltar e tirar todas as coisas ruins que já aconteceram com você, mas acho que talvez comecei a fazer as pazes com quem sou agora. Nunca serei perfeito, mas pelo menos estou melhorando.

—Sim você é. Nós dois somos.

—Então, o que você acha? — Ele disse hesitantemente, como se estivesse preocupado que ela o rejeitasse. —Devemos deixar tudo isso para trás e começar de um lugar novo?

—Como gente nova?

—Sim. Ainda existem muitas conexões ruins por aí, e eu odiaria te colocar na linha de visão de alguém novamente.

—Então, outros ainda podem vir atrás de nós? — A preocupação encheu seus olhos.

—É uma possibilidade, sim. Rodriguez foi um homem importante, embora eu espere que outros fiquem felizes em vê-lo partir, em vez de se preocuparem em vingar sua morte. Tenho certeza que se conseguirmos novas identidades, ninguém vai nos incomodar novamente.

—Eu não me importo nem se tivermos que continuar andando, —

disse ela. —Contanto que eu esteja com você.

Ele se inclinou sobre a mesa e a beijou, em seguida, encostou a testa suavemente na dela. —Prefiro correr todos os dias pelo resto da minha vida com você ao meu lado do que passar um único dia sem você.



Lily

(Seis meses depois)



A menina olhou para si mesma no pequeno espelho de mão. Ela ergueu a mão para tocar a área tratada em sua testa, mas uma voz a deteve em seu caminho.

—Não toque, — disse Lily suavemente. —Você deve deixar curar.

A garota se virou para Lily e deu um sorriso largo, dentes brancos e brilhantes em seu rosto moreno. A mãe da menina estava por perto, e Lily entregou o creme que sua filha precisaria aplicar na marca de nascença que desaparecia rapidamente.

—Obrigada, — disse a mãe, em um inglês com forte sotaque. — Você é muito gentil.

Lily sorriu. —De nada. Você tem uma garota especial aqui. Ela merece um rosto lindo para combinar com sua alma.

—Obrigada, — disse a mãe da menina novamente.

A mãe e a criança se deram as mãos enquanto saíam do consultório de Lily.

A clínica estava muito longe das paredes esterilizadas e do prédio alto onde ela trabalhava em Los Angeles. Agora ela trabalhava em uma cabana de madeira em um pequeno vilarejo de Gana e só tinha eletricidade por três horas por dia. Levou um mês para se acostumar com o calor, especialmente em sua condição atual, mas aos poucos ela começou a se aclimatar.

Monster apareceu na porta aberta, encostado na moldura, com os

braços cruzados. A luz do sol estava forte e brilhante em suas costas, e Lily agradeceu a sombra da cabana.

—Você está pronta para o almoço? — Ele perguntou a ela.

Lily sorriu. —Sempre.

Ele caminhou em direção a ela e puxou ela para um beijo, antes de se afastar e colocar a mão sobre a protuberância agora proeminente de sua barriga. —E esse carinho?

Ela riu. —Ele está sempre pronto para almoçar e jantar e café da manhã, e praticamente qualquer refeição que eu possa colocar entre eles.

Monster se curvou e acariciou seu pescoço, sua mão escorregando de sua barriga e indo para seu traseiro, dando a ela um aperto apreciativo. —Eu gosto quando você come assim. Mais de você para se apossar.

Lily riu de novo, algo que ela vinha fazendo muito ultimamente. Ela era definitivamente muito mais redonda do que há alguns meses. A gravidez estava combinando com ela. Apesar de estar ridiculamente feliz por estar carregando o filho de Merrick, ela se preocupava em não estar fazendo a coisa certa em relação ao bebê por estar aqui em Gana, e sua experiência passada assombrava seus sonhos à noite. Eles concordaram que viajariam para a Europa mais perto da data prevista para o nascimento do bebê para garantir que estivessem em um hospital particular quando chegasse a hora, mas por enquanto, contanto que ela tomasse precauções, como sempre usar o mosquiteiro à noite e observando o que ela comia, os médicos garantiram que não havia razão para que ela não pudesse ter uma gravidez perfeitamente saudável aqui em Gana. Eles já haviam feito a consulta de 20 semanas e disseram que o bebê era um menino. A notícia os deixou felizes. Um filho para Merrick, que agora era conhecido como Jonathan, para tentar consertar o buraco pai-filho que seu pai havia deixado em seu coração, e para ela não sentir como se estivesse substituindo sua filha bebê. Era tão difícil não pensar naquela época, não passar cada

segundo de sua gravidez se preocupando com que algo estivesse errado com seu bebê também, e ela o perderia. Não importava o quanto os médicos a tranquilizassem, ela sabia que o medo sempre estaria lá, e provavelmente estaria mesmo quando ele crescesse e se tornasse um homem jovem.

Uma vez que você conheceu a perda, o medo dela nunca foi embora.

Assim que ela e Monster receberam seus pacotes de fuga, e puderam deixar a América com novos nomes, Lily começou a vasculhar as notícias em busca do que tinha acontecido com Jess e Chapman. Ela ficou apavorada se descobrisse que alguns dos homens de Rodriguez haviam retornado e assassinado os dois, sabendo que ela se culparia, e em parte Monster também, por suas mortes.

Ela ficou aliviada ao descobrir que os dois sobreviveram. Chapman passou vários dias em coma, mas teve uma recuperação completa. A história era que ele não apenas resgatou as meninas traficadas do contêiner no porto, mas também rastreou Jess até a propriedade no deserto. Quando ele chegou, ele ouviu tiros e o lugar estava pegando fogo. Ele resgatou Jess, levando uma bala ao fazer isso, e escapou do prédio. Jess corroborou sua história e Chapman foi celebrado como uma espécie de herói.

Ela queria voltar a ter contato com eles, em particular com Jess, mas Monster tinha avisado que fazer isso poderia colocar todos em perigo. Se houvesse alguma chance de Jess ainda estar sendo observada, improvável, mas possível, qualquer contato poderia alertar alguém de que eles ainda estavam vivos.

Por mais que ela quisesse falar com Jess novamente, e deixar ela saber que ela ainda estava pensando nela, cuidar de Monster e a nova vida crescendo dentro dela precisava ter prioridade. Quando ela leu sobre as lutas que inúmeras crianças ganenses estavam tendo para tratar as marcas de nascença, ela sabia onde eles deveriam parar. Eles tinham muito dinheiro para montar a pequena clínica e ela conseguiu voltar a trabalhar. Além disso, ninguém pensaria em procurar por ela

e Monster aqui.

Monster, Merrick, embora conhecido como Jonathan agora, ajudava tanto no trabalho físico quanto como alguém que podia se comunicar com as crianças que tratavam em um nível pessoal. Com a linguagem que aprendeu, ele foi capaz de explicar a eles como sua marca de nascença era ainda pior do que a de muitos deles, e que Lily, agora conhecida como Rosa, o ajudara a se curar.

Ajudou os jovens a ver Merrick, mesmo que ele não tivesse o mesmo tom de pele que eles. Ver alguém como ele vivendo uma vida plena, com uma mulher e um bebê a caminho, deu a eles esperança de que nem sempre seriam tratados como párias. Muitas outras instituições de caridade não tocariam nas crianças afetadas. Era muito mais difícil tratar a pele africana do que a caucasiana, pois a quantidade de pigmentação na pele afetava a maneira como o laser funcionava. Quando o laser focalizou a pigmentação, ela tinha que ter cuidado, pois o laser não tornava as coisas piores, em vez de melhores. A pele negra frequentemente apresentava cicatrizes, criando manchas ainda mais escuras, e as cicatrizes eram levantadas, o que tornava as coisas mais difíceis. Mas a vasta experiência de Lily significava que ela sabia exatamente que tipo de laser usar para minimizar cicatrizes. Mesmo que ela não fosse capaz de remover totalmente todas as marcas de nascença, às vezes elas estavam além de um laser e precisavam de tratamento cirúrgico, ela poderia pelo menos ajudar essas pobres crianças a se sentirem melhor consigo mesmas e torná-las mais aceitáveis para o resto dos moradores.

Lily estava fazendo o que amava, ajudando os outros, e Monster estava fazendo o que amava por estar com Lily.

Ele colocou a mão de volta na barriga dela novamente, e a pequena vida sob sua palma deu um pequeno chute, fazendo os dois sorrirem.

—Vamos ficar bem, não vamos? — Ela perguntou, ainda precisando de garantias.

Ele a puxou para perto e a beijou profundamente. Vozes infantis riram de fora e eles quebraram o beijo para ver um pequeno grupo de crianças da aldeia segurando as mãos sobre a boca para abafar o riso. Monster fez uma careta para eles, e todos fugiram com um grito de medo fingido.

—Sim, — ele disse, —eu sei que iremos. Não estou dizendo que as coisas serão fáceis para nós, nunca foram, mas vamos trabalhar nisso. A vida é difícil e vamos encontrar alguns solavancos no caminho. — A mão dele cobriu seu estômago novamente. —Mesmo esse garotinho vai nos causar alguns problemas, e haverá momentos em que vamos brigar e provavelmente nos ressentir um pouco, mas enquanto ficarmos juntos, ficaremos bem.

Ela sorriu. —Você promete?

Ele colocou sua testa na dela. —Eu prometo. Por mais louco que pareça, acredito que fomos feitos para isso. Você e eu juntos.

—Um monstro e uma flor, — disse ela.

Ele a beijou suavemente. —A combinação perfeita.

O FIM



Sobre a autora



Marissa Farrar sempre foi apaixonada por estar apaixonada. Mas como ela está casada há vários anos e tem três filhas pequenas, ela conduziu seus casos de amor com vários homens lindos de persuasão fictícia.

Autora de mais de trinta romances, é autora em tempo integral há seis anos. Ela escreve predominantemente romance paranormal e fantasia urbana, mas também se ramificou na ficção contemporânea.